

Universidades Lusíada

Martinho, Maria Júlia Costa Marques

Eficácia da psicoterapia em serviços assistidos por equinos na promoção do ajustamento socioemocional e da autonomia de crianças e adolescente : estudo de revisão sistemática

<http://hdl.handle.net/11067/6639>

Metadados

Data de Publicação

2022

Resumo

A evidência tem vindo a suportar, de forma crescente, a eficácia da psicoterapia assistida por equinos. Contudo, a operacionalização deste tipo de intervenção terapêutica e as designações sob as quais surge na literatura são marcadamente heterogêneas. Verifica-se, por isso, uma necessidade emergente de investigação controlada que suporte os ganhos terapêuticos potenciados por este tipo de intervenção. Com vista a responder a esta necessidade, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, ...

Evidence has increasingly supported the effectiveness of equine-assisted psychotherapy. However, the operationalization of this type of therapeutic intervention and the designations under which it appears in the literature are markedly heterogeneous. Therefore, there is, an emerging need for controlled research which supports the therapeutic gains associated with this type of intervention. To respond to this need, a systematic review of the literature was performed to assess the effectiveness of...

Palavras Chave

Psicologia, Psicologia clínica, Psicoterapia - Equinos - Aspectos terapêuticos, Psicoterapia do Adolescente - Equinos - Aspectos terapêuticos, Bem-estar emocional - Adolescentes - Crianças, Autismo - Equinos - Aspectos terapêuticos, Hiperactividade - Equinos - Aspectos terapêuticos

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T06:33:17Z com informação proveniente do Repositório



Universidade Lusíada
Porto

Eficácia da psicoterapia em serviços assistidos por equinos na promoção do ajustamento socioemocional e da autonomia de crianças e adolescentes: estudo de revisão sistemática

Dissertação de Mestrado em **Psicologia Clínica**

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada

PORTO, 2022

Maria Júlia Costa Marques Martinho



Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada



Universidade Lusíada
Porto

Eficácia da psicoterapia em serviços assistidos por equinos na promoção do ajustamento socioemocional e autonomia de crianças e adolescentes: estudo de revisão sistemática

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada

PORTO, 2022

Maria Júlia Costa Marques Martinho

Trabalho efetuado sob a orientação do/a
Professora Doutora Mariana Lopes de Sousa



**Instituto de psicologia e
Ciências da Educação**
Universidade Lusíada

Agradecimentos

A presente dissertação associa um gosto pessoal pelo cavalo e por todo o seu potencial terapêutico à prossecução continua de melhoria da prestação de cuidados. Encerra um percurso difícil com múltiplos desafios pessoais, mas ao mesmo tempo possibilita vislumbrar novas possibilidades e oportunidades.

Esta descoberta constante que almejo e me anima, devo-a aos meus pais, que sempre me incitaram a querer superar a cada momento.

E porque o caminho não se faz sozinho, gostaria de agradecer à minha família, todo o suporte e dedicação com os quais me brindam todos os dias.

À minha mãe pela força e exemplo.

Às minhas filhas que me projetam a esperança.

Ao meu irmão, cunhada e sobrinhos pelo amor incondicional.

Aos meus amigos, que não deixam de estar presentes.

Aos meus professores, que constituíram um exemplo de profissionalismo possibilitando aprender, mas principalmente porque me respeitaram e souberam dar nos momentos certos o que precisei. O meu especial agradecimento à Professora Doutora Mariana Sousa, pela paciência, dedicação, suporte e apoio nos momentos de maior dificuldade, exemplo de rigor e de exigência que alicerçam este trabalho.

Aos meus colegas por resistirem aos desabafos.

A todos os que eventualmente omiti, mas dão o seu contributo diariamente para me acrescentar, agradeço com o coração repleto de reconhecimento.

Índice

	Página
Introdução.....	02
A psicoterapia assistida por equinos: enquadramento concetual e histórico no contexto das intervenções terapêuticas com recurso a equinos.....	06
Abordagens no âmbito da psicoterapia assistida por equinos: a EAP e a EFP.....	08
A psicoterapia assistida por equinos (EAP).....	09
A psicoterapia facilitada por equinos (EFP).....	10
Continuidades e descontinuidades entre a EAP, a EFP e a psicoterapia que utiliza equinos como recurso terapêutico.....	15
Psicoterapia assistida por equinos versus equitação orientada para prossecução de objetivos terapêuticos.....	17
A imprecisão da terminologia utilizada para designar as intervenções assistidas por equinos	18
A relevância da psicoterapia assistida por equinos na promoção do ajustamento socioemocional, autonomia e funcionalidade de crianças e adolescentes.....	19
Objetivos.....	22
Método.....	22
Protocolo da revisão sistemática da literatura	24
Questões orientadoras do estudo	25
Critérios de inclusão.....	26
Critérios de exclusão	27
Estratégia de recolha de dados	27

Processo de elegibilidade dos estudos	30
Avaliação da qualidade metodológica dos estudos	32
Extração de dados	33
Resultados	35
Estudos que avaliam a eficácia da EAP	35
Estudos com crianças com Perturbação do Espectro do Autismo (ASD)	37
Estudos com crianças com Perturbação de Hiperatividade/Défice de	
Atenção (PHDA).....	38
Estudos com crianças com problemas de comportamento	39
Estudos com estudantes incluídos em programas alternativos de	
educação e estudantes em programa tradicional	40
Estudos com crianças expostas às problemáticas do uso de substâncias	
por parte dos pais	41
Estudos sobre a eficácia da psicoterapia assistida por equinos em	
crianças com padrão de vinculação inseguro.....	42
Estudos realizados em Portugal	43
Estudos que avaliam a eficácia das intervenções baseadas na abordagem	
EFP	45
Estudos com adolescentes em risco	46
Estudos com adolescentes com PSPT	48
Estudos com intervenções com crianças e adolescentes abusados	
sexualmente	49
Estudos com adolescentes com perturbações emocionais	50
Estudos com adolescentes com perturbação por abuso de substâncias.	50
Discussão.....	52

Articulação entre as questões orientadoras da revisão e a inferência dos estudos.....	59
Implicações práticas	64
Limitações do estudo	66
Conclusão.....	66
Referências	67
Anexos	104
Anexo A – Qualidade metodológica dos estudos incluídos na RSL.....	105
Anexo B – Concordância entre revisores.....	108
Anexo C – Síntese dos Estudos incluídos na RSL com abordagem EAP.....	111
Anexo D – Síntese dos estudos incluídos na RSL com abordagem EFP.....	118
Anexo E – Síntese do estudo publicado em Portugal sob a forma de artigo.....	125
Anexo F – Síntese dos estudos realizados em Portugal e apresentados sob a forma de dissertação.....	127

Índice de tabelas

	Página
Tabela 1 Características associadas à psicoterapia assistida por equinos.....	16
Tabela 2 Questão PICOT.....	24
Tabela 3 Desconstrução da pergunta do estudo	28
Tabela 4 Resumo do processo de seleção dos estudos – artigos publicados.....	29
Tabela 5 Resumo do processo de seleção dos estudos – teses e dissertações.....	30
Tabela 6 Estudos incluídos na revisão de abordagem EAP.....	36
Tabela 7 Estudo português sobre a eficácia da EPE realizado em Portugal.....	43
Tabela 8 Estudos incluídos na revisão de abordagem FP.....	47

Índice de figuras**Página**

Figura 1	Visão geral das definições de atividades e terapias assistidas por equinos, de acordo com a PATH (2016).....	8
Figura 2	Terminologia recomendada para classificar os diferentes serviços assistidos por equinos.....	19
Figura 3	Processo geral da RSL.....	24
Figura 4	Diagrama do processo de seleção dos estudos – Prisma Flow Diagram..	31
Figura 5	Visão geral das definições de atividades e terapias assistidas por equinos (EAAT) de acordo com PATH (2016).....	34

Resumo

A evidência tem vindo a suportar, de forma crescente, a eficácia da psicoterapia assistida por equinos. Contudo, a operacionalização deste tipo de intervenção terapêutica e as designações sob as quais surge na literatura são marcadamente heterogêneas. Verifica-se, por isso, uma necessidade emergente de investigação controlada que suporte os ganhos terapêuticos potenciados por este tipo de intervenção. Com vista a responder a esta necessidade, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, com o objetivo de documentar a evidência sobre a eficácia a psicoterapia assistida por equinos na promoção do ajustamento socioemocional e da autonomia de crianças e adolescentes. Pretende-se que esta revisão contribua para a definição de diretrizes orientadoras da prática clínica neste domínio. O processo de revisão teve por base o modelo concetual da Cochrane. Duas revisoras garantiram a avaliação dos estudos em termos de contribuição para a questão de investigação. Foram identificados dezassete estudos: nove no âmbito da psicoterapia assistida por equinos e oito no âmbito da psicoterapia facilitada por equinos. A reduzida dimensão das amostras e a ausência de grupos de controlo condicionaram a formulação de recomendações para a prática clínica. No entanto, o aumento de estudos que denotam uma preocupação crescente com o rigor metodológico e a uniformização da terminologia utilizada para designar estas intervenções leva a crer que poderá ser possível, a curto prazo, obter uma tradução mais robusta da eficácia da psicoterapia assistida por equinos.

Palavras-Chave: Eficácia, Psicoterapia Facilitada por Equinos, Psicoterapia Assistida por Equinos, ajustamento socioemocional, revisão sistemática.

Abstract

Evidence has increasingly supported the effectiveness of equine-assisted psychotherapy. However, the operationalization of this type of therapeutic intervention and the designations under which it appears in the literature are markedly heterogeneous. Therefore, there is, an emerging need for controlled research which supports the therapeutic gains associated with this type of intervention. To respond to this need, a systematic review of the literature was performed to assess the effectiveness of equine-assisted psychotherapy in promoting socio-emotional adjustment and autonomy in children and adolescents. This review also aims at contributing to the definition of guidelines to clinical practice in this field. The review process was based on the Cochrane conceptual model. Two reviewers assessed of studies regarding their contribution to the research question. Seventeen studies were identified: nine studies within the scope of equine-assisted psychotherapy and eight within the scope of equine-facilitated psychotherapy. The small sample size and the absence of control groups conditioned the formulation of recommendations for clinical practice. However, the increasing number of studies reflecting a growing concern over the methodological rigor and the standardization of the terminology in this field suggests that it may be possible, in the short term, to obtain a more robust translation of the effectiveness of equine-assisted psychotherapy.

Keywords: Effectiveness, Equine-Facilitated Psychotherapy, Equine-Assisted Psychotherapy, socioemotional adjustment, systematic review

Siglas e abreviaturas

AEE - Association for Experience Education

ASD - Perturbação do Espectro do Autismo

EAGALA - Equine Assisted Growth and Learning Association

EAL - Equine Assistant Learning

EAP - Psicoterapia Assistida por Equinos

EAT - Equine-Assisted Therapy

EFP - Psicoterapia Facilitada por Equinos

EPE - Equitação Psico-Educacional

EUA – Estados Unidos da América

GAF - Escala de Avaliação Global de Funcionamento da Criança

HETI - Federation of Horses in Education and Therapy International

HP - Hipoterapia

PATHint - Professional Association of Therapeutic Horsemanship International

PBI - Intervenção Precoce Baseada em Brincar

PEP-R - Psychoeducational Profile Revised

PHDA - Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção

RCAAP - Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal

RSL – Revisão Sistemática da Literatura

RT - Therapeutic Riding

TCC - Terapia Cognitivo Comportamental

TEACCH - Treatment and Education of Autistic and related Communication

Handicapped Children

WHO - World Health Organization

Introdução

Os serviços assistidos por equinos surgiram na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA), na década de 1990. A partir de 2003, disseminaram-se na Austrália e em diversos países da América do Sul, Ásia e África (Bachi, 2012; Path International, 2022). Atualmente, os benefícios destes serviços são amplamente reconhecidos (Brandt, 2013; Stapleton & Grimmer, 2021; Wilson, 2012).

Boris Levinson (1969) foi o primeiro psicólogo a documentar os benefícios terapêuticos da interação de um animal (i.e., um cão) com crianças com Perturbação do Espectro do Autismo, reportando a existência de marcados ganhos nas competências sociocomunicacionais como resultado desta intervenção terapêutica (Parshall, 2003).

Meyers, et al. (2007) sustentam que, apesar de o ser humano utilizar, desde sempre, os animais domésticos sob uma ótica de companhia e conforto, é no século XVII, que se encontram documentada, na literatura médica, o recurso ao cavalo para minorar o que o autor designou como ‘distúrbios nervosos’ e que os animais domésticos, foram incorporados nalguns tratamentos, no Quaker York Retreat, um centro psiquiátrico situado em Inglaterra.

Nos últimos 50 anos, os serviços que incorporam cavalos para complementar, ou oferecer alternativas, a abordagens terapêuticas mais tradicionais, com o intuito de dar resposta as necessidades psicoafectivas e motoras, diversificaram-se e expandiram-se. A par do crescimento exponencial, registou-se a proliferação de termos pouco claros e imprecisos para nomear e descrever esses serviços (Wood et al., 2021), criando obstáculos à sua

afirmação científica (Fry, 2013; Lessick et al., 2004; White-Lewis, 2020).

Surgiram várias intervenções terapêuticas com recurso ao equino, que divergem em função dos objetivos para os quais se orientam e na metodologia em que se suportam.

A evidência científica tem-se demonstrado insuficiente para documentar a eficácia destas intervenções, quer devido à ambiguidade na definição de conceitos, quer às fragilidades metodológicas que comprometem a generalização dos resultados obtidos (Kendall, 2015; Maujean et al., 2015; Pérez-Gómez, et al., 2021; Trzmiel et al., 2019). São, preponderantemente, descritos os benefícios físicos decorrentes deste tipo de intervenção, em detrimento dos aspetos psicossociais (Jones, 2017; Masini, 2010; Sterba, 2007).

No âmbito das intervenções com recurso ao equino, destaca-se a psicoterapia assistida por equinos, sobre a qual incide o presente estudo, que apresenta numerosas potencialidades (Frewin & Gardiner, 2005; Hallberg, 2018; Koekemoer, 2016).

O equino proporciona um contexto facilitador para a consecução dos objetivos terapêuticos, uma vez que a interação com os cavalos contribui para envolver as/os clientes, de forma menos estigmatizante, nos cuidados de saúde mental, bem como para motivar a participação e cooperação no processo terapêutico (Arrazola & Merkies, 2020; Bachi, 2013; Penalva, 2021). Viabiliza o contacto com atividades multissensoriais que promovem a consciência corporal. Potencia, de igual modo a mobilização de um espectro amplo de competências, o que tende a resultar numa consciência do *self*, da/o outra/o e do mundo acrescida (Stapleton & Grimmett, 2021).

Com efeito, e contrariamente às abordagens tradicionais da psicoterapia,

a psicoterapia assistida por equinos tende a promover uma permanente dialética entre o corpo, as emoções e as competências do sujeito. O cavalo possui qualidades terapêuticas singulares que promovem mudanças únicas (Clark, 2021). A equitação terapêutica fornece material útil que pode facilitar a construção de metáforas que permitam representar questões relevantes na vida dos indivíduos (Plume, 2016).

Apesar de, nas últimas décadas, o recurso ao equino nas intervenções terapêuticas, ser, cada vez mais, reconhecido como uma abordagem emergente, inovadora e com resultados positivos na promoção do ajustamento socioemocional e da autonomia de crianças e adolescentes (Hoagwood et al., 2017; Lentini & Knox, 2015;), verifica-se uma marcada heterogeneidade na sua implementação em contexto terapêutico (Srinivasan et al., 2018). A diversidade de designações sob as quais esta abordagem terapêutica surge tem funcionado como óbice à sua disseminação (Wood et al., 2021).

Em 2020, a Federation of Horses in Education and Therapy International (HETI) sinalizou a necessidade de estruturar uma base de dados internacional sobre a terminologia vigente neste domínio, assim como de uniformizar esta terminologia, por forma a acautelar o seu rigor teórico e metodológico. Para dar resposta a esta necessidade, conduziu uma investigação envolvendo cerca de 500 destinatários de serviços com recurso a equinos, em vários países, com objetivo de analisar o percurso formativo e qualificações das/os técnicas/os que desenvolvem este tipo de intervenção, e de sistematizar os termos utilizados para descrever os serviços por elas/es prestados, a fim de viabilizar a criação de um glossário internacional. O processo culminou na formulação de várias recomendações de terminologia e, no desaconselhamento de termos específicos,

que foram objeto de publicação, para assegurar a sua disseminação na comunidade clínica e científica (Woods et al., 2021).

A par da investigação efetuada pela HETI, foram realizadas algumas revisões de literatura (Peters & Wood, 2017; Trzmiel et al., 2019) que, embora ofereçam suporte à eficácia deste tipo de abordagem terapêutica, enfatizam a escassez de investigação controlada neste domínio (Bachi et al., 2012; Hoagwood et al., 2017; Lee et al., 2016; Melo et al., 2021). Afigura-se, por isso, de extrema importância realizar uma revisão de literatura que integre as modalidades anteriormente eram denominadas como psicoterapia assistida por equinos (EAP) e psicoterapia facilitada por equinos (EFP), que são, atualmente, designadas como ‘psicoterapia no contexto dos serviços assistidos por equinos’, de modo a sistematizar a evidência que sustenta a eficácia desta abordagem terapêutica.

Considerando o reduzido número de estudos que versam sobre a psicoterapia assistida por equinos e a necessidade de sistematizar a evidência que suporta a eficácia deste tipo de intervenção, será realizada, no âmbito do presente estudo, uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de identificar, selecionar e avaliar criticamente os resultados terapêuticos potenciados pela psicoterapia em serviços assistidos por equinos na promoção do ajustamento socioemocional e da autonomia de crianças e adolescentes. Adicionalmente, pretende-se -se construir um glossário, para uniformizar a terminologia utilizada para designar este tipo de intervenção. Aliar uma proposta de homogeneização da linguagem utilizada neste contexto à compilação da evidência que documenta a eficácia desta abordagem terapêutica em patologias e populações específicas contribuirá para sustentar

cientificamente a prática clínica. Será, de igual modo, facilitadora do desenho de investigações centradas na comparação de resultados das intervenções pouco sustentados (Smoktunowicza et al., 2020).

A revisão da literatura, enquanto metodologia, permite identificar padrões e ligações entre os dados empíricos de diferentes estudos. Proporciona uma oportunidade privilegiada de sintetizar e avaliar criticamente a literatura (Alden et al., 2021; Gunnell et al., 2022; Snyder, 2019). Permite, também, à classe profissional aceder à sistematização de um espectro amplo de resultados orientadores da sua prática clínica (Kilminster & Jolly, 2000; Smith et al. 2011; Snyder, 2019).

De acordo com Tranfield et al. (2003), a revisão sistemática suporta-se num conjunto de procedimentos e técnicas que procuram minimizar o viés e o erro, proporcionando evidência de elevada qualidade. É um método sistemático, explícito e replicável, sobre uma área temática. Fornece informação importante para os processos de tomada de decisão no âmbito da prática clínica, contribuindo para a implementação e disseminação de intervenções baseadas na evidência empírica (Barrera & Spiegel, 2014; Mas-Expósito et al., 2013).

A psicoterapia assistida por equinos: enquadramento concetual e histórico no contexto das intervenções terapêuticas com recurso a equinos

A intervenção terapêutica com recurso a equinos é categorizada como terapia alternativa, complementar ou integradora (Borgi et al., 2015; Naste et al., 2018; Vermöhlen et al., 2018). A terapia alternativa reporta-se, segundo a definição proposta pelo National Center for Complementary and Integrative Health (2018), a uma intervenção que é utilizada como substituto do tratamento médico, enquanto a intervenção complementar surge como forma de suplementar

um tratamento médico convencional. As intervenções terapêuticas não convencionais que são combinadas com a intervenção médica são designadas como integradoras.

No que respeita ao enquadramento histórico da intervenção com recurso a equinos, os centros de equitação criados para a intervenção com indivíduos com diversidade funcional surgiram na Europa, no final da década de 1950 (Brock, 1989). O primeiro centro de equitação na América do Norte foi inaugurado no Canadá, em 1965. Nos Estados Unidos, os primeiros centros abriram na década de 1960 e 1970, respetivamente (Beiver, 1985; Brock, 1989). Estes centros foram criados especificamente para a intervenção com indivíduos com diversidade funcional, que apresentavam dificuldades no domínio motor. Tradicionalmente, a utilização dos cavalos em contexto terapêutico cingia-se às intervenções com indivíduos que apresentavam doenças físicas, ou seja, fisioterapia suportada no recurso ao movimento equino (Pugh 2010). Atualmente, os equinos são rentabilizados enquanto recurso terapêutico no contexto de diversas valências terapêuticas, como a terapia ocupacional, a terapia da fala, o aconselhamento psicológico (i.e., *counselling*) e a psicoterapia. São combinados os conhecimentos e as competências específicos de cada valência com a formação especializada na incorporação do cavalo no *setting* terapêutico, no intuito de de potenciar a saúde física e mental das/os clientes, a par da sua funcionalidade e autonomia (Wood et al., 2020). Os planos de intervenção são desenhados após a realização de um processo de avaliação, que é específico de cada valência. Neste plano, são definidos os objetivos terapêuticos, os instrumentos e estratégias que se afiguram mais benéficas para cada sujeito, tendo em consideração a forma de integrar o cavalo no trabalho a desenvolver (Boyd, 2013).

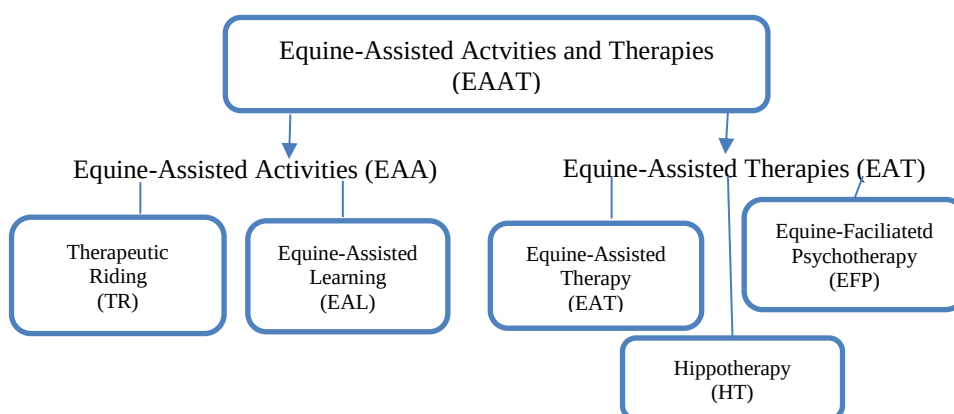
Na literatura, a expressão ‘psicoterapia assistida por equinos’ tem sido usada para descrever diversas modalidades terapêuticas que se alicerçam no recurso a equinos (Notgrass, 2011), o que gera, frequentemente, alguma confusão na definição do âmbito e objetivos desta abordagem da psicoterapia. A psicoterapia assistida por equinos envolve um/a psicólogo/a e um cavalo como recurso facilitador da terapia e contributo fundamental para a existência de ganhos terapêuticos (Notgrass & Pettinelli, 2015). A intervenção pode ser realizada em articulação com profissionais com formação e/ou experiência na intervenção com equinos, ou com outros/as assistentes, com o propósito controlar potenciais riscos associados à interação com o equino e sua utilização enquanto recurso terapêutico (EAGALA, 2022).

Abordagens no âmbito da psicoterapia assistida por equinos: a EAP e a EFP

A psicoterapia assistida por equinos escora-se em duas abordagens, a que subjazem diferentes objetivos e métodos: a psicoterapia assistida por equinos (EAP) e a psicoterapia facilitada por equinos (EFP) (ver figura 1).

Figura 1

Visão geral das atividades e terapias assistidas por equinos, de acordo com a PATH (2016)



Nota. Esta sugestão de taxonomização foi proposta por Anderson e Meints, em 2016, para enquadrar e sistematizar as diferentes atividades e intervenções terapêuticas assistidas por equinos, tendo por base a proposta da PATH. De “Brief Report: The effects of equine-assisted activities on the social functioning in children and adolescents with autism

spectrum disorder”, S. Anderson. e K. Meints, 2016, *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46, p.3345. Copyright 2016 by The Author(s)

Na revisão da literatura que será realizada, serão considerados os estudos que incidem sobre a avaliação de ambas as abordagens.

A psicoterapia assistida por equinos (EAP)

O desenvolvimento da EAP resultou, preponderantemente, da colaboração entre Kersten e Thomas (1997) que reconheceram a potencialidade da psicoterapia com recurso a equinos e procuraram definir diretrizes para a prática, por forma a contribuir para o seu reconhecimento e disseminação na comunidade clínica e científica (Buck et al., 2017). Após o término desta colaboração, Thomas criou a Equine Assisted Growth and Learning Association (EAGALA), em 1999, e continuou a investir na exploração das potencialidades da EAP (Notgrass & Pettinelli, 2014). O seu modelo convencionou a forma de conduzir a experiência e as atividades equinas, visando proporcionar interações entre as/os clientes e os cavalos, que são preparadas inteiramente no solo (Hurwitz, 2013; Schultz et al., 2007). Tem por base os princípios da Association for Experiential Education (AEE), que operacionaliza através da incorporação do cavalo na intervenção, o que confere a esta abordagem da psicoterapia uma marca identitária inconfundível (Mandrel, 2006). Por forma a dar-lhe visibilidade, a EAGALA desenvolveu manuais, orientações, um programa de formação e um código de ética que sustenta esta abordagem terapêutica (Buck et al., 2017). O modelo EAGALA está intimamente relacionado com a abordagem da Gestalt e a Terapia Humanista, com especial ênfase na Abordagem Centrada na Pessoa. Este método assenta na mobilização de metáforas, de atividades de resolução de problemas no contexto da interação com cavalos (EAGALA, 2012).

A EAP utiliza a interação com o cavalo como ferramenta para espelhar as

experiências da/o cliente, o que favorece a construção de metáforas terapêuticas facilitadoras da mudança psicológica (Klontz et al., 2007; Kovács et al., 2020). É uma intervenção orientada para prossecução de um conjunto específico de objetivos, com elevado grau de estruturação, conduzida por um/a profissional de saúde com formação específica na psicoterapia com equinos (Burton et al., 2019; Jegatheesan et al., 2018). É considerada uma psicoterapia breve, porque tende a ser operacionalizada através da implementação de programas reduzida a duração, centrados na resposta a necessidades específicas. As atividades desenvolvidas durante as sessões terapêuticas são realizadas no solo, estando a/o cliente desmontada/o (Pretcher, 2014). O objetivo é desconstruir as narrativas saturadas de problemas que potenciam a manutenção da vulnerabilidade socioemocional da/o cliente e limitam o seu funcionamento, por forma a potenciar a estruturação de narrativas alicerçadas na crença na possibilidade de construir mudanças positivas e orientadas para soluções (Latella & Abrams, 2015).

A EAP baseia-se nos princípios da Association for Experiential Education (AEE), mas inclui os cavalos para tornar a modalidade de educação experiencial única (EAGALA, 2022; Kersten & Thomas, 1997; Mandrell, 2006). O modelo da EAGALA constitui uma referência a nível mundial (Lee et al., 2016; Lee & Makela, 2018; Schultz et al., 2007). Do ponto de vista teórico-concetual, baseia-se nos princípios da teoria cognitivista (Beck, 2011), construtivista (Buckman et al., 2008) e das neurociências (Germer et al., 2013).

A psicoterapia facilitada por equinos (EFP)

A EFP configura-se como uma abordagem holística da intervenção, que incorpora aspetos físicos e psicológicos (Bachi et al., 2011; Lac, 2017; Trotter, 2012). Nesta abordagem da psicoterapia assistida por equinos, o cavalo é

concebido como um/a co-terapeuta, e não apenas como uma ‘ferramenta’ terapêutica (Schultz et al., 2007).

As atividades de limpeza e alimentação, preparação do cavalo para montar, colocação de arreios, condução do cavalo e de montagem do mesmo são, frequentemente, realizadas ao ar livre, uma vez que os ambientes exteriores tendem a ser percebidos como relaxantes e seguros (Bachi et al., 2011; Equuvation, 2022). Esta abordagem terapêutica facilita a construção da aliança terapêutica com o equino, e nalguns casos, com a/o instrutor de equitação (Bachi, 2013; Bachi et al., 2012; Tobin, 2020; Yorke et al., 2015; Zasloff, 2009). Facilita também, a desconstrução das expectativas em torno do processo terapêutico, bem como o envolvimento em interações positivas, através do equino. Potencia, deste modo, a diminuição da defensividade da/o cliente, o que exponencia a sua abertura para o processo de construção da mudança. Proporciona uma oportunidade privilegiada de reconexão com o corpo (Hallberg 2008; Karol, 2007; Turner, 2018).

De acordo com a Professional Association of Therapeutic Horsemanship International (PATH int., 2022), a EFP proporciona à/o cliente a oportunidade de ampliar a autoconsciência e de desenvolver competências que lhe permitam o desenvolvimento de padrões cognitivos, emocionais e comportamentais mais ajustados.

As sessões de EFP são, maioritariamente, sessões em formato individual, a menos que o envolvimento da família cumpra uma função do ponto de vista terapêutico.

Na EFP, o formato das sessões é desenhado em função das especificidades da casuística e dos objetivos de mudança que lhe são subjacentes (Ratliffe &

Sanekane, 2009; Schultz et al., 2006; Trotter et al., 2008; Turner, 2018). As primeiras sessões decorrem num *setting* terapêutico tradicional (i.e., gabinete de consulta). Nestas sessões é realizada uma avaliação inicial, com base na qual se identificam áreas de competência e de vulnerabilidade, e se desenha um plano de intervenção adequado face às necessidades de cada indivíduo. É importante que a/o terapeuta discuta com as/os clientes as suas experiências passadas com equídeos e a existência de algum tipo de desconforto face a interação com os mesmos (Rothe et al., 2005; Yorke et al., 2008).

Depois de finalizado o processo de avaliação, a/o cliente é apresentada/o ao cavalo, é realizada observação da dinâmica da manada, e são preparadas as tarefas estáveis e o trabalho de base (i.e., exercícios realizados no chão que se pedem ao cavalo para flexibilizar e estabelecer conexão cavalo-cavaleiro – i.e., baixar a cabeça, recuar), (Cepeda, 2011). As sessões de terapia incorporam, amiúde, breves momentos de *check-in*, que decorrem, antes e após cada sessão (Bachi, 2011; Cepeda, 2011). Nalguns momentos, e em fases estratégicas do processo terapêutico são realizadas num *setting* terapêutico tradicional (i.e., gabinete de consulta). No final do processo terapêutico, prepara-se a finalização do processo terapêutico e da interação com a/o terapeuta e o cavalo.

Na EFP, são, amiúde, incorporadas diversas estratégias e técnicas inscritas em diversos modelos teóricos, nomeadamente o cognitivo-comportamental, a terapia da Gestalt, a abordagem centrada na pessoa e a *play-therapy* (Acry et al., 2021; Kirby, 2010; Rothe et al., 2005; Schultz et al., 2006; Wharton et al, 2020). As estratégias inscritas no âmbito do modelo cognitivo-comportamental centram-se na alteração dos pensamentos automáticos e crenças disfuncionais. Visam desconstruir os esquemas em que estes se encontram incorporados, de modo a

ajudar o sujeito a adequar a expressão de emoções que lhes estão subjacentes e a promover a estruturação de padrões comportamentais mais ajustados (Beck, 2011). Pretendem desencadear mudanças continuas e graduais, auxiliando o/a cliente a integrar uma nova forma de lidar com o seu passado, as suas experiências atuais e as suas expectativas futuras. Procuram criar um ambiente securizante e acolhedor, que facilite a construção da aliança terapêutica (Craig et al, 2020; Holtcamp et al., 2021). Os/As clientes aprendem a identificar e a regular as suas emoções, ao enfrentar as dificuldades experimentadas na interação com o cavalo, o que lhes permite automonitorizar as emoções e conferir significado às suas reações emocionais. Ao confrontarem-se, paulatinamente, com as emoções reprimidas, aprendem que as emoções não são tão prejudiciais como pensavam, o que potencia a emergência e estruturação de um espectro amplo de mudanças cognitivas e comportamentais que, até então, não se tinham materializado (Whitely, 2009; Yorke et al., 2008).

Ainda no âmbito da operacionalização do modelo cognitivo-comportamental no contexto da EFP, a psicoeducação e a modelagem configuram-se como estruturantes. A psicoeducação está associada à informação veiculada pelo/a terapeuta sobre o comportamento e a segurança dos equídeos, bem como ao fornecimento de *feedback*, durante as atividades equinas. No que respeita à modelagem, o/a terapeuta recorre, amiúde, ao treino de competências de comunicação, de gestão do toque/contacto físico e de estabelecimento de limites apropriados no contexto das interações sociais (Chandler et al., 2010; Sexauer, 2011). A par das estratégias referidas, é, frequentemente, prescrita a realização de trabalhos de casa, que são adaptados de acordo com os objetivos individuais do cliente (Acri et al., 2021). As tarefas a realizar entre sessões consistem,

geralmente, em atividades de promoção das competências de regulação da atenção, no treino de relaxamento, na monitorização de pensamentos automáticos e construção de diários. Pretendem viabilizar a generalização das competências que foram objeto de treino noutros contextos, o que potencia a construção de uma representação sobre o *self* mais positiva, que tende a manter-se estável a longo termo (Allen, 2003; Beck, 2011).

No que respeita ao contributo da terapia da Gestalt para a EFP, esta abordagem terapêutica enfatiza a consciência do *self*, incluindo as emoções, necessidades e os desejos internos, no âmbito de um contexto relacional (Kirby, 2010; Lac, 2014). A intervenção tem como *setting* o *paddock*, ou o picadeiro redondo e é conduzida por um psicoterapeuta com formação em terapia Gestalt. O/A cliente recebe algumas orientações sobre o processo e os cavalos, para poder iniciar a interação com o cavalo de forma mais segura e com ele construir uma relação positiva. Alicerçado no conhecimento que detém sobre as características do cavalo e as necessidades do/a cliente, a/o terapeuta medeia a experiência relacional com o cavalo, guiando-o/a na exploração da experiência não-verbal e verbal, e no aprofundamento do autoconhecimento (Kirby, 2010).

No contexto da EFP, a terapia centrada na pessoa enfatiza o papel do/a cliente no processo de construção da mudança, sendo a/o terapeuta apenas uma figura de suporte que fornece sugestões, quando solicitada/o (Chandler et al., 2010). A relação terapêutica é o seu eixo basilar e o principal alicerce da mudança, (Kirby, 2010; Lac, 2016). De acordo com Chardonens, (2009), cavalo e cavaleiro interligam-se, refletindo a perceção da linguagem corporal do outro. O cavalo aceita o seu cavaleiro/a como ele/a é, reagindo de acordo com o comportamento do/a cavaleiro/a, construindo assim, uma relação assente na empatia e na aceitação

incondicional positiva.

Na intervenção com crianças, as atividades lúdicas podem ser incorporadas nas sessões (Sexauer, 2011). As crianças são incentivadas a contar histórias sobre o que o cavalo pode estar a pensar ou a sentir. Essas histórias refletem, usualmente, as suas emoções e representações, sendo o cavalo um catalisador na discussão das suas experiências e emoções que, sem um estímulo mediador, poderiam não ser verbalizadas (Rothe et al., 2005).

A EFP é uma abordagem muito recente, que remonta à década de 1990, pelo que não foram, ainda, definidas uma estrutura e terminologia, ou diretrizes padronizadas quanto à sua operacionalização (Bachi, 2012; Hallberg, 2008). É, por isso, necessária evidência empírica que permita sustentar a eficácia desta abordagem terapêutica, o que enfatiza a relevância de compilar os resultados dos estudos existentes neste domínio. De igual modo, parece-nos relevante identificar as estratégias que produzem resultados mais eficazes, de acordo com as necessidades e população a que se destinam, por forma a clarificar os ganhos potenciados pela EAP e pela EFP por cada uma das abordagens em função das características da casuística

Continuidades e discontinuidades entre a EAP, a EFP e a psicoterapia que utiliza equinos como recurso terapêutico

Após a definição e reflexão em torno das características estruturantes da EAP e da EFP, importa, agora, analisar as continuidades e discontinuidades passíveis de identificar entre estas duas abordagens da psicoterapia assistida por equinos.

No contexto da EAP, são apenas realizadas atividades no chão, com o cavalo, enquanto a EFP pode incluir, a par das atividades no solo, montar o cavalo

(PATH int., 2012). Quanto aos elementos envolvidos no processo, na EAP, está implicada uma tríade constituída pelo/a profissional de saúde, um/a profissional especializado em cavalos e, pelo menos, um cavalo (EAGALA, 2009). Por seu turno, na EFP, a par dos/as profissionais de saúde mental (i.e., assistentes sociais da área clínica, terapeutas de aconselhamento e psicólogos/as), estão envolvidos/as professores/as, profissionais especializados/as no trabalho com cavalos, instrutores/as de equitação e o cavalo.

Atualmente, e pela confusão gerada com a diferente terminologia, está convencionada a utilização da expressão ‘psicoterapia incorporando cavalo’ que integra todas as abordagens da psicoterapia assistida por equinos, incluindo a EAP e a EFP (Wood et al., 2021). Esta terminologia pretende identificar a terapia exata que sustenta a intervenção, destacando o potencial do cavalo para melhorar os resultados terapêuticos.

Na tabela 1, encontram-se sistematizadas as principais características da EAP, EFP e da psicoterapia que utiliza os equinos como recurso terapêutico, no que concerne à associação que confere a creditação aos/às profissionais para a implementação das intervenções, à metodologia estruturante e ao envolvimento de profissionais de saúde mental, a fim de viabilizar uma análise comparativa das mesmas.

Tabela 1

Características associadas à EAP, à EFP e a à psicoterapia que utiliza equinos como recurso terapêutico

Abordagem psicoterapêutica	Associação Acreditada	Estratégia		Profissional S. Mental
		Montado	Não Montado	
EAP	EAGALA		X	X*
EFP	PATH Int	X	X	X
Psicoterapia que utiliza equinos como recurso terapêutico	Várias associações	X	X	X

* Desenho do programa é realizado por um terapeuta, podendo a sua aplicação ser realizada por um profissional de equitação

Psicoterapia assistida por equinos *versus* equitação orientada para a prossecução de objetivos terapêuticos

A fim de clarificar a terminologia utilizada para designar as diferentes abordagens das intervenções terapêuticas que utilizam os equinos como recurso, é crucial discernir a psicoterapia assistida por equinos da equitação orientada para a prossecução de objetivos terapêuticos.

A psicoterapia assistida por equinos é uma forma especializada de psicoterapia que utiliza o cavalo como instrumento terapêutico (Schultz et al., 2007). A equitação orientada para a prossecução de objetivos terapêuticos integra a hipoterapia, a equitação, o volteio e as atividades equestres desportivas de reabilitação. A hipoterapia é uma forma de terapia física, ocupacional e fonoaudiológica na qual um terapeuta usa os movimentos característicos de um cavalo para fornecer informações motoras e sensoriais. O movimento do cavalo é um meio para atingir um determinado objetivo terapêutico. A equitação consiste numa abordagem clínica, dirigida à promoção de competências neuromotoras. A equitação terapêutica/educacional e o volteio assentam numa abordagem multidisciplinar. Dirigem-se à promoção de competências psicomotoras, por forma a responder a necessidades específicas na área educacional ou psicológica. Por sua vez, as atividades equestres desportivas de reabilitação têm como população-alvo, indivíduos com diversidade funcional, a nível físico, social e/ou emocional, e como o objetivo promover um espectro de competências que, através de um efeito de alavancagem na autonomia e funcionalidade dos sujeitos, potenciam a sua inclusão (Martinho, 2011).

A equitação com fins terapêuticos é uma área de intervenção tridimensional, permeada pela dialética entre diferentes áreas, como a: medicina, reabilitação, psicologia, educação e o desporto (Leitão, 2008). Esta multidisciplinaridade potencia um olhar compreensivo sobre o desenvolvimento humano e contribui para o investimento na documentação científica da eficácia da prática clínica neste âmbito, não obstante a lacuna existente na investigação neste domínio e consequentemente viabilidade futura (Klüwer, 2001; Leitão, 2004, 2008). A este respeito, Figueiredo (2011, p.8) refere que, “apesar da existência de uma federação internacional, não há em Portugal nenhum regulamento que obrigue as escolas a seguir determinado modelo”. Em Portugal, a equitação com objetivos terapêuticos, é considerada uma terapia complementar (Martinho, 2011). Tem por base os modelos europeus, nomeadamente os instituídos pela Federation of Riding for the Disabled International (FRDI, 2006), atual HETI.

A imprecisão da terminologia utilizada para designar as intervenções assistidas por equinos

As designações utilizadas para nomear as terapias assistida por equinos (EAT) é confusa e algo imprecisa (White-Lewis et al., 2017). Acresce que existe uma multiplicidade de intervenções, não apenas de âmbito terapêutico, como também educacional e desportivo, com recurso a equinos.

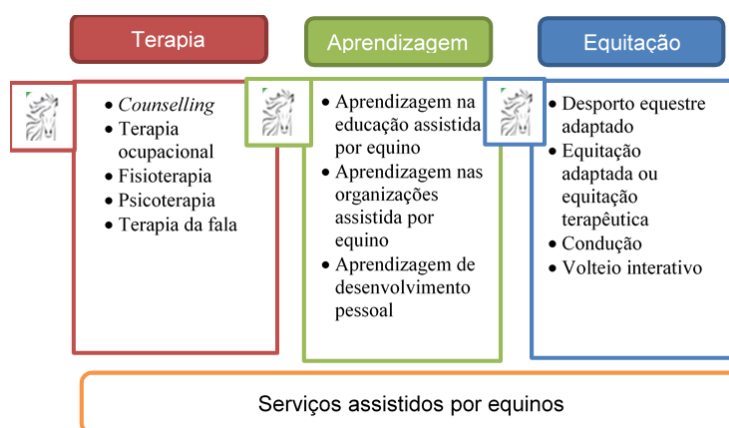
Esta imprecisão terminológica e diversidade metodológica têm dificultado a avaliação da eficácia destas intervenções através de estudos metodologicamente robustos, uma vez que inviabiliza a condução de meta-análises. Deste modo, as associações internacionais neste domínio, como a EAGALA; e a PATH intl. têm empreendido esforços para uniformizar a terminologia utilizada para designar as diferentes intervenções desenvolvidas neste domínio. Têm, de igual modo,

formulado recomendações a respeito das designações a adotar e da não utilização de termos imprecisos e geradores de confusão (Woods et al., 2021).

Tendo por base estas orientações, será utilizada a expressão ‘serviços assistidos por equinos’ para referir os doze tipos de intervenções realizadas, passíveis de se distribuir por três áreas, a terapia, a aprendizagem e a equitação como se pode observar na figura 2.

Figura 2

Terminologia recomendada para classificar os diferentes serviços assistidos por equinos



Nota: Esta recomendação de nomenclatura foi proposta por Wood et al. em 2021 para classificar uniformemente os diferentes serviços assistidos por equinos. De: “Optimal terminology for services in the United States that incorporate horses to benefit people: a consensus document”. By W. Wood. et al., 2021. *The Journal of Alternative and Complementary Medicine*, 27(1), p..91 Copyright 2020 by Mary Ann Liebert, Inc

O enfoque do presente estudo recairá sobre as intervenções de âmbito terapêutico, em particular sobre a psicoterapia. A expressão ‘psicoterapia assistida por equinos’ será tida como referência para designar as intervenções sobre as quais a revisão da literatura incidirá.

A relevância da psicoterapia assistida por equinos na promoção do ajustamento socioemocional, da autonomia e funcionalidade de crianças e adolescentes

De acordo com a Word Health Organization (WHO, 2021), um em cada

sete jovens entre os 10 e os 19 anos apresenta uma perturbação mental e/ou indicadores de vulnerabilidade socioemocional que são percursores da estruturação de quadros psicopatológicos, como depressão, ansiedade e problemas de comportamento, que funcionam como óbice ao seu ajustamento socioemocional e bem-estar. Estas crianças e adolescentes encontram-se particularmente vulneráveis face à exclusão social, à experiência de dificuldades na esfera académica e social, bem como à adoção de comportamentos de risco e violações dos direitos humanos (Morese et al., 2019).

Afigura-se, por isso, primordial explorar, de forma mais aprofundada, o impacto das intervenções de promoção e prevenção da saúde mental, implementadas em fases precoces da trajetória do desenvolvimento. Com efeito, estas intervenções poderão ajudar as crianças e adolescentes a desenvolver competências de regulação das emoções, que poderão contribuir para a sua resiliência e para reforçar a sua rede de suporte social, diminuindo a probabilidade da adoção de comportamentos de risco (Stapley, 2022).

A psicoterapia assistida por equinos alicerça-se numa abordagem multinível, diversificada e criativa, que envolve, em simultâneo, profissionais de saúde, dos serviços sociais, da escola e/ou da comunidade (Vaz, 2019). Este tipo de intervenção tem vindo a demonstrar ser uma alternativa coadjuvante à psicoterapia tradicional, principalmente com crianças e jovens com dificuldades de adesão à última (Wilson et al., 2015; Haige & Skinner, 2022; Hemingway, 2019; Schultz et al., 2007).

Diversos estudos documentam os ganhos potenciados pelas intervenções assistidas por equinos em crianças e adolescentes com psicopatologia e diversidade funcional (Ewing et al., 2007; Gabriels et al., 2015; Borgi et al., 2016)

A investigação tem vindo a demonstrar que a interação com cavalos, em contexto terapêutico, contribui para o envolvimento do/o cliente no processo terapêutico (Birke & Hockenhull, 2015; Burgon, 2014; Davis & Maurstad, 2016; Hallberg, 2008; Karol, 2007; Shambo et al., 2013). Em particular, a psicoterapia assistida por equinos tende a produzir um amplo espectro de resultados positivos nas diferentes dimensões do desenvolvimento (i.e., físico, emocional, social, comportamental e cognitivo) (Davis & Maurstad, 2016; Lessick et al., 2004). A interação e perspetiva de controlo de um animal imponente como o cavalo, promove o sentido de competência e de autoeficácia das/os clientes, bem como a sua auto-estima e autoconfiança (Bachi, et al, 2012; Chandler, 2005).

A intervenção com recurso a equinos tem sido utilizada em diversos contextos e com de um leque diversificado de populações (Dell et al., 2008), encontrando-se a eficácia destas intervenções documentada nalguns estudos realizados neste domínio. A este respeito, destacam-se os ganhos terapêuticos com crianças com Perturbações do Neurodesenvolvimento, como Perturbação do Espectro do Autismo (Bass, 2009; Chen et al., 2014; Lanning et al., 2014) e Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção (PHDA) (Chaplin, 2010). A eficácia desta abordagem terapêutica com adolescentes encontra-se, de igual forma, descrita, nomeadamente na intervenção com adolescentes com problemas de comportamento e de atenção (Basile & Antoon, 1996; Beckman-Devik & Ansin, 2008; Bowers, 2001; Gamache, 2004; Hauge et al, 2014; Tetreault, 2006; Zanin, 1997), que apresentam comportamentos de conduta antissocial e abuso de substâncias (Adams et al., 2015; Chandler, 2005; Cole, 2005; Dell et al., 2008; Dell et al., 2011; Hayden, 2005; Kaiser et al., 2006; Kern-godal et al., 2016; MacDonald, 2004; Sapir, 2007).

Do mesmo modo, a intervenção com indivíduos jovens com dificuldades na gestão das interações sociais (Russell-Martin, 2006), sintomatologia depressiva (Bray, 2002; Frame, 2006) e ansiosa (Moreau & McDaniel, 2000; Wilson et al., 2015), Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT) (Meinersmann et al., 2008; Myers, & Yorke, 1997, 2010; Phenow, 2016; Signal et al., 2013; Yorke, et al, 2008; York et al., 2013), e perturbações do comportamento alimentar (Christian, 2005; Colclasure, 2004; Cornelius, 2002; Cumella, 2003; Lutter & Smith- Osborne, 2011) também, são documentadas na literatura com eficácia desta abordagem terapêutica.

Face à forte incidência de problemas de saúde mental em crianças e adolescentes e os benefícios que decorrem da implementação da psicoterapia assistida por equinos com crianças e adolescentes, afigura-se relevante sistematizar a evidência sobre as potencialidades desta abordagem psicoterapêutica na promoção do desenvolvimento e adaptação de crianças e adolescentes.

Objetivos

Este estudo tem como objetivo documentar e analisar, de forma extensiva, as conclusões que podem ser extraídas da literatura, a respeito da eficácia da psicoterapia assistida por equídeos na promoção do ajustamento sociomocional e da autonomia de crianças e adolescentes. Pretende-se sistematizar os ganhos potenciados por esta abordagem psicoterapêutica e definir um conjunto de diretrizes que se configurem como úteis na prática clínica desenvolvida neste domínio.

Método

Este trabalho insere-se no paradigma de investigação quantitativo, sendo um estudo secundário – Revisão Sistemática da Literatura (RSL). Teve por base

o modelo conceptual da Cochrane e foi submetida e registada a 10/09/2021 na plataforma PROSPERO com o código CRD42021272692.

https://www.crd.york.ac.uk/prospERO/display_record.php?RecordID=272692

A RSL e sínteses de evidência são produtos de pesquisa que têm auxiliado a ciência a avançar, tendo por base resultados anteriores (Camilo & Garrido, 2019; Dixon-Woods, 2010; Lamé, 2019; Siddaway et al., 2019).

É um dos métodos mais atuais e adequados (Lamé, 2019; Siddaway et al., 2019), que se suporta em “métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes e recolher e analisar dados dos estudos incluídos na revisão” (PRISMA, 2020). Procura “integrar e sintetizar informação de estudos separados que incidem sobre uma determinada intervenção, permitindo identificar resultados coincidentes ou conflituosos, fornecendo orientações importantes para investigações futuras” (Linde & Willich, 2003, p.17). Configura-se como uma tentativa de integrar os dados empíricos, provenientes dos estudos primários, com a finalidade de descobrir a evidência e produzir declarações que devem orientar a tomada de decisões clínicas”. (Sampaio & Mancini, 2007, p.84)

A *American Psychological Association* (APA) destaca, na 7ª edição do Manual de Normas de Publicação (2020), que as revisões de literatura devem contribuir para: 1) a definição e clarificação de um problema, 2) a síntese de resultados de investigação, 3) a identificação de relações, contradições, lacunas e inconsistências na investigação conduzida, e 4) potenciar a formulação de novas hipóteses de investigação (APA, 2020).

Partindo da problemática em estudo, (i.e., a eficácia da psicoterapia com recurso a equinos), foi realizada uma RSL, para contribuir para o aumento da

evidência científica sobre os benefícios associados a esta abordagem da psicoterapia, considerada inovadora e a que as/os crianças/adolescentes tendem a mostrar uma boa adesão, a fim de formular um conjunto de diretrizes que se configuram úteis para prática clínica neste domínio.

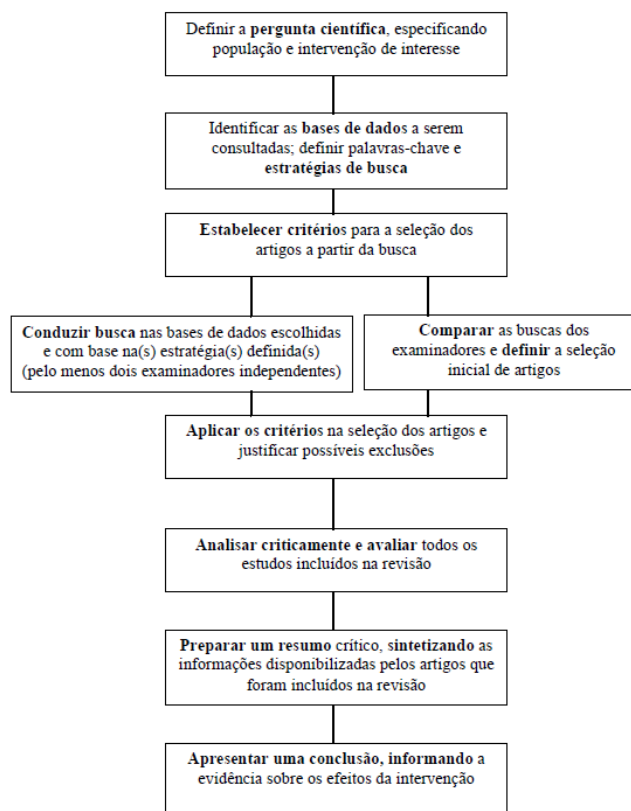
Protocolo da Revisão Sistemática de Literatura

A revisão realizada alicerçou-se nas seguintes fases:

1. - formulação da pergunta de revisão;
2. - definição dos critérios de inclusão e exclusão;
3. - elegibilidade dos estudos;
4. - avaliação da qualidade metodológica dos estudos;
5. - extração dos dados;
6. - análise e síntese dos resultados relevantes;
7. - interpretação dos resultados e determinação da aplicabilidade dos resultados (Joanna Briggs Institute, 2014).

Figura 3

Processo geral da RSL



Nota. Na figura são apresentadas as etapas de uma revisão sistemática da literatura que subsidiaram este estudo, preconizadas por Sampaio & Mancini. De “Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica”, de R.F. Sampaio e M.C. Mancini, 2007, *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(1), p.86 Copyright 2007 by Revista Brasileira de Fisioterapia.

A revisão foi realizada por duas investigadoras, a autora desta investigação e uma psicóloga clínica com conhecimento sobre o tema a analisar e a metodologia utilizada, para minimizar eventual erro e o enviesamento dos resultados (Higgins & Green, 2011).

Questões orientadoras do estudo

A questão de pesquisa do presente trabalho foi desenvolvida através do método PICOT (Participants, Intervention, Comparison, Outcomes, Type of study), que se encontra descrito na tabela 2.

Tabela 2

Questão PICOT

PARTICIPANTES	Crianças e adolescentes
INTERVENÇÃO	Estratégias e técnicas utilizadas no âmbito da psicoterapia com recurso a equinos
COMPARAÇÃO	EAP com crianças e adolescentes <i>versus</i> EFP com crianças e adolescentes <i>versus</i> terapia alternativa
RESULTADOS	Resultados com impacto no ajustamento socioemocional e na promoção da autonomia e funcionalidade
TIPO DE ESTUDO	Estudos empíricos, RCT, Estudos de coorte; Estudos de caso-controlo; Estudos experimentais e quasi-experimentais; Estudos descritivos; Estudos exploratórios; Estudos correlacionais.

Qual o impacto da psicoterapia assistida por equinos e da psicoterapia facilitada por equinos no ajustamento socioemocional e na autonomia de crianças e adolescentes?

I - A psicoterapia com recurso a equinos é eficaz na redução de sintomas psicopatológicos/indicadores de vulnerabilidade na esfera socioemocional e na promoção da autonomia e funcionalidade das crianças e adolescentes?

II - A eficácia das intervenções na psicoterapia com recurso a equinos varia em função da gravidade dos sintomas psicopatológicos evidenciados por crianças e adolescentes?

III - A eficácia da psicoterapia com recurso a equinos é influenciada pela sua combinação com a intervenção desenvolvida noutras valências?

IV - A eficácia da psicoterapia com recurso a equinos é influenciada pela presença de comorbilidades?

Critérios de inclusão

Para a identificação dos estudos, foram definidos os seguintes critérios de inclusão:

- participantes – crianças e adolescentes com idade igual ou inferior a 18 anos;
- intervenção - Esta revisão considera estudos que descrevem a eficácia de intervenções no âmbito da psicoterapia com recurso a equinos (EAP e ou EFP)
- resultado - Competências no desenvolvimento e ajustamento socioemocional
- comparação – EAP vs EFP.
- tipo de Estudo - estudos empíricos: RCT, estudos de coorte; estudos de caso-controlo; estudos experimentais e quasi-experimentais; estudos descritivos; estudos exploratórios; estudos correlacionais

Foram incluídos os estudos publicados em português, inglês, francês e espanhol, que foram revistos por pares e publicados até fevereiro de 2022.

Crítérios de exclusão

Foram considerados os seguintes critérios de exclusão:

Intervenção: Os estudos que não tinham a abordagem psicoterapêutica EAP e EFP mesmo que as variáveis do estudo pudessem ser comuns ao interesse do nosso estudo.

Tipo de estudo: revisões da literatura, estudos de caso e estudos qualitativos.

Os artigos que não fossem obtidos na íntegra seriam excluídos, o que não se verificou.

Estratégia de recolha de dados

A estratégia de pesquisa foi operacionalizada em diversas etapas. A frase booleana foi construída com base na questão de partida formulada através do método PICOT e com recurso aos descritores indexados [termos MeSH, CINAHL

Headings, e Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), bem como descritores não controlados (palavras-chave), como termos relacionados com a área em estudo, analisados tendo por base as palavras que constavam no título, no resumo e nos termos de indexação usados para descrever o artigo, como se pode observar na tabela 3.

Tabela 3

Desconstrução da pergunta do estudo

“Qual o impacto que a EAP e EFP têm no ajustamento de competências socioemocionais em crianças e adolescentes?”			
POPULAÇÃO	INTERVENÇÃO	RESULTADOS	TIPO DE ESTUDO
Crianças e adolescentes	Intervenções psicoterapêuticas com recurso a equinos	No âmbito psicossocial e ajustamento socio emocional	Estudos empíricos
<i>children or adolescents</i>	<i>(equine OR horse) AND (psycho*)</i>	<i>(psychopathology OR functionality OR autonomy OR anxiety OR depression OR behav* OR intern* OR extern*)</i>	<i>AND NOT (review of literature or literature review or meta-analysis or systematic review)</i>

As palavras iniciais usadas (*child* OR adolescent*) *AND* (*equine OR horse*) *AND* (*psycho**) *AND* (*psychopathology OR functionality OR autonomy OR anxiety OR depression OR behav* OR intern* OR extern**) a partir da desconstrução da pergunta de partida.

A pesquisa foi realizada nas plataformas *Web of Science*, *Scopus*, *EBSCO* (*Academic Search Complete*, *CINAHL Complete*, *ERIC*, *MedicLatina*, *MEDLINE with Full Text*, *Psychology and Behavioral Sciences Collection* e *B-on*, usando todas as palavras-chave e termos identificados, sem restrição no tempo. A pesquisa integrou intervalos de tempo variáveis, dependendo de cada plataforma, situando-se o intervalo considerado entre 1968 e fevereiro de 2022 (tabela 4).

Tabela 4

Resumo do processo de seleção dos estudos – artigos publicados

Plataforma	Base de dados	Nº artigos selecionados para leitura	Nº artigos incluídos
EBSCO hostWeb 1968 a 2021	Academic Search Complete - n=4, CINAHL Complete - n=23, MEDLINE Complete - n=33, MedicLatina - n=0, Psychology and Behavioral Sciences Collection - =3, Teacher Reference Center - n=0, ERIC - n= 4 Limitadores: SU Termos do Assunto; n=69 Revistas Científicas artigos - Analisados pelos Pares; n=67 Expansores - Aplicar assuntos equivalentes; Modos de pesquisa - Booleana/Frase	Total n=64 4 excluídos pela língua (Russo, Húngaro, Alemão e Italiano)	4 artigos incluídos
EBSCO Discovery Service 2006-2022	AND equine OR horse AND Psycho* (SU termos do assunto) AND psychopathology OR functionality OR autonomy OR anxiety OR depression OR behav* OR intern* OR extern* (campo opcional) n=139 2ª pesquisa: MH "Equine-Assisted Therapy"... Limitadores: texto integral e analisado por pares; Disciplinas psicologia; Expansores: aplicar assuntos equivalentes e pesquisar também no texto integral	Total n=74	4 artigos incluídos
B-on 2003-2021	Idem Limitadores: Termos do assunto; Disciplina psicologia + saúde e medicina+ Artigos analisados por pares; n=115 retirados duplicados n= 79 texto integral n= 93 retirados duplicados n=45	Total n= 32	10 artigos incluídos
Web of science 2007-2020	Limitadores: Termos do assunto n=168 + Artigos analisados por pares; texto integral n=82	Total n= 82	25 artigos incluídos
Scopus 1975-2022	Título, abst+ Key – n=177 limitador subárea: psicologia n=62	Total n=59	11 artigos incluídos
Scielo Portugal	Análise Psicológica – n= 1 artigos Análise social – n=0 artigos Psicologia, Saúde & Doenças – n=0 artigos Psicologia – n=0 artigos	Total n=1	0 artigos incluídos
Redalyc* 1983-2022	Psicologia n=32 Medicina n=74 Saúde n=46	Total n= 32	0 artigos incluídos

Nota: as palavras usadas na pesquisa foram - (child OR adolescent) AND (equine OR horse) AND (psycho*)

Os resultados da pesquisa foram incluídos no programa Endnote. Os artigos que se encontravam duplicados foram removidos. Todos os estudos identificados foram avaliados quanto à relevância, com base no título e resumo. Sempre que o título e o resumo carecem de dados para uma decisão, os critérios de inclusão e exclusão descritos foram verificados em artigos de texto completo.

Recorreu-se ao *software* EndNote para auxiliar na gestão das referências

bibliográficas, na construção da base de dados e na seleção de estudos primários.

Processo de elegibilidade dos estudos

O processo de avaliação da elegibilidade implicou uma etapa de triagem dos artigos, com leitura de título e resumo, quando disponível, e por uma etapa de confirmação, que requer leitura do texto completo do manuscrito. Os desacordos foram resolvidos por consenso. Para tal, registava-se o motivo da exclusão, ou envolvia-se um terceiro revisor, com vista a instituir um critério de desempate.

A amostra dos estudos selecionados para análise foi realizada através da leitura do título, do resumo e do texto integral.

Adicionalmente, foram efetuadas pesquisas nos repositórios RECAAP, dado ser importante ter uma perspetiva da investigação realizada a nível nacional. A primeira pesquisa foi conduzida com as palavras-chave utilizadas na pesquisa inicial «. Não foi encontrado qualquer documento. Posteriormente, foi realizada uma segunda pesquisa, utilizando, como palavras-chave, a expressão “equitação terapêutica”. Foram encontrados 49 documentos. Após leitura dos títulos, foram identificadas 11 dissertações para leitura integral. Destas dissertações, foram selecionadas duas para integrar a pesquisa.

Tabela 5

Resumo do processo de seleção dos estudos – teses e dissertações

Plataforma	Palavras	Nº dissertações para leitura	Nº dissertações incluídas
RCAAP	1ª pesquisa: (child* OR adolescent) AND (equine OR horse) AND (psycho*) n=2	Total= 1	0
	2ª pesquisa: Equitação terapêutica n=49	Total = 11 Excluída 1 por ser realizada - Brasil	2 incluídas

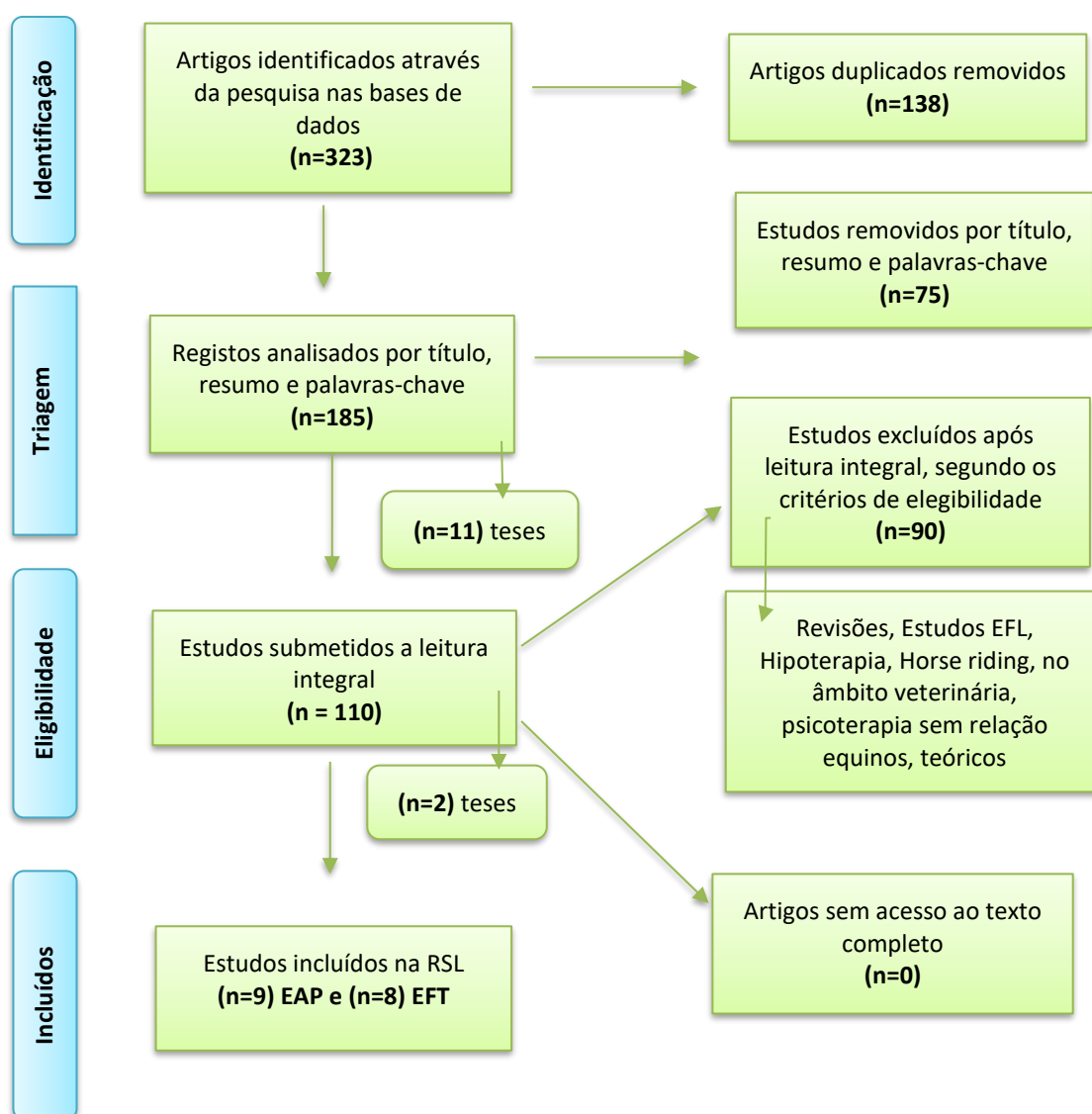
Foram excluídas nove dissertações de mestrado, uma vez que: 1) o objeto

de estudo não é a avaliação da eficácia da psicoterapia assistida por equinas, 2) a metodologia não permite avaliação do efeito do programa de intervenção e/ou 3) por não se realizar em Portugal.

Por forma a integrar todo o processo de revisão, apresentamos na figura 4, o diagrama do processo de seleção dos estudos – Prisma Flow Diagram.

Figura 4

Diagrama do processo de seleção dos estudos – Prisma Flow Diagram



Nota. Na figura é apresentado o processo de seleção dos estudos de acordo com Page et al. 2021 Adaptado “The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews”, M.J. Page, JE McKenzie, P.M. Bossuyt, I. Boutron, T.C. Hoffmann, C.D. Mulrow et al, 2021, *British Medical Journal*, 372, p. 71. Copyright 2020 By British Medical Journal.

Avaliação da qualidade metodológica dos estudos

A metodologia dos estudos incluídos na revisão foi avaliada com recurso aos instrumentos recomendados e disponibilizadas pela Cochrane (2022).

Foi utilizado o RoB 2, que é um instrumento recomendado para avaliar o risco de viés em estudos randomizados incluídos nas Revisões Cochrane, e o ROBINS-I Risk Of Bias In Non-Randomized Studies - of Interventions (NRSIs), um instrumento da Cochrane que visa avaliar o risco de viés nos resultados de estudos não randomizados que comparam os efeitos na saúde de duas ou mais intervenções. Os tipos de NRSIs que podem ser avaliados usando esta ferramenta são estudos quantitativos que estimam a eficácia (i.e., dano ou benefício) de uma intervenção, que não utilizou a randomização para alocar unidades (indivíduos ou grupos de indivíduos) para grupos de comparação. Este instrumento permite a integração de estudos de coorte, estudos de caso-controlo, estudos controlados antes e depois, estudos de tempo interrompido, estudos de série e ensaios controlados em que os grupos de intervenção são alocados usando um método que ficam aquém da randomização completa (às vezes chamados de estudos “quase-randomizados”).

Estes instrumentos são estruturados em função de conjunto fixo de domínios de viés, que focam diferentes aspetos do desenho metodológico, condução e relatórios do estudo. Dentro de cada domínio, existe um conjunto de perguntas ('perguntas de sinalização') que visam obter/dar informações sobre características do estudo que são relevantes para o risco de viés. É gerado por um algoritmo uma proposta de julgamento sobre o risco de viés decorrente de cada domínio, baseado nas respostas às questões de sinalização. O julgamento pode ser 'Baixo' ou 'Alto' risco de viés, ou pode expressar 'Algumas preocupações'

(Cochrane, 2022) (Ver anexo A).

Adicionalmente, foi avaliado o acordo entre avaliadores na seleção dos artigos incluídos neste estudo de revisão sistemática. Para tal, foi calculado o coeficiente Kappa de Cohen, após a leitura dos títulos e resumos dos 323 artigos selecionados na primeira fase da pesquisa e, na segunda fase, após a leitura integral dos artigos. Os valores obtidos para a primeira e segunda fase foram .76 e .35, respetivamente, o que corresponde a uma concordância forte e razoável à decisão na leitura de títulos e resumos $k=.76$, o que indica concordância “substancial”. Na segunda ronda - leitura integral $K=0,348$, o que indica uma concordância “regular” (Byrt et al., 1993; Landis & Kock, 1977). O cálculo deste coeficiente foi efetuado através do programa *IBM SPSS Statistics* versão 27 (ver anexo B)

Extração de dados

Os dados foram extraídos dos artigos incluídos na revisão pelas duas revisoras. Integram informação referente à idade e ao diagnóstico dos/as participantes, à metodologia utilizada, à caracterização da intervenção e ao comparador, se aplicável, bem como a medidas de resultado, tendo por referência a resposta à pergunta de revisão e aos objetivos específicos. Estes dados foram agrupados num conjunto de tabelas que se encontram em anexo (ver anexo C e D).

Considerou-se desadequado avançar para a realização de uma meta-análise, devido ao reduzido número de estudos identificado, à variabilidade nas medidas de resultado e heterogeneidade geral. Optou-se, por este motivo, pela realização de uma análise narrativa dos estudos incluídos.

Interessa relembrar que as atividades e terapias assistidas por equinos se dividem em:

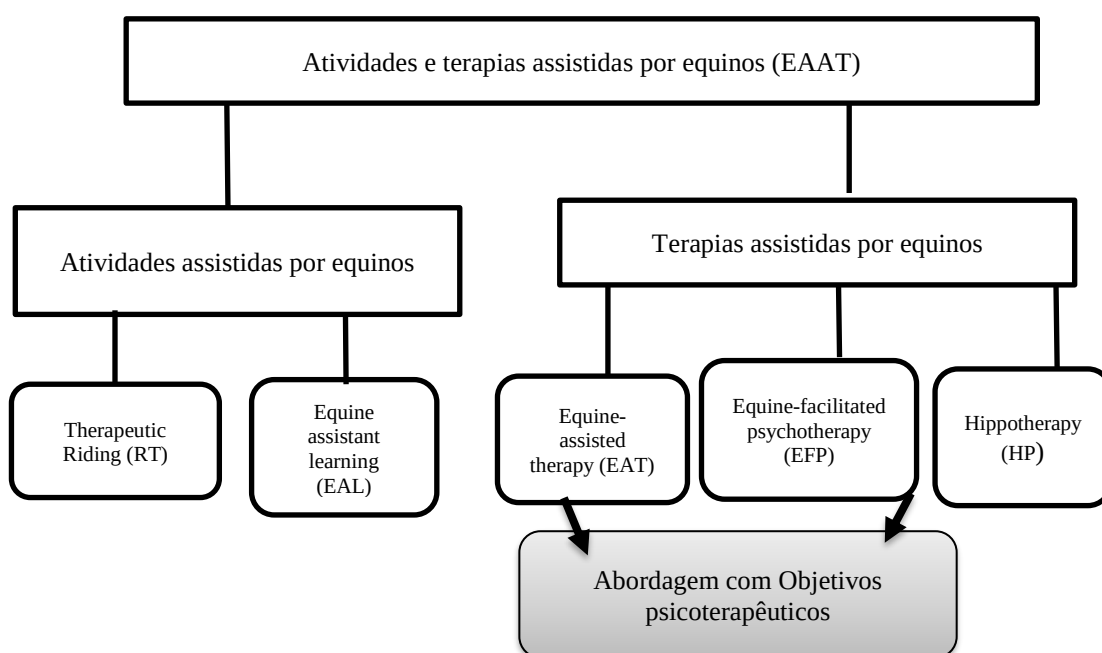
- Atividades assistidas por equinos onde se inclui o *Therapeutic Riding* (RT) e

Equine Assistant Learning (EAL) que não foram objeto do nosso estudo.

- Terapias assistidas por equinos, que inclui Equine-Assisted Therapy (EAT), Equine-Facilitated Psychotherapy (EFP) e a Hippotherapy (HP). Esta última abordagem terapêutica sido integrada no estudo, uma vez que o seu objetivo principal é rentabilizar o efeito positivo do movimento do cavalo sobre o sujeito, o que leva a que se situe em território algo híbrido, no que respeita aos objetivos para os quais se orienta e à metodologia em que se suporta. A HP é indicada, sobretudo, para a reabilitação de problemas neuromusculares, musculoesqueléticos e cardiopulmonares, apesar de alguns estudos, ser destacada uma componente psicológica e incluir objetivos de natureza social, educacional, ou cognitiva que aproxima esta abordagem terapêutica da “equoterapia moderna”, de acordo com a PATH (Gracia- Gomez, 2016, p 177) (cf. tabela 5).

Figura 5

Visão geral das definições de atividades e terapias assistidas por equinos (EAAT) de acordo com PATH (2016)



Nota: Esta é uma sugestão de terminologia proposta por Anderson e Meints, em 2016, para enquadrar as atividades e terapias assistidas por equinos tendo por base a proposta de PATH. De “Brief Report: The effects of equine-assisted activities on the social functioning in children and adolescents with autism spectrum disorder”, Anderson e K. Meints, 2016, *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46(10), 3344-52 Copyright 2016 by The Author(s).

Resultados

A pesquisa efetuada permitiu selecionar 17 documentos (i.e., nove estudos respeitantes à EAP e oito estudos referentes à EFT) que cumpriam os critérios de elegibilidade definidos, após leitura dos artigos completos e da avaliação realizada por dois revisores. Estes estudos foram publicados entre 2007 e 2021. Destes estudos, oito foram realizados nos (EUA), três na Austrália, dois em Espanha e os restantes na África do Sul, Alemanha, Itália e Israel. Adicionalmente, foi analisado um estudo publicado em Portugal sobre a abordagem terapêutica com equinos com crianças com Perturbação do espectro do autismo (ASD) (Ver anexo E) e duas dissertações que foram consideradas relevantes, por ilustrarem a forma como as intervenções terapêuticas assistidas por equinos têm sido operacionalizadas em contexto nacional (Ver anexo F).

A apresentação dos estudos incluídos na revisão efetuada encontra-se organizada em função da abordagem psicoterapêutica (i.e., EAP e EFP) e, dentro de cada abordagem, de acordo com a problemática/psicopatologia a que cada abordagem procura dar resposta, tendo por referência as intervenções realizadas junto de crianças e adolescentes.

Estudos que avaliam a eficácia da EAP

A psicoterapia assistida por equinos (EAP) é uma abordagem experiencial da psicoterapia, baseada no uso de metáforas com recurso ao cavalo como

ferramenta terapêutica, materializando-se através do desenvolvimento de atividades centradas na prestação de cuidados e manuseamento de um cavalo (Schutz et al., 2007). Foram incluídos, na pesquisa, nove estudos centrados na avaliação da eficácia de intervenções inscritas no âmbito da EAP (ver tabela 7).

Tabela 6

Estudos incluídos na revisão de abordagem EAP

Nome do autor/ano	Título artigo	População	Desenho do estudo	Intervenção
Schultz et al., 2007 EUA	Equine-assisted psychotherapy: a mental health promotion/intervention modality for children who have experienced intra-family violence	Crianças com problemas de comportamento e de saúde mental na infância. N= 63	Transversal	Média de sessões =19 Duração: 18 meses psicoterapeuta é um assistente social licenciado EAGALA
Sánchez et al., 2014 Espanha	Hormonal changes analysis by effects of horses assisted therapy in the autistic population	Crianças com sexo masculino com ASD N=8	Quase-experimental	1 sessão/semana de 1h Duração: 12 semanas
Beetz et al., 2015 Alemanha	A Comparison of equine-assisted intervention and conventional play-based early intervention for mother-child dyads with insecure attachment	diádes mãe-filho em que os filhos apresentavam problemas de desregulação comportamental e as mães são seguidas devido a fatores de risco como uso de drogas, gravidez na adolescência, histórico de abuso físico ou sexual, e distúrbios psicológicos critérios de inclusão: - apego inseguro ou desorganizado da criança ou da mãe; - desregulação comportamental ou emocional na criança (distúrbios de regulação como problemas de sono, choro excessivo, problemas alimentares) N=20	Comparativo	1 sessão/ semana com 45 minutos. Total sessões=25 Duração: 8 semanas durante os meses de verão (junho a agosto) Sessão fixa, no final da semana conduzida por duas terapeutas Duração 6 meses Terapeutas certificadas em equoterapia e com longa experiência em Intervenção atividades equinas (EAI) e no trabalho com diádes mãe-bebê. Cada terapeuta trabalhou com cinco diádes no EAI e cinco diádes na Intervenção Precoce Baseada em Brincar (PBI). PATH
Boshoff et al., 2015 Africa do Sul	The evaluation of an equine-assisted therapy programme with a group of boys in a youth care facility	Jovens com problemas de comportamento N=39	Experimental com um desenho Quatro grupos de Solomon	1 sessão semana?? Duração: 8 sessões estruturadas Desenvolvido por um facilitador terapeuta
Borgi et al., 2016 Itália	Effectiveness of a standardized equine-assisted therapy program for children with autism spectrum disorder	Crianças do sexo masculino com ASD N=28	Experimental randomizado	1 sessão/semana com 60 a 70 minutos Total sessões=25 Duração 6 meses Incluiu uma primeira fase no solo (20 minutos de preparação e 10 minutos de

				caminhada manual do cavalo) seguida de 20 a 30 minutos de cavalgada e uma fase final no solo (encerramento, 10 minutos). grupos de três a quatro participantes
García-Gómez et al., 2016 Espanha	Benefits of an experimental program of equestrian therapy for children with ADHD	Crianças com ADHD N=18	Estudo experimental Randomizado (RCT?)	2 sessões/ semana, com 45 minutos Total sessões: 24 Duração: 3 meses grupos de 4 alunos. Atividades baseadas PATH manual
Tsantefski et al., 2017 Austrália	An open trial of equine-assisted therapy for children exposed to problematic parental substance use	Crianças expostas às problemáticas do uso de substâncias por parte dos pais	Ensaio aberto (não randomizado) com um grupo único pré e pós	1 sessão/semana com 2h Duração: 12 semanas. Um terapeuta equino qualificado implementou cada sessão terapêutica.
Harvey et al., 2020 EUA	A program evaluation: equine-assisted psychotherapy outcomes for children and adolescents	Crianças e adolescentes alunos do ensino fundamental e médio	Antes e depois	1 sessão/semana com 90 minutos Duração: 10 semanas EAGALA Grupos máximos de 10 participantes, e apenas com a sua própria faixa etária.
Norwood, et al., 2021 Austrália	The horse as a therapist: effects of an equine program without "therapy" on the attention and behavior of youth disengaged from traditional school	Jovens que frequenta uma escola alternativa completaram o programa de equinos como parte de sua experiência educacional	Antes e depois (com intervalo de 2 semanas antes e 2 semanas depois) + um estudo de caso único	1 sessão/ por semana com 2h Duração: 5 semanas de sessões Programa: 7 semanas atividades equina que não incluíam um/a terapeuta treinado ou abordagem terapêutica específico Grupos variando de 4 a 10 participantes

Estudos com crianças com Perturbação do Espectro do Autismo (ASD)

Dos nove estudos analisados, apenas dois se centram na aplicação da psicoterapia assistida por equinos com crianças com ASD (Borgi et al., 2016; Sanchez et al., 2014). A intervenção diverge na duração e na “aparente” estrutura das sessões. No estudo de Sanchez et al. (2014), foi implementado um programa com 12 sessões, sem referência à estrutura das sessões, que têm lugar no contexto do centro hípico, durante 60 minutos.

A intervenção de Borgi et al. (2016) é mais longa, uma vez que abrange 25 sessões com periodicidade semanal e duração de 60 a 70 minutos, realizadas ao

longo de seis meses. As sessões são estruturadas e realizadas com grupos de três a quatro participantes, incluindo uma fase no solo e outra montada a cavalo. Ambas são ministradas por instrutores de equitação. Contudo, no estudo de Borgi et al. (2016), foi ministrada, pela equipa de investigação, uma formação prévia aos instrutores, tendo-lhes sido facultado um manual e vídeos com as orientações. Esta formação visou acautelar alguma standardização na implementação da intervenção. A par das diferenças referidas, os objetivos dos dois estudos são substancialmente diferentes, já que Sanchez et al. (2014) pretendiam avaliar as alterações dos níveis de cortisol, de oxitocina e de progesterona, antes e depois das sessões de EAP, enquanto Borgi et al. (2016) se centram nas mudanças observadas no domínio motor, nas funções executivas e na interação social. Os resultados de ambos os estudos apontam para os benefícios da terapia EAP com crianças com ASD. Os resultados são complementares, pois a diminuição do cortisol observada no final da intervenção está associada à diminuição dos níveis de *stress*, enquanto o aumento dos níveis de progesterona e de oxitocina estão associados a uma eficácia acrescida na regulação emocional, o que poderá justificar as mudanças positivas observadas por Borgi et al. (2016) no desempenho das crianças em tarefas que implicavam a mobilização das funções executivas e de competências sociais

Estudos com crianças com Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção (PHDA)

Garcia-Gomez et al. (2016) analisaram o impacto de um programa de intervenção em grupo de EAP, concebido com base no programa PATH, na qualidade de vida e no ajustamento psicossocial (i.e., agressividade, hiperatividade, problemas de comportamento, problemas de adaptação e

problemas de interação social) de crianças com PHDA. O programa teve a duração de três meses e teve como população-alvo um grupo de quatro crianças. Foram realizadas 24 sessões, com periodicidade bissemanal e duração de cerca de 45 minutos. As sessões foram ministradas por instrutores de equitação, que tiveram duas sessões preparatórias, prévias à intervenção, para caracterizar a população junto da qual interviriam.

Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos experimental, e o grupo de controlo, que não beneficiou da intervenção, quer no que respeita à qualidade de vida, quer ao ajustamento psicossocial. O efeito do programa EAP nestas duas dimensões foi reduzido.

Estudos com crianças com problemas de comportamento

No âmbito dos estudos realizados com crianças com problemas de comportamento, destacam-se dois estudos, o de Boshoff et al. (2015) e o de Schutz et al. (2007).

No estudo de Boshoff et al. (2015), a intervenção alicerça-se num plano estruturado de oito sessões, conduzidas por um facilitador terapeuta, com o objetivo de promover o bem-estar subjetivo e o desenvolvimento de estratégias de *coping* mais adaptativas (i.e., procura de suporte social, ...). Os resultados mostram que a intervenção está associada a perceções mais positivas das crianças sobre a sua qualidade de vida, bem como ao desenvolvimento de estratégias de *coping* mais eficazes no que respeita à procura de suporte social. No entanto, não foi observado um efeito estatisticamente significativo da intervenção na aceitação dos participantes, na predisposição para o abuso de álcool e consumo de estupefacientes. O mesmo aconteceu com as estratégias de confronto disfuncional.

O estudo de Schutz et al. (2007) incidiu sobre uma intervenção dirigida a

crianças com diagnósticos diversos (i.e., Perturbação de Adaptação, Perturbações Depressivas, PSPT, PHDA e Perturbações Disruptivas do Controlo dos Impulsos e do Comportamento). A intervenção baseou-se num programa da EAGALA que se estendeu ao longo de 18 meses, tendo sido realizadas, em média, 19 sessões. Os resultados apontam para a existência de ganhos ao nível do funcionamento psicológico, social e escolar, em todas as crianças. Observou-se uma correlação estatisticamente significativa entre a melhoria percentual da pontuação do Children's Global Assessment of Functioning (GAF) e o número de sessões de que as crianças beneficiaram ($r = .73, p < .001$).

Estudos com estudantes incluídos em programas alternativos de educação e estudantes em programa tradicional

No que respeita aos estudos que versam sobre a avaliação da eficácia de crianças/adolescentes a frequentar programas alternativos de educação, destaca-se a investigação realizada por Norwood et al. (2021). Este estudo teve como objetivo aferir se um programa equino conduzido por um instrutor de equitação, sem incluir um terapeuta na equipa influenciava positivamente os efeitos da intervenção no funcionamento cognitivo e problemas de comportamento de crianças e adolescentes com PHDA. A intervenção centrou-se em atividades equinas que foram dinamizadas por um instrutor junto de grupos com quatro a dez crianças entre os 12 e os 17 anos. Integrou cinco sessões com periodicidade semanal e duração de duas horas. O programa estendeu-se ao longo de cinco semanas. Os resultados apontam uma melhoria global nas competências de regulação do comportamento e da memória de trabalho. Estes dados sugerem que programas de equinos implementados por instrutores/as de equitação, sem formação psicoterapêutica, podem ter um impacto positivo na redução de alguma

sintomatologia característica da PHDA.

Também o estudo de Harvey et al. (2020) incidiu sobre a avaliação da eficácia de crianças e adolescentes entre os 7 e os 17 anos, num programa estruturado denominado PONY, que se baseia no modelo EAGALA e tem a duração de dez semanas. Os grupos eram constituídos por cerca de dez participantes da sua faixa etária. Aqui falta dizer que dimensões foram avaliadas e com que instrumento, para manter homogeneidade em relação à descrição dos restantes estudos.

Não foram observadas mudanças estatisticamente significativas nos componentes relatados pelos/as pais e professores/as das crianças no subconjunto de dados emparelhados, que incluiu o pré e o pós-teste. Porém, quando se observam os dados individualmente, destacam-se melhorias, principalmente ao nível das competências de regulação da atenção

Estudos com crianças expostas às problemáticas do uso de substâncias por parte dos pais

Tsantefski et al. (2017) implementaram um programa de 12 sessões, com periodicidade semanal e duração de 120 minutos, que decorreram ao longo de três meses. As sessões incluem atividades equinas e de apoio no chão, até à 11ª semana. Na 12ª sessão, era permitido às crianças montar. Os grupos eram constituídos de cinco a dez crianças que se encontravam expostas a comportamentos de abuso de substâncias protagonizados pelos progenitores. Que dimensões foram aferidas? Com que instrumento? É importante para fazer a ponte com o parágrafo subsequente.

Os autores observaram uma redução estatisticamente significativa nos problemas de comportamento, nos problemas emocionais e na hiperatividade, com efeito moderado relativo à EAP, relatado pelos pais. Os professores reportaram,

também, uma redução nos problemas de comportamento, na hiperatividade, nos problemas emocionais e de relacionamento os pares, embora os resultados não sejam estatisticamente significativos. Não obstante, o programa teve um efeito positivo moderado ($d = .44$) no bem-estar psicológico das crianças.

Estudos sobre a eficácia da psicoterapia assistida por equinos em crianças com padrão de vinculação inseguro

Foi identificado um estudo que tem como objetivo avaliar a eficácia da EAP no apoio e cuidado materno em díades mãe-filha/o (Beetz et al., 2015) em crianças com padrão de vinculação inseguro, dificuldades de interação, problemas de comportamento e desregulação ao nível do sono e da alimentação), através da sua comparação com uma abordagem tradicional das intervenções precoces baseadas na *play therapy*. Para a sua concretização, os autores recorreram a uma população de mães expostas a inúmeros fatores de risco, como precariedade financeira, uso de substância, histórico de abuso e/ou perturbação psiquiátrica e isolamento social. Os programas incluíam um total de oito sessões, com periodicidade semanal e duração aproximada de 45 minutos. As sessões foram ministradas durante os meses de verão (i.e., junho a agosto). As sessões foram conduzidas por duas terapeutas certificadas em equoterapia e com uma extensa experiência em EAP e PBI, no trabalho com díades mãe-bebê. Cada grupo integrava cinco díades. Os resultados mostraram que ambas as intervenções tiveram um efeito positivo estatisticamente significativo nos comportamentos de vinculação, embora cada abordagem promovesse aspetos diferentes da relação mãe-bebê. Foram observadas melhorias nas competências associadas ao cuidado materno em todas as díades. Os tamanhos de efeito observados apontam para uma ligeira vantagem da EAP, por comparação à PBI, no que respeita ao impacto da intervenção nas representações construídas pelas crianças sobre as

figuras de vinculação, a manutenção de proximidade da mãe e as dificuldades da criança. Por contraposição, não foram observados efeitos estatisticamente significativos nos padrões de vinculação das crianças, cuidado materno e três das oito subescalas do CARE-Index referentes à interação mãe-filho.

Estudos realizados em Portugal

Foi identificado um estudo realizado em contexto nacional. Esta investigação foi realizada por Leitão (2004) e teve como objetivo avaliar a eficácia da Equitação Psico-Educacional (EPE), em crianças com ASD sem anterior experiência com terapia assistida por animais. Uma vez que, como previamente exposto, o presente estudo se centra nas intervenções EAP e EFT, este estudo será apenas referido, e não analisado pormenorizadamente.

Tabela 7

Estudo português sobre a eficácia da EPE realizado em Portugal

Nome do autor/ano	Título artigo	População	Desenho do estudo	Intervenção
Leitão, 2014	Relações terapêuticas: Um estudo exploratório sobre equitação psico-educacional (EPE)* e autismo	Crianças com ASD	Multicaso 3 momentos de avaliação (antes, durante e depois da intervenção)	1 sessão/semana. Total de sessões= 16 Utilizaram exercícios da equitação desportiva normal, transformados e adaptados, tendo em conta as necessidades específicas de cada criança.

*Equitação Psico-Educacional (EPE) ou Remedial Educational Vaulting (REV), tem objetivos específicos baseados nas necessidades de cada indivíduo, sejam elas de ordem psicológica (fenómenos psicológicos) e/ou educacional, podendo ainda acrescentar formas de intervenção psicoterapêutica, e também reabilitativa (Leitão, 2004).

A intervenção integrou 16 sessões, com periodicidade semanal, que decorriam ao fim de semana, no mesmo horário e sempre com o mesmo animal. Em simultâneo, as crianças usufruíam do Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children (TEACCH). Os resultados são reportados, separadamente, para cada caso. No entanto, e relativamente à escala do desenvolvimento do Psychoeducational Profile Revised (PEP-R), registou-se

um aumento da idade de desenvolvimento para todos os participantes. Foi observado, de uma forma generalizada, um aumento das pontuações obtidas pelas crianças nas diferentes subescalas do PEP-R, embora as melhorias sejam particularmente expressivas nos domínios social e afetivo.

A par do estudo referido, foram analisadas duas dissertações de mestrado, uma no âmbito das Ciências do Desporto e Educação Física – especialidade em Educação Física Adaptada (Lobo, 2003) e outra no âmbito da Psicologia Clínica (Antunes, 2012) (Ver anexo F).

No estudo conduzido por Lobo (2003), é avaliado o impacto de um programa de intervenção em que o cavalo é concebido como coterapeuta na funcionalidade e autonomia de adolescentes entre os 15 e os 18 anos, com diversidade funcional com severas dificuldades no domínio motor, a frequentar Plano Integrado de Educação e Formação (PIEF) e, por conseguinte, em risco de exclusão social. O programa de intervenção centrou-se nos problemas de comportamento apresentados pelos jovens e a sua eficácia foi avaliada por pais, professores e pelos participantes. Após a comparação dos resultados do grupo experimental relativamente ao de controlo, verificamos que, de acordo com a perceção dos professores, observou-se uma diminuição significativa no isolamento, ansiedade, problemas de atenção, comportamento obsessivo, problemas sociais. Na perspetiva dos pais, foram observados decréscimos significativos na sintomatologia ansiosa, nos problemas de oposição e no isolamento. Os jovens reportaram uma diminuição significativa na ansiedade; queixas somáticas e agressividade. O autor concluiu que há uma maior influência do programa de equitação terapêutica (ET) nos problemas de externalização do que nos de internalização.

A investigação realizada por Antunes (2012) tem como objetivo avaliar a eficácia da equitação terapêutica na redução da sintomatologia ansiosa, depressiva e do isolamento social em jovens com diversidade funcional, categorizada, à luz das taxonomias vigentes nessa altura, como portadores de deficiência mental ligeira. Tomou por referência a medidas de auto e heterorrelato (i.e., percepção dos/as professores e dos pais). Os resultados mostraram que o uso do cavalo como coterapeuta pode ser um fator relevante na redução dos níveis de ansiedade, agressividade e isolamento social. Tendo por base as medidas de auto e heterorrelato, a redução das vulnerabilidades na esfera socioemocional teve um impacto positivo na forma como as/os adolescentes geriam as interações estabelecidas nos diferentes contextos de vida e internalizavam as normas e regras sociais.

Estudos que avaliam a eficácia das intervenções baseadas na abordagem EFP

A EFP é uma abordagem psicoterapêutica experiencial que inclui equinos, que se dirige a indivíduos que apresentem psicopatologia ou vulnerabilidades na esfera socioemocional que possam ser precursoras da estruturação da psicopatologia. Promove a exploração de emoções, sentimentos e comportamentos, bem como a sua interpretação clínica. A EFP assenta numa relação terapêutica terapêutico construída ao longo do tempo, que permite que os objetivos da intervenção sejam coconstruídos pelo/o terapeuta e o/a cliente (Bachi et al., 2011). Na revisão efetuada, foram incluídos oito estudos que se escoram nesta abordagem (cf., tabela 8)

Tabela 8

Estudos incluídos na revisão de abordagem EFP

Nome do autor/ano País	Título artigo	População	Desenho do estudo	Tempo de intervenção
Bachi et al, 2012 Israel	Equine-facilitated psychotherapy for at-risk adolescents: The influence on self-image, self-control and trust	Adolescentes integrados em programas residenciais	Quase experimental	1 sessão/semana de 50 minutos Total 11-26 sessões Duração: 7 meses
Kemp et al., 2014 EUA	Equine facilitated therapy with children and adolescents who have been sexually abused: a program evaluation study	Crianças e adolescentes que foram abusados sexualmente	Quase experimental Desenho de série interrompida	1 sessão/semana de 90 minutos Duração: 9-10 semanas programa EFT 'Trails of Discovery' baseado EAGALA atividades no solo + aconselhamento individual na clínica
Kendall & Maujean, 2015 Austrália	Horse play: a brief psychological intervention for disengaged youths	Jovens em risco	Quase experimental	1 sessão /semana? Total 10 sessões?? Duração: 10 semanas Atividades no solo Tendo por base programa PNH
McCullough et al, 2015 EUA	Equine facilitated psychotherapy: a pilot study of effect on posttraumatic stress symptoms in maltreated youth	PSTD em jovens maltratados	Quase experimental de medidas repetidas *Não tem grupo controle	1 sessão/semana de 1,5 a 2 h Total sessões=8 Duração=Oito semanas? Modelo diamante
Gibbons et al, 2017 EUA	'Now, he will be the leader of the house': an equine intervention with at-risk Guatemalan youth	Jovens em risco	Estudo misto Quantitativo – experimental Qualitativo - (inclui grupos focais) parentes	Duração: 2 dias <i>Worskshops</i> (com intervalo de cerca de cinco dias) Grupos de discussão focais dinamizados duas semanas depois dos pós teste. Duração de recolha: cerca de quatro semanas
Mueller & McCullough. 2017 EUA	Effects of equine-facilitated psychotherapy on post-traumatic stress symptoms in youth	Jovens com PTSD	Quase experimental	1 sessão/semana? 10 sessões de 2h Duração:12 semanas PATH (ministradas por assistente social)
Roberts & Honzel (2020) EUA	The effectiveness of equine-facilitated psychotherapy in adolescents with serious emotional disturbances	Adolescentes com distúrbio emocional	Antes e depois	1 sessão /semana com 45 a 60 minutos Duração: Oito semanas Terapia de grupo tradicional e equoterapia em grupo PATH
Atherton et al, 2020 EUA	Innovative equine facilitated psychotherapy intervention for adolescent addiction treatment: a pilot study	Adolescentes com abuso de substâncias	Quase experimental, desenho pre-pós teste	1 sessão por semana com 1,5h Duração: Seis semanas

*Aconselhamento individual na clínica: uma vez por semana por uma média de 6,6 semanas (DP 10 dias) para o grupo 'criança' e 6,4 semanas (DP 15,7 dias) para o grupo 'adolescente'.

Estudos com adolescentes em risco

Dos oito estudos selecionados que utilizam a EFP como abordagem terapêutica, três estudos têm, como amostra, adolescentes em risco (Bachi et al, 2012; Gibbons et al., 2017; Kendall & Maujean, 2015). Todos os programas de intervenção implicam o envolvimento de, pelo menos, um/a terapeuta e de um/a

“especialista/instrutor/a” de cavalos. As sessões são realizadas no chão. Procuram avaliar as seguintes dimensões: autoimagem/autoestima, autocontrolo, confiança, percepção de autoeficácia e reduzir atitudes de violência. Para melhorar autoimagem, autocontrolo e confiança o/a investigador-terapeuta (Bachi et al., 2012), recorreu a um programa com uma duração de tempo mais longa (7 meses – cerca de 26 sessões). Verificou-se um aumento significativo na confiança e no autocontrolo reportado pelos jovens que beneficiaram da intervenção, por comparação aos do grupo de controlo. Após um ano, 71% dos jovens do grupo experimental não tinham consumido drogas e 79% não tiveram registos criminais, enquanto 80% dos jovens do grupo de controlo consumiam drogas e 60% tiveram registos criminais.

Kendall e Maujean (2015) desenvolveram um programa menos longo, com a duração de dez semanas, dirigido à promoção da autoestima e da percepção de autoeficácia nos jovens envolvidos no programa. As sessões compreendiam um momento prático, seguido de reflexão em grupo, com a moderação de um psicólogo. A sessão seguinte era iniciada com o relato dos/as participantes sobre a operacionalização, no decurso da semana, dos conteúdos que tinham sido analisados na sessão anterior.

Os resultados apontam para a existência de um aumento estatisticamente significativo da autoestima e da percepção de autoeficácia no grupo experimental, durante e após a intervenção, enquanto, no grupo de controlo, não se observaram diferenças significativas nas pontuações médias de autoestima e na percepção de autoeficácia, nos dois momentos.

Gibbons et al. (2017) realizou dois *workshops*, que decorreram durante dois dias, com intervalo de cinco dias entre eles. No primeiro dia deste momento

formativo, foi facultada informação, e esta, foi complementada com a realizada de uma demonstração de relação, “confiança e liderança”, sobre o equino sem recurso a violência, através do exercício Join-Up®, desenvolvido por Roberts (2016). Nestes *workshops*, foram projetados vídeos e diapositivos, bem como realizados exercícios práticos. Os exercícios práticos iniciaram-se com a simulação de uma pessoa a substituir o cavalo. Posteriormente, foi realizado o Join-Up® com um cavalo, associando-se, também, um exercício de respiração em contacto próximo com um cavalo, registando-se a frequência cardíaca do cavalo, antes e depois do contato. Duas semanas depois do último *workshop*, foi realizada uma sessão de curta duração, no contexto da qual os/as participantes forneceram *feedback* sobre os ganhos potenciados pela intervenção, nomeadamente sobre as competências desenvolvidas e a forma como as mobilizavam nas rotinas diárias.

Os resultados mostram que os/as jovens que beneficiaram do programa de intervenção reportaram maiores níveis de confiança face às suas competências de liderança, comparativamente com os jovens do grupo de controlo.

Estudos com adolescentes com PSPT

Os estudos de McCullough et al. (2015) e de Mueller e McCullough, (2017), apesar de terem a mesma população-alvo, divergem metodologicamente. As amostras têm dimensões díspares, o que condiciona a análise dos resultados. O desenho dos dois estudos apresenta características diferentes, uma vez que, no primeiro, foi incluído um grupo de controlo, que beneficiou de sessões de terapia cognitivo-comportamental (TCC) e, no segundo, recorreu-se a medidas repetidas. Adicionalmente, as sessões tiveram uma duração díspare, com uma a integrar oito sessões e a segunda dez.

Os resultados do estudo de McCullough et al. (2015) mostraram que a intervenção teve um efeito positivo na redução da sintomatologia de PSPT, aferida através da Revised Child Impact of Events Scale (CRIES). Observou-se, também, que a diminuição da sintomatologia de PSPT estava positivamente associada ao aumento da ligação humano-animal. Todavia, as mesmas medidas ponderadas não indicaram correlação entre a diminuição de sintomatologia PSPT e o aumento da ligação Humano animal (ρ de Spearman's $= -.2328$, $p = .25$ $n=11$). O autor aponta para a possibilidade de os efeitos da EFP serem multimodais, atuando em várias direções, ao mesmo tempo.

Mueller e McCullough, (2017) verificaram que as pontuações do CRIES diminuíram significativamente em ambos os grupos, ao longo de dez semanas. Todavia, não foi observada uma associação estatisticamente significativa entre a EFP e os três momentos de avaliação. Não se verificou uma maior diminuição nas pontuações CRIES no grupo experimental por comparação ao grupo controle, nos três momentos de avaliação. Os investigadores sugerem que a EFP é uma modalidade terapêutica eficaz para sintomas de stresse pós-traumático, mas são necessários estudos comparativos mais aprofundados com outras modalidades terapêuticas tradicionais (i.e., terapia cognitivo-comportamental).

Estudos com intervenções com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual

Kemp et al. (2014) associaram, ao programa EFP baseado na EAGALA, sessões de aconselhamento numa clínica, que eram realizadas antes de iniciar o programa (i.e., 6 a 7 sessões, com periodicidade semanal). Teve como população-alvo, crianças e adolescentes vítimas de negligência e/ou mau-trato, que foram recrutados no contexto das sessões de aconselhamento tendo beneficiado das sessões do programa apenas aquelas que mostraram interesse em fazê-lo. Para

aferir a eficácia da intervenção, foram instituídos três momentos de avaliação, o momento 1 (na admissão antes do aconselhamento na clínica), momento 2 (antes da EFP, pós aconselhamento na clínica), momento 3 (após a conclusão do programa).

Os dados recolhidos no terceiro momento 3 – pós EFP ($M = 4.47$, $SD = 3.5$) apontam para a existência de uma redução nos problemas de internalização, comparativamente com o segundo momento de avaliação Tempo 2 – pós aconselhamento na clinica ($M = 12.4$, $SD = 8.8$, $F(1.14) = 25.57$, $p < .001$, $d = 0.65$). No que respeita aos problemas de externalização, não se observaram diferenças estatisticamente significativas nos problemas de externalização entre os momentos 3 - pós EFP ($M = 4.67$, $SD = 3.7$) e o momento 2 ($M = 12.4$, $SD = 3.5$), $F(1.14) = 32.37$, $p < .001$, $d = 0.69$. Observou-se, contudo, que os/as adolescentes mostraram uma melhoria significativa do Tempo 1 (aconselhamento na clínica) para o Tempo 2 (pré- EFP) em todas as medidas que explicam o funcionamento da escola e dos pares, os comportamentos sociais, emocionais e manifestos desadaptativos e a sintomatologia pós-trauma, exceto no BDI. Esse resultado foi atribuído pelos autores à idade dos participantes (os adolescentes têm maturidade suficiente para responder bem ao aconselhamento na clínica).

Estudos com adolescentes com perturbações emocionais

Roberts e Honzel (2020) recrutaram adolescentes com vários quadros psicopatológicos (i.e., PHDA, perturbações depressivas e Perturbação Desafiante de Oposição com ou sem comorbilidades). Os/As participantes beneficiaram de terapia de grupo, baseada numa abordagem terapêutica convencional, e de equoterapia em grupo, uma vez por semana, durante de oito semanas. As sessões decorriam com um intervalo de 48 horas. Quer o grupo tradicional, quer as sessões

de EFP, se alicerçaram no modelo de terapia cognitivo-comportamental focada no trauma (TF-CBT).

Não se verificaram aumentos estatisticamente significativos no afeto positivo e na redução no afeto negativo, após a EFP, comparativamente com a terapia de grupo tradicional. Registou-se um maior aumento no afeto positivo entre o pré e pós-teste da EFP do que entre o pré e pós-teste da terapia de grupo. Segundo os autores, estes resultados mostram que os/as participantes obtiveram melhores resultados na expectativa de se envolver na EFP com o decurso do programa. O afeto negativo não diminuiu significativamente, depois da implementação da EFP, em comparação com a terapia de grupo tradicional.

Estudos com adolescentes com perturbação por abuso de substâncias

Atherton et al. (2020) implementaram um programa de seis sessões com periodicidade semanal, dirigido a adolescentes que consumiam de forma abusiva substâncias. O programa de intervenção é estruturado e concilia objetivos terapêuticos e de equitação. Os objetivos terapêuticos centravam-se em (A) aprender a resolver problemas em situações difíceis e (B) encontrar uma resolução comum para o resultado desejado. O objetivo da equitação era aprender a influenciar o movimento de um cavalo, usando apenas linguagem corporal e o trabalho em equipa, mover o cavalo sem cabresto, ou corda. Os participantes desenvolveram atividades de equitação, durante uma hora. Depois, despendiam, cerca de 30 minutos, com o/a terapeuta conselheiro de dependência, com vista a abordar a sua experiência dirigida para os comportamentos de conexão de Glasser (i.e., ouvir, confiar, apoiar, encorajar, respeitar, aceitar e negociar as diferenças).

Os resultados mostraram que os adolescentes com perturbações por uso de substâncias que completaram a intervenção EFP reportaram mobilizar, com maior

frequência, os comportamentos associados aos sete hábitos de conexão de Glasser (1999), apresentando os resultados obtidos significância estatística. Verificou-se, de igual modo, uma diminuição na sintomatologia depressiva ($M = 17.00$, $SD = 2.1$) e pós-teste ($M = 10.20$, $SD = 1.5$) [$t(9) = 18.94$, $p < .001$], e ansiosa ($M = 9.80$, $SD = 1.2$) e pós-teste ($M = 4.60$, $SD = 1.9$) [$t(9) = 13.38$, $p < .001$].

Discussão

Os resultados dos diversos estudos analisados não são uniformes e nem sempre refletem eficácia da psicoterapia assistida por equinos (Beetz et al., 2015; Boshoff et al., 2015; García-Gómez et al., 2016; Harvey et al., 2020; Kemp et al., 2014; McCullough et al., 2015). Com efeito, quando o programa de psicoterapia assistida por equinos é desenhado, por forma a incluir a psicoterapia ‘tradicional’, agregando-a ou comparando-a, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (Mueller & McCullough. 2017; Roberts & Honzel, 2020).

Foi, também, observada, na maioria dos estudos analisados, um decréscimo da sintomatologia durante a intervenção e até ao término da mesma. Apenas no estudo de García-Gómez et al., (2016), o efeito do programa terapêutico nas dimensões aferidas enquanto indicadoras da eficácia da intervenção é reduzido e não apresenta significância estatística. Acresce que não foram reportados efeitos negativos destas intervenções em qualquer dos estudos que foi objeto de análise.

O efeito do programa de psicoterapia assistida por equinos foi calculado em cinco estudos, situando-se entre um efeito positivo grande (Kemp et al., 2014) sobre a sintomatologia depressiva ($d = 0.71$) e nos problemas de internalização ($d = 0.65$), em crianças e adolescentes vítimas de negligência ou abuso, e um efeito positivo moderado ($d = 0.44$) sobre o bem-estar psicológico das crianças expostas às

problemáticas de uso de substâncias, por parte dos pais (Tsantefski et al., 2017). No estudo de Beetz et al. (2015), os tamanhos de efeito calculados sugerem uma vantagem pequena a média da psicoterapia com equinos sobre a intervenção com recurso à brincadeira para as díades mães-filho nas representações de apego das crianças, cuidado compulsivo, manutenção da proximidade na mãe e a dificuldade da criança. No estudo de Mueller e McCullough, 2017, com jovens com experiências traumáticas, verificou-se um efeito positivo moderado ($d= 0.61$), no grupo de controlo, na sintomatologia PTSD. O efeito do programa terapêutico nas variáveis estudadas (i.e., bem-estar físico, bem-estar emocional, relacionamento interpessoal, inclusão social, desenvolvimento pessoal, e autodeterminação) foi, em todas as dimensões, reduzido ou pouco apreciável (García-Gómez et al., 2016).

As razões para a variabilidade dos resultados devem-se, porventura, à diversidade de abordagens de intervenção, aos desenhos dos estudos, que são condicionados pelo reduzido número de participantes, bem como pela heterogeneidade na forma como esta abordagem da psicoterapia é designada nos diferentes estudos.

Como foi possível constatar na revisão da literatura realizada, os/as terapeutas que utilizam o cavalo como recurso terapêutico têm referenciais teóricos e metodológicos distintos. Uns recorrem a atividades com menor grau de estruturação, enquanto outros se baseiam em instruções estruturadas não tradicionais. Outros, ainda, recorrem à equitação tradicional, podendo essas atividades ser desenvolvidas em grupos ou individualmente. Acresce que alguns/mas terapeutas combinam estas estratégias e atividades, o que resulta numa marcada heterogeneidade de práticas, que funciona como óbice à comparação das intervenções e dos ganhos por elas potenciados.

Na senda deste argumento, Heidiger et al. (2021) enfatizam a natureza única das intervenções que envolvem dois organismos complexos, um humano e um animal, em interação, que dificultam a comparação das intervenções. A psicoterapia assistida por equinos assenta no pressuposto de que um animal é um elemento específico no *setting* terapêutico e na intervenção (Marino, 2012). Porém, como defendem Wagner et al. (2022), ainda não é claro quais são as características específicas dos equinos que levam aos efeitos que são documentados na literatura.

Não há dúvida de que se tem vindo a assistir a um aumento na investigação sobre as intervenções assistidas por equinos, em particular no domínio da psicoterapia (Wagner et al., 2022). Acresce que têm vindo a ser empreendidos esforços na uniformização da taxonomia utilizada para designar estas intervenções, mediante a formulação de diretrizes relativas à exclusão de alguns termos que suscitam confusão (Wood et al., 2021). O objetivo é fazer um exercício de clara demarcação do senso comum, aumentando a clareza e precisão na nomeação das intervenções assistidas por equinos, de modo a expandir a evidência científica sobre o enquadramento concetual, metodologia e ganhos terapêuticos associados a estas intervenções (Hediger et al., 2021; Nieforth et al., 2021).

A par destes esforços, os estudos que se debruçam sobre as intervenções desenvolvidas neste âmbito têm sido, cada vez mais, desenhados tendo por base protocolos cientificamente validados (Kendall et al., 2015; Naste et al., 2018), na linha das recomendações de diversos investigadores relativamente à implementação de planos estratégicos para melhorar a base de evidência (Kazdin, 2017; Lentini & Knox, 2009; Wagner et al., 2022). A aposta na padronização de intervenções também tem sido outra preocupação, a fim de potenciar uma avaliação mais detalhada e fidedigna dos ganhos potenciados por este tipo de intervenção, em diversas

populações clínicas (Hediger et al, 2021; Rodriguez et al, 2021). Esta preocupação é justificada pela necessidade de espelhar de forma mais fina e expressiva, os resultados promissores da EAP e da EFP junto de um espectro amplo de populações, como crianças com ASD (Borgi et al., 2016; Sánchez et al., 2014), problemas de comportamento (Boshoff et al., 2015; Schultz et al., 2007), PSPT (McCullough et al., 2015), adolescentes em risco e/ou com perturbação por abuso de substâncias (Atherton et al., 2020; Bachi et al., 2012; Gibbons et al., 2017; Kemp et al., 2014; Kendall & Maujean, 2015; Tsantefski et al., 2017).

No que se refere às características dos participantes, o intervalo de idades situa-se entre os 4 e os 18 anos ($M=11$ anos), com a exceção dos participantes do estudo de Beetz et al. (2015), em que as idades das mães se situavam entre os 19-46 anos ($M=28$; $SD=8.4$ anos) e a idade dos filhos entre 11-27 meses ($M=17$; $SD=4.3$ meses). Três estudos foram realizados apenas com participantes do sexo masculino (Borgi et al., 2016; Boshoff et al, 2015; Sanchez et al., 2014). Em dois estudos, não é indicado o sexo dos participantes (Bachi et al., 2012; Harvey et al., 2020). No que concerne aos estudos que foram realizados apenas com participantes do sexo masculino, dois destes estudos centram-se nos efeitos da intervenção no ajustamento psicossocial de crianças com ASD, enquanto o terceiro incide sobre melhoria das atitudes sociais em pessoas com ASD, analisando, através de amostras de saliva, os níveis de cortisol e progesterona, para inferir o comportamento de Ocitocina, antes e depois das sessões de terapia (Sanchez et al., 2014). Relativamente aos estudos em que não é indicado o sexo dos participantes, estes são adolescentes residentes numa unidade de tratamento residencial com necessidades adaptativas graves e frequentam o 1º e 3º ciclo do ensino básico. Os estudos que avaliam a eficácia da EAP integram

um número superior de participantes do sexo feminino, enquanto os estudos que versam sobre a EFP incluem um número superior de participantes do sexo masculino.

Relativamente às características das intervenções, na EAP o número de sessões situa-se entre 8 e 25 sessões ($M = 14$, $SD=8$) sessões. A extensão dos programas varia entre 5 a 24 semanas e a duração das sessões oscila entre 45 a 120 minutos. Na EFP, o número de sessões situa-se entre 6 a 26 sessões, ($M= 10$, $SD=7$) sessões. A extensão dos programas psicoterapêuticos varia entre 8 – 28 semanas e a duração das sessões oscila entre 50 e 120 minutos. Apesar de ajustados em função das necessidades dos participantes, a duração dos programas não diverge substancialmente em função da abordagem (i.e., EAP *versus* EFP), com a exceção dos cinco programas com duração de cerca de 90 a 120 minutos (Atherton et al., 2020; McCullough et al., 2015; Norwood, et al., 2021, Roberts & Honzel, 2020; Tsantefski et al., 2017). Todos os programas EFP envolviam um/a terapeuta e instrutor/a de equitação, o que não se verificou nos programas EAP. Com efeito, nestes últimos, apenas três contavam com o envolvimento simultâneo de terapeuta e instrutor, ou o terapeuta detinha formação no âmbito da equitação (i.e., dois certificados pela EAGALA e um pelo PATH int.).

De acordo com Fine e Andersen (2021), o investimento na formação dos/a profissionais neste âmbito afigura-se crucial para acautelar a qualidade da intervenção realizada e aumentar a credibilidade do trabalho desenvolvido. A este respeito, Karol (2007) sinaliza que apenas um número muito reduzido de programas EFP são dinamizados por profissionais com mestrado ou doutoramento. Quando um/a profissional mais qualificado/a intervém no cenário EFP, o trabalho terapêutico pode deixar de se cingir à mobilização restrita de técnicas e passar a proporcionar uma experiência e envolvimento psicoterapêutico mais completo e potenciador da mudança.

Os principais problemas nos estudos incluídos na revisão prendem-se com a ausência de grupos de controlo, o reduzido número de participantes e a homogeneização da amostra, que comportam um elevado risco de enviesamento viés. Adicionalmente, a descrição da intervenção nem sempre é suficientemente exaustiva e clara, nomeadamente no que concerne à informação facultada sobre os/as profissionais que conduzem a intervenção, o seu percurso formativo e qualificações, a formação e experiência que detêm na área da problemática intervencionada. O facto é que a informação relativa à/ao terapeuta (i.e., competência técnica, experiência clínica e estilo pessoal) pode introduzir, também, enviesamento, dada a importância destas variáveis no processo e na resposta à psicoterapia (Peuker et al., 2009).

Além dos aspetos elencados, afigura-se crucial identificar o/a agente responsável pelo encaminhamento para este tipo de intervenção, dado que a falta de informação complementar sobre as intervenções já realizadas ou em curso se encontra, frequentemente, omissa.

Na psicoterapia assistida por equinos, associar a intervenção ‘tradicional’ e /ou complementar (Leitão, 2004; Roberts & Honzel, 2020), dificulta, também, a avaliação da eficácia da intervenção. De modo análogo, ter expectativas elevadas face ao impacto de programas de curta duração em domínios abrangentes, como a qualidade de vida) (García-Gómez et al, 2016) pode ser pouco realista e funcionar como fonte de viés.

É amplamente aceite que a terapia assistida por animais é, cada vez mais, utilizada de forma integradora como adjuvante na prática clínica (Flynn et al., 2020), tendo efeitos positivos nas sessões de terapia, quando associada ao programa terapêutico convencional (Chitic et al., 2012). Alguns autores (e.g., Jones et al., 2019; Smith-Osborne & Selby, 2010) consideram a psicoterapia assistida por equinos de

grande utilidade na intervenção com as crianças e jovens que têm baixo envolvimento na terapia tradicional.

A psicoterapia assistida por equinos depende da capacidade do profissional de aproveitar as oportunidades relacionais oferecidas pelo vínculo humano-animal, para explorar as necessidades emocionais e relacionais do/a cliente e avançar no processo de terapia (Parish-Plass & Oren, 2013). De acordo com Flynn et al. (2020), que auscultaram a perspetiva dos/as clínicos/as sobre as intervenções que incorporam equinos na prática clínica, a psicoterapia assistida por equinos pode ser tão eficaz quanto a psicoterapia tradicional. Esta eficácia parece depender, em larga medida, das circunstâncias de implementação do programa, das características do grupo a que se dirige e do perfil dos/as técnicos/as envolvidos/as.

Na realidade portuguesa, as duas dissertações selecionadas (i.e., Antunes, 2012; Lobo, 2003) descrevem programas de intervenção centrados nas atividades com o cavalo – volteio, que alicerçados em sessões de 30 minutos, que decorreram ao longo de três meses. Os dois programas diferem no número de sessões que abrangem, uma vez que o programa dinamizado por Antunes integra 12 sessões e o programa implementado por Lobo inclui 20 sessões. No que concerne à população-alvo, Antunes interveio junto de adolescente com diversidade funcional, com dificuldades motoras e Lobo (2003), junto jovens com problemas/perturbações de comportamento portadores de défice cognitivo ligeiro (DCL) em situação ou em risco de exclusão social. Os resultados de ambos os estudos salientam diminuição com significado estatístico no isolamento social e ansiedade.

Ainda no que respeita aos estudos realizados em contexto nacional, e na mesma linha do que os dois estudos referidos, Leitão (2004) desenhou um programa de equitação psicoeducativa (EPE) para crianças com ASD, que é implementado no

decorso de 16 semanas. O autor concluiu que este programa foi benéfico na promoção compreensão da linguagem, das competências de regulação do comportamento (i.e., redução de comportamentos agressivos e de movimentos repetidos), sociais, afetivas e motoras. A problemática é similar aos estudos incluídos nesta revisão, embora as amostras tenham uma dimensão diminuta, os desenhos dos estudos sejam pouco robustos, o que inviabiliza a generalização das conclusões extraídas destes trabalhos.

Articulação entre as questões orientadoras da revisão e a inferência dos estudos

É de todo interesse explorar os resultados dos estudos incluídos na revisão, articulando-os com as questões orientadoras da pesquisa, tendo como eixo norteador a questão de partida.

Quais são os efeitos da psicoterapia assistida por equinos no ajustamento socioemocional e na autonomia de crianças e adolescentes?

Pelyva et al. (2020) afirmam que as atividades assistidas por equinos têm um efeito positivo no ajustamento socioemocional, independentemente da abordagem terapêutica em que se escoram. A este respeito, destacam melhorias na autoconfiança, no autoconceito, na criatividade, na assertividade, a par da diminuição da ansiedade e do isolamento, que levam, segundo as autoras, à experiência de mais emoções e sentimentos positivos (Frederick, et al., 2015; Pendry et al., 2018).

Na mesma linha, diversos estudos (Dampsey, 2017; Pendry et al., 2014; Sanchez et al., 2014; Yorke et al., 2008) destacam os benefícios da psicoterapia assistida por equinos na promoção do desenvolvimento de competências de regulação emocional. Yorke et al. (2008) sublinham os ganhos ao nível da regulação emocional proporcionados pela relação de vinculação estabelecida com o cavalo, em jovens com PSPT. Por seu turno, Dampsey (2017) enfatiza o contributo da entre EAP para o desenvolvimento de competências de regulação emocional, sustentando-a

teoricamente a sua posição à luz dos princípios da regulação do sistema nervoso autónomo e nos componentes neurobiológicos e psicológicos da teoria da vinculação. Estes argumentos são consistentes com os resultados de Walters e Baldwin (2010), que indicam que os cavalos podem influenciar a oscilação da frequência cardíaca (FC) do ser humano, de modo a que esta seja semelhante à sua própria. Similarmente, os resultados dos estudos de Pendry et al. (2014) e de Sanchez et al. (2014) mostraram que a EAP está associada à diminuição dos níveis de cortisol e ao aumento da oxitocina, hormona associada à afetividade, ternura e ao ato de tocar. Os níveis de cortisol e a FC são medidas fisiológicas da redução de fatores de *stress* e, consequentemente, do bem-estar psicológico e da capacidade de regulação emocional (Pendry et al., 2014).

O reconhecimento destes ganhos terapêuticos reforça os benefícios associados às intervenções na promoção do controlo consciente das emoções, que auxiliam as crianças e adolescentes a gerir, de forma mais adequada, as interações sociais (Perkins, 2018)

Ainda no que respeita à esfera do ajustamento socioemocional, e considerando os estudos realizados com crianças e adolescentes em risco, Bachi et al. (2012) observou que, no decurso de sete meses de implementação da EFP, se verificava uma tendência de mudança positiva na autoimagem, autocontrolo e confiança em adolescentes institucionalizados, comparativamente com um grupo controlo, que não evidenciou qualquer mudança. Porém, estes resultados não estatisticamente significativos. Na avaliação de *follow-up* da intervenção, os/as participantes reportaram sentir-se mais integrados/as socialmente, bem como cometer menos infrações e adotar, com menor frequência, comportamentos de abuso de estupefacientes.

Por sua vez, no estudo de Schultz et al. (2007), observou-se um aumento das pontuações da Escala de Avaliação Global de Funcionamento da Criança (GAF) no domínio psicológico, social e escolar, após a implementação de um programa de EAP, numa amostra crianças expostas a violência intrafamiliar durante um período de 18 meses (Schultz et al., 2007). Embora não existisse grupo de controlo e o aumento nas pontuações do GAF não seja estatisticamente significativo, observou-se uma correlação estatisticamente significativa entre o aumento das pontuações do GAF no domínio psicológico, social e escolar e o número de sessões de que beneficiaram.

Os benefícios da psicoterapia assistida por equinos são extensíveis ao domínio cognitivo. Aviv et al. (2020) salientam que são necessários alguns domínios da função executiva para montar e trabalhar com cavalos, nomeadamente as competências de planeamento, de organização e a memória de trabalho. Evans et al. (2018) advoga que alguns dos domínios das funções executivas que as atividades equinas permitem desenvolver, são passíveis de generalizar à vida quotidiana. A melhoria contínua das funções executivas observada nas crianças com PHDA, no estudo Aviv et al. (2020) corrobora este argumento.

Desta forma, a investigação tem vindo a viabilizar a formulação de inferências sobre os efeitos da psicoterapia assistida por equinos na promoção do ajustamento socioemocional, autonomia e funcionalidade de crianças e adolescentes, mas ainda não permite sustentar, de forma robusta e contundente, a eficácia da psicoterapia assistida por equinos.

I - A psicoterapia com recurso a equinos é eficaz na redução de sintomas psicopatológicos/indicadores de vulnerabilidade na esfera socioemocional?

Como referido, as evidências são mistas e apontam para efeitos que oscilam entre moderados a pouco perceptíveis. Os efeitos observados dependem de múltiplos fatores (i.e., gravidade da patologia, comorbilidades, experiência do/a terapeuta, relação estabelecida com a equipa terapêutica e com o/a coterapeuta (cavalo), programa desenhado com objetivos realistas e adequados à condição do participante, e outras variáveis contextuais) Uma vez que os resultados dos diferentes estudos não são contundentes, é necessário realizar mais investigação neste domínio, para poder formular recomendações mais rigorosas, pormenorizadas e criteriosas.

II - A eficácia da psicoterapia assistida por equinos varia em função da severidade dos sintomas psicopatológicos?

Mais do que em função da severidade gravidade da sintomatologia, a eficácia da psicoterapia assistida por equinos varia em função das dimensões do desenvolvimento que são objeto de intervenção, encontrando-se os ganhos nos domínios físico e motor (Kimberly et al., 2010; Milander, 2016), nas competências de comunicação verbal (Ecker, e Byrnes, 2018; Keino et al., 2009; Memishevijk e Hodzhikj, 2010; Zhao et al, 2020), nas competências sociais (Ghorban, 2013;Theodorou et al, 2019), na cognição (Hession et al, 2014; Kwon et al, 2019) e nas competências emocionais (Scopa et al., 2019) extensivamente descritos. Porém, e embora estas dimensões do funcionamento estejam associadas positivamente ao ajustamento socioemocional, é ainda reduzido o número de estudos cujo enfoque recai sobre o impacto da psicoterapia assistida por equinos na redução da sintomatologia psicopatológica. Acresce que não existem estudos em que seja controlada a severidade da sintomatologia dos participantes nas análises estatísticas realizadas para aferir a eficácia das intervenções implementadas.

III - A eficácia das intervenções na psicoterapia com recurso a equinos é influenciada pela sua combinação com outras intervenções terapêuticas?

No programa de intervenção desenhado por Leitão (2004), manteve-se a frequência do programa Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children (TEACCH), em simultâneo com a intervenção de Equitação Psico-Educacional (EPE). Os resultados apontam para a existência de vários benefícios no domínio emocional e motor. Todavia, como referido, a avaliação do programa emerge como um todo, não sendo viável a generalização das conclusões retiradas deste estudo. Por conseguinte, afigura-se relevante a realização de mais estudos que permitam responder, de forma mais consistente, a esta questão.

IV - A eficácia da psicoterapia com recurso a equinos é influenciada pela presença de comorbilidades?

Não têm sido muitos os estudos que procuram dar esta resposta. No entanto, Ahn et al. (2021) referem que uma das dificuldades de estudar as comorbilidades das perturbações do neurodesenvolvimento se prende com o facto de depender, sobretudo, de medidas de respostas de heterorrelato, preenchidas por pais e professores/as, que valorizam em excesso ou subestimam a severidade de alguns dos sintomas, o que se configura como inevitável fonte de enviesamento. Exemplo disso é a subidentificação de sintomatologia na ASD e na PHDA, em crianças do sexo feminino, por parte dos pais e professores/as. Esta subidentificação ocorre, por vezes, devido à existência de preconceitos e expectativas moldadas pelos estereótipos de género (Meyer et al., 2017; Mowlem et al., 2019). Reforçando este argumento, Vidalen et al., (2019) salientam que, devido a este enviesamento, alguns problemas graves em mulheres com ASD e PHDA só serão detetados na idade

adulta. É, por isso, fundamental que o processo de avaliação da eficácia da psicoterapia assistida por equinos se baseie na percepção de múltiplos/as informadores/as.

Apesar das potenciais fontes de viés identificadas, a evidência suporta a existência de ganhos ao nível dos aspetos atencionais e psicossociais em crianças e adolescentes com PHDA comórbida com Perturbação do Espectro do Autismo, Paralisia Cerebral e comorbilidade com PHDA (Ah net al., 2021). A psicoterapia assistida por equinos parece, pois, ter efeitos positivos em crianças e adolescentes com perturbações do neurodesenvolvimento, nomeadamente quando estão presentes condições comórbidas.

Implicações práticas:

Bachi (2012) esboça algumas sugestões que considera potencialmente facilitadoras da gestão de algumas das dificuldades metodológicas existentes na investigação que obstaculizam a afirmação desta área. No artigo “Equine-Facilitated Psychotherapy: The gap between practice and knowledge”, aponta possíveis soluções para alguns dos problemas (i.e., métodos de seleção amostral, e dimensão reduzida da amostra, ausência de grupos de controlo, inconsistência dos resultados e generalizações algo ambiciosas e excessivas dos resultados), referidas ao longo da presente revisão.

Não obstante, possivelmente, muitos dos problemas (i.e., duração limitada das intervenções avaliadas, fragilidades entre a definição da intervenção e a intervenção avaliada) identificados nos estudos realizados neste domínio também devem ocorrer no contexto da prática, pois, se a prática estivesse consolidada, facilmente se transporia para a investigação.

Deste modo, afigura-se de suma importância a utilização de instrumentos padronizados na avaliação dos participantes das psicoterapias/intervenções terapêuticas com incorporação de equinos, assim como no decurso de cada sessão. Esta prática pode contribuir, de forma substancial, para a avaliação de necessidades e, assim, auxiliar na identificação das variáveis que podem contribuir para a sua eficácia. Permitirá, também, a comparabilidade e, eventualmente, o desenvolvimento de parcerias com potenciais interessados nesta área de conhecimento, o que poderá viabilizar o recrutamento de um maior número de participantes, a par da mobilização de um espectro mais amplo de recursos que facilitem a realização de investigação neste domínio.

O desenho dos programas deve ser descrito/registado, e por vezes gravado para posterior reflexão e aperfeiçoamento. Acresce que, nas reuniões multidisciplinares, os objetivos devem ser clarificados pelos diferentes técnicos e registados para serem confrontados com os registos das sessões, possibilitando adequar estratégias.

A par dos aspetos referidos, no decurso do programa, deveriam ser realizadas, também, avaliações com outros intervenientes (e.g., pais, professores/educadores, assistentes sociais, equipe de saúde caso usufruam de outro programa terapêutico concomitantemente). No final do programa, a avaliação deveria ser repetida, verificando se os objetivos foram alcançados. Apesar das dificuldades associadas ao processo de reavaliação, quando o programa é implementado por um/a instrutor/a de equitação qualificado/a, quando a mesma é assegurada por uma equipa multidisciplinar, este processo deveria ser priorizado.

Por último, e ainda que a gestão dos constrangimentos de tempo seja incontornável em qualquer intervenção, adequar os processos na prática tendo em

conta esta limitação, também nos permitirá ultrapassar essa mesma limitação no futuro.

Limitações do estudo:

O estudo realizado apresenta algumas limitações. Entre estas, destaca-se o facto de se centrar na identificação dos estudos que avaliam a eficácia da psicoterapia assistida por equinos, uma vez que foram incluídos na revisão estudos em que não é aferida a eficácia da intervenção. A ausência desta avaliação dificulta a generalização dos resultados obtidos, bem como a replicação das intervenções realizadas na prática clínica. Outra limitação prende-se com o facto de não ter sido classificada a evidência de modo a viabilizar a formulação de recomendações para a prática clínica.

Conclusão

Esta revisão realizada contribuiu para ampliar e aprofundar a discussão teórico-concetual e metodológica sobre a psicoterapia assistida por equinos. Poderá, além disso, fornecer informação relevante orientadora da prática clínica neste domínio.

Os estudos incluídos nesta revisão centram-se, maioritariamente, no impacto positivo dos programas psicoterapêuticos no ajustamento socioemocional, autonomia e funcionalidade de crianças e adolescentes. Visou suprir a lacuna existente na investigação no que respeita à documentação da eficácia desta psicoterapia assistida por equinos em dimensões do funcionamento psicossocial, uma vez que os estudos existentes neste domínio incidem, maioritariamente, sobre os ganhos da intervenção assistida por equinos no sentido mais amplo na dimensão física e motora (Bachi,2012).

A par da ausência de um enquadramento teórico robusto que sustente a psicoterapia assistida por equinos, verifica-se também, uma grande dispersão na terminologia das abordagens terapêuticas, que dificulta a comparação de resultados. Espera-se que as recomendações de uniformização da taxonomia de Woods et al. (2021) sejam facilitadoras da adoção de uma terminologia mais homogênea e cientificamente sustentada.

A par dos aspetos referidos, afigura-se primordial desenvolver conhecimentos teóricos que sustentem e orientem os programas e as intervenções neste campo. A investigação deve ser rigorosa para preencher a lacuna entre a expansão da prática da psicoterapia incorporando cavalos e o conhecimento limitado da evidência comprovada da sua eficácia. Apostar em desenhos de estudo metodologicamente mais robustos e na sua replicação poderá ser uma boa estratégia, embora a implementação de alguns desenhos metodológicos seja de difícil exequibilidade.

Não obstante, procurou garantir-se que esta revisão incluísse uma variedade de fontes e fosse apresentada com precisão, por forma a conferir visibilidade a uma abordagem psicoterapêutica que, apesar de promissora, carece de investimento.

Referências

- Aas, I.M. (2010). Global Assessment of Functioning (GAF): properties and frontier of current knowledge. *Annals General Psychiatry*, 9,20 <https://doi.org/10.1186/1744-859X-9-20>
- Achenbach, T.M. (1991a). *Manual for Child Behavior Checklist/ 4–18 and 1991 Profile*. University of Vermont
- Achenbach, T. M. (1991b). *Manual for the teacher's report form and 1991 profile*. University of Vermont.

- Achenbach, T. M. (1991c). *Integrative guide for the 1991 CBCU4-18, YSR, and TRF profiles*. University of Vermont.
- Adams, C., Arratoon, C., Boucher, J., Cartier, G., Chalmers, D., Dell, C. A., Dell, D., Dryka, D., Duncan, R., Dunn, K., Hopkins, C., Longclaws, L., MacKinnon, T., Sauve, E., Spence, S., & Wuttunee, M. (2015). The helping horse: how equine assisted learning contributes to the wellbeing of first nations youth in treatment for volatile substance misuse. *Human-Animal Interaction Bulletin*, 3(1), 52–75.
- Acri, M., Hoagwood, K., Morrissey, M., & Zhang, S. (2016). Equine-assisted activities and therapies: enhancing the social worker's armamentarium. *Social Work Education*, 35(5), 1–10. <https://doi.org/10.1080/02615479.2016.1173669>
- Acri M., Morrissey M., Peth-Pierce, R., Seibel, L., Seag, D., Hamovitch, E.K., Guo, F., Horwitz, S., Hoagwood, K.E. (2021). An Equine-Assisted Therapy for Youth with Mild to Moderate Anxiety: Manual Development and Fidelity. *Journal of Child and Family Studies*.30,2461–2467 <https://doi.org/10.1007/s10826-021-02011-4>
- Ahn S., Choi, Y., Choi, W., Jo, T.Y., Kim, H., Lee, J. & Joo, S.W. (2021). Effects of comorbid alcohol use disorder on the clinical outcomes of first-episode schizophrenia: a nationwide population-based study. *Annales General of Psychiatry*, 20(32) <https://doi.org/10.1186/s12991-021-00353-3>
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E. & Wall, S., (1979). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Psychology Press
- Alden, L. E., Matthews, L. R., Wagner, S., Fyfe, T., Randall, C., Regehr, C., White, M., Buys, N., Carey, M.G., Corneil, W., White, N., Fraess-Phillips, A. & Krutop, E. (2021). Systematic literature review of psychological interventions for first responders. *Work & Stress*, 35(2), 193-215.

<https://doi.org/10.1080/02678373.2020.1758833>

Allen, J.G. (2003). Mentalizing in practice. In: Allen JG & P. Fonagy (edit) P.

Handbook of Mentalization-Based Treatment. John Wiley & Sons, Ltd.

Alfonso, S. V., Alfonso, L. A., Llabre, M. M., & Fernandez, M. I. (2015). Project stride: in equine-assisted intervention to reduce symptoms of social anxiety in young women. *Explore*, 11(6), 461–467. <https://doi.org/10.1016/j.explore.2015.08.003>

Anderson, S. & Meints, K. (2016). Brief report: the effects of equine-assisted activities on the social functioning in children and adolescents with autism spectrum disorder. *Journal Autism Development Disorders*. 46(10),3344-52. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2869-3>

Anestis, M., Anestis, J., Zawilinski, L., Hopkins, T., & Lilienfield, S. (2014). Equine related treatments for mental disorders lack empirical support: a systematic review of empirical investigations. *Journal of Clinical Psychology* 70(12), 1115– 1132.

Antunes, S.P.C. (2012). *O cavalo enquanto co-terapeuta estudo exploratório com adolescentes PIEF (plano integrado de educação e formação)* [Dissertação Mestrado]. ISPA – Instituto Universitário

Arrazola, A, Merkies, K. (2020). Effect of human attachment style on horse behaviour and physiology during equine-assisted activities-a pilot study. *Animals*, 10(7),1156. <https://doi.org/10.3390/ani10071156>.

Atherton, W.L., Meola, C.C., & Pritchard, K.S. (2020). Innovative equine facilitated psychotherapy intervention for adolescent addiction treatment: a pilot study. *International Journal of High-Risk Behaviors and Addiction*, 9(3), e103877. <https://doi.org/10.5812/ijhrba.103877>.

Aviv, T.M., Katz, Y.J. & Berant, E. (2021). The contribution of therapeutic

- horseback riding to the improvement of executive functions and self-esteem among children with ADHD. *Journal of Attention Disorders*, 25(12), 1743–1753
<https://doi.org/10.1177/1087054720925898>
- Bachi, K., Terkel, J. & Teichman, M. (2011). Equine facilitated psychotherapy for at-risk adolescents: the influences on self-image, self-control and trust. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 17(2), 298-312.
- Bachi, K. (2012). Equine-facilitated psychotherapy: The gap between practice and knowledge. *Society and Animals*, 20(4), 364-380.
- Bachi, K. (2013). Application of attachment theory to equine assisted psychotherapy. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 43(3), 187–196
- Ballard, S., Vincent, A., & Collins, C. (2020). Equine facilitated psychotherapy with young people: why insurance coverage matters. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 37, 657–663. <https://doi.org/10.1007/s10560-020-00712-1>
- Basile, R.B. & Antoon, M.C. (1996). *The Psychological Effects of Equine Facilitated Psychotherapy on Behavior and Self-Esteem in Children*. [Master Thesis]. Southeastern Louisiana University, Hammond, LA.
- Bass, M. M., Duchowny, C. A. & Llabre, M. M. (2009). The effect of therapeutic horseback riding on social functioning in children with autism. *Journal of Autism Developmental Disorder*, 39(9), 1261–1267. <https://doi.org/10.1007/s10803-009-0734-3>
- Barrera, I. & Spiegel, D. (2014). Review of psychotherapeutic interventions on depression in cancer patients and their impact on disease progression. *International review of psychiatry*, 26(1), 31-43.
<https://doi.org/10.3109/09540261.2013.864259>.

- Beck, A. T., Steer, R. A., & Brown, G. (1996). *Beck Depression Inventory–II (BDI-II)* [Database record]. APA PsycTests. <https://doi.org/10.1037/t00742-000>
- Beck, J. S. (2011). *Cognitive behavior therapy: Basics and beyond*. (2nd ed.). Guilford Press.
- Beckman-Devik, L., & Ansin, C. (2008). Evaluation of the effects of a therapeutic horsemanship program for children with attention deficit characteristics: A study at Perkins School's Rein in a Dream. *The Latham Letter*, 12–17
- Beetz, M.A.A., Winkler, M.S.N, Julius, H., UvnäSMoberg, K. & Kotrschal K. (2015). A Comparison of equine-assisted intervention and conventional play-based early intervention for mother–child dyads with insecure attachment. *Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention*, 8(1), 17-39, <https://doi.org/10.1080/19411243.2015.1026017>
- Beiber, N. (1985). Riding for the disabled in the U.S. *People–Animals–Environment*, 3, 18-20.
- Best practice in equine facilitated interventions-education (2021). HETI. <https://hetifederation.org/education/best-practice-in-equine-facilitated-interventions-education/>
- Birke, L. & Hockenhull, J. (2015). Journeys together: horses and humans in partnership. *Society & Animals*, 23(1), 81–100 <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2011.06.002>
- Borgi, M. & Cirulli, F. (2015) Attitudes toward animals among kindergarten children: species preferences. *Anthrozoös*, 28(1), 45-59, <https://doi.org/10.2752/089279315X14129350721939>
- Borgi, M., Loliva, D., Cerino, S., Chiarotti, F., Venerosi, A., Bramini, M., Nonnis, E., Marcelli, M., Vinti, C., Santis, C., Bisacco, F., Fagerlie, M., Frascarelli, M., &

- Cirulli, F. (2016). Effectiveness of a standardized equine-assisted therapy program for children with autism spectrum disorder. *Journal Autism Development Disorders*, 46(1),1-9. <https://doi.org/10.1007/s10803-015-2530-6>.
- Boshoff, C., Grobler, H. & Nienaber, A. (2015). The evaluation of an equine-assisted therapy programme with a group of boys in a youth care facility. *Journal of Psychology in Africa*, 25(1), 86-90, <https://doi.org/10.1080/14330237.2015.1007611>
- Bowers, M. (2001). *The effectiveness of equine-facilitated psychotherapy on behavior and self-esteem in children with attention-deficit/ hyperactivity disorder (ADHD)* [Master Thesis]. Washburn University.
- Boyd, K.J. (2013). *The language of equus: exploring equine-assisted psychotherapy (EAP) using the Equine Assisted Growth and Learning Association (EAGALA) model* [Masters Thesis]. Smith College. <https://scholarworks.smith.edu/theses/587>
- Brandt, C. (2013). Equine-facilitated psychotherapy as a complementary treatment intervention. *The Practitioner Scholar: Journal of Counseling and Professional Psychology*, 2(1),23-42.
- Bray, B. (2002). *Treating adolescents using equine-assisted psychotherapy: effects on self-concept, anxiety, and depression* [Master thesis]. Whitman College.
- Brock, B.J. (1989, March). *Therapy on horseback: psychomotor and psychological change in physically disabled adults*. [Paper presentation]. The American Camping Association National Conference, Seattle, WA
- Buck, P.W., Bean, N. & Marco, K. (2017). Equine-assisted psychotherapy: an emerging trauma-informed intervention. *Advances in social work*. 18(1), 387-402. <http://dx.doi.org/10.18060/21310>

- Buckman, R., Kinney, D., & Reese, A. (2008). Narrative therapies. In N. Coady & P. Lehman (Eds.), *Theoretical perspectives for direct social work practice*, (pp. 369-400). Springer.
- Burgon, H. (2014). *Equine-assisted therapy and learning with at-risk young people*. Palgrave Macmillan.
- Burton, L.E., Qeadan, F., Burge, M.R. (2019). Efficacy of equine-assisted psychotherapy in veterans with posttraumatic stress disorder. *Journal Integrative Medicine*, 17(1), 14-19. <http://dx.doi.org/10.1016/j.joim.2018.11.001>.
- Byrt, T., Bishop, J. & Carlin, J.B. (1993). Bias prevalence and Kappa. *Journal clinical epidemiology*, 46 (5), 423-429.
- Camilo, C. & Garrido, M. V. (2019). A revisão sistemática de literatura em psicologia: desafios e orientações. *Análise Psicológica*. 4 (XXXVII), 535-552 <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1546>
- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(2), 267–283. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.56.2.267>
- Cepeda, J. (2011). *Equine-assisted psychotherapy: A manual for therapists in private practice* [Doctoral Dissertation]. Azusa Pacific University
- Cerino, S., Cirulli, F., Chiarotti, F., & Seripa, S. (2011). Non-conventional psychiatric rehabilitation in schizophrenia using therapeutic riding: The FISE multicentre Pindar project. *Annali dell'Istituto Superiore di Sanità*, 47, 409–414. http://dx.doi.org/10.4415/ann_11_04_13
- Chandler, C. K. (2005). *Animal assisted therapy in counseling*. Routledge
- Chandler, C. K., Portrie-Bethke, T. L., Minton, C. A. B., Fernando, D. M., & O'Callaghan, D. M. (2010). Matching animal-assisted therapy techniques and

- intentions with counseling guiding theories. *Journal of Mental Health Counseling*, 32(4), 354-374 <https://doi.org/10.17744/mehc.32.4.u72lt21740103538>
- Chardonens, E. (2009). The use of animals as co-therapists on a farm: The child-horse bond in person-centered equine-assisted psychotherapy. *Person Centered Experiential Psychotherapy*. 8, 319–332
- Chen, Y.-H., Naud C., Rangwala I., Landry C.C. & Miller J.R. (2014). Comparison of the sensitivity of surface downward longwave radiation to changes in water vapor at two high elevation sites. *Environmental Research. Letter*, 9 (11), 114015, <https://doi.org/110.1088/1748-9326/9/11/114015>
- Chitic, V., Rusu, A.S., Szamoskozi, S. (2012). The effects of animal-assisted therapy on communication and social skills. *Transylvanian Journal of Psychology*, 1,2-13.
- Christian, J. E. (2005). All creatures great and small: utilizing equine assisted therapy to treat eating disorders. *Journal of Psychology and Christianity*, 24, 65– 67
- Clark, J. (2021). *Using equine therapy as mental health treatment: what horses bring to the therapeutic process*. <https://www.verywellmind.com/equine-therapy-mental-health-treatment-4177932>
- Cohn, E.S. (2001). Parent's perspective of occupational therapy using a sensory integration approach. *American Journal of Occupational Therapy*, 55(3), 285-294. <https://doi.org/10.5014/ajot.55.3.285>
- Colclasure D. (2004). *To greener pastures: Women recovering from eating disorders find healing, hope at Remuda Ranch*. Remuda Ranch.
- Cole D. L. (2005). Horses and youth (H.A.Y.): A not-so-typical approach to at-risk programming. *Journal of Extension*, 43(3). <http://www.joe.org/joe/2005june/rb4.php>

- Cornelius, S. (2002). *An exploratory study of theoretical concepts used by practitioners of equine-assisted psychotherapy in treating eating disordered patients in residential treatment settings: A project based upon an independent investigation* [Master thesis]. Smith College School of Social Work, Northampton, MA.
- Craig, C, Hiskey, S, Spector, A. (2020). Compassion focused therapy: a systematic review of its effectiveness and acceptability in clinical populations. *Expert Review of Neurotherapeutics*, 20(4), 385-400.
<https://doi.org/10.1080/14737175.2020.1746184>.
- Cumella, E. J. (2003). Is equine therapy useful in the treatment of eating disorders? *Eating Disorders: The Journal of Treatment & Prevention*, 11, 143–147.
<https://doi.org/10.1080/10640260390199325>
- Dampsey, E. (2017). *The effects of equine-assisted psychotherapy on emotion regulation: self-efficacy and self-awareness as potential mediators*. [Doctoral Dissertation]. Fielding Graduate University
- Davis, D. L., & Maurstad, A. (2016). *The Meaning of Horses: Biosocial Encounters*. Routledge.
- Delgadilloa, J., Payne, S., Gilbodyc, S., Godfreyc, C., Gore, S., Jessope, D., Dale, V. (2012). Brief case finding tools for anxiety disorders: Validation of GAD-7 and GAD-2 in addictions treatment. *Drug and Alcohol Dependence*, 125, 37-42
- Dell, C., Chalmers, D., Dell, D., Sauve, E. & MacKinnon, T. (2008). Horse as Healer: An Examination of Equine Assisted Learning in the Healing of First Nations Youth from Solvent. Pimatisiwin. *A Journal of Aboriginal and Indigenous Community Health*. 6(1),81-106.

- Dell, C.A., Chalmers, D., Bresette, N., Swain, S., Rankin, D. & Hopkins, C. (2011). A healing space: the experiences of First Nations and Inuit youth with equine-assisted learning (EAL). *Child & Youth Care Forum*, 40(4), 319–336
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71–75.
<https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901>
- Dion, L., Gray, K. (2014). Impact of therapist authentic expression on emotional tolerance in synergetic play therapy. *International Journal of Play Therapy*, 23, 55-6
- Dixon-Woods M. (2010). Why is patient safety so hard? A selective review of ethnographic studies. *Journal of Health Services Research & Policy*, 15 (Suppl 1), 11-6. <https://doi.org/10.1258/jhsrp.2009.009041>.
- Ecker S. & Byrnes J. (2018). Improving social and communication skills for participants with autism spectrum disorder through equine-assisted psychotherapy. In: *Equine-Assisted Mental Health Interventions*. Routledge
- Evans, S. W., Owens, J. S., Wymbs, B. T., & Ray, A. R. (2018). Evidence-based psychosocial treatments for children and adolescents with attention deficit/hyperactivity disorder. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 47, 157–198.
- Esbjorn, R.J. (2006). *When horses heal: a qualitative inquiry into equine facilitated psychotherapy*. [Doctor Dissertation]. Institute of Transpersonal Psychology Palo Alto.
- Ewing, C. A., MacDonald, P. M., Taylor, M., & Bowers, M. J. (2007). Equine-facilitated learning for youths with severe emotional disorders: a quantitative and

- qualitative study. *Child & Youth Care Forum*, 36(1), 59–72.
<https://doi.org/10.1007/s10566-006-9031-x>
- Figueiredo, M.M. (2014). *A equitação terapêutica e os seus efeitos: perspetiva dos pais e estudos de caso*. [Dissertação mestrado]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Fine, A.H., Andersen, S.J. (2021). A commentary on the contemporary issues confronting animal assisted and equine assisted interactions. *Journal Equine Veterinary Science*. 100,103436. <https://doi.org/10.1016/j.jevs.2021.103436>.
- Flynn, E., Zoller, A. G., Gandenberger, J., & Morris, K. N. (2022). Improving engagement in behavioral and mental health services through animal-assisted interventions: A scoping review. *Psychiatric Services*, 73(2), 188-195.
<https://doi.org/10.1176/appi.ps.202000585>
- Fonseca, A.C., Simões, A.; Ferreira, J.A.; Rebelo, J. A. & Cardoso, F. (1994). Inventário de competências sociais e de problemas de comportamento em crianças e adolescentes. *Psychologica*, 12, 55-78.
- Fonseca, A.C., Rebelo, J.A.; Ferreira, J.A.; Simões, A.; Cardoso, F. (1995). Inventário de comportamentos de crianças para professores- Teacher Report Form., *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXIX, 81-102
- Frame, D. L. (2006). *Practices of therapists using equine facilitated/assisted psychotherapy in the treatment of adolescents diagnosed with depression: A qualitative study*. [Doctoral dissertation]. New York University.
- Frederick, K.E, Hatz J.I., Lanning B. (2015). Not just horsing around: the impact of equine-assisted learning on levels of hope and depression in at-risk adolescents. *Community Mental Health Journal* 51(7),809-17. <https://doi.org/10.1007/s10597-015-9836-x>.

- Frewin, K. & Gardiner, B. (2005). New age or old sage? A review of equine assisted psychotherapy. *The Australian Journal of Counselling Psychology*, 6, 13-17.
- Fry, N.E. (2013). Equine-assisted therapy: an overview. In: Grassberger M., Sherman R., Gileva O., Kim C. & Mumcuoglu K. (eds), *Biotherapy—History, Principles and Practice*. (pp. 255–284). Springer.
- Gabriels, R.L., Pan, Z., Dechant, B., Agnew, J.A., Brim, N., & Mesibov, G. (2015). Randomized controlled trial of therapeutic horseback riding in children and adolescents with autism spectrum disorder. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 54(7), 541-9.
<https://doi.org/10.1016/j.jaac.2015.04.007>
- Gamache, J. (2004). *Equine-assisted therapy's affect on social skills and attention among school age children*. [Master thesis]. University of Puget Sound.
- Garcia-Gómez, A., Risco, M.L., Rubio, J.C., Garcia-Pena, I.M. (2014). Effects of a program of adaptive therapeutic horse-riding in a group of ASD children. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*. 12(1), 107–128.
- García-Gómez, A., Rodríguez-Jiménez, M., Guerrero-Barona, E., Rubio-Jiménez, J.C., García-Peña, I. & Moreno-Manso, J.M. (2016). Benefits of an experimental program of equestrian therapy for children with ADHD. *Research in Developmental Disabilities*, 59, 176–185.
- Garnefski, N., Kraaij, V., & Spinhoven, P. (2001). Negative life events, cognitive emotion regulation and emotional problems. *Personality and Individual Differences*, 30(8), 1311–1327. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00113-6](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00113-6)
- George, C., & West, M. (2012). *The Adult Attachment Projective Picture System: Attachment Theory and Assessment in Adults*. Guilford Press.

- George, C., West, M., & Pettem, O. (1997). *The Adult Attachment Projective*. Mills College.
- Germer, C. K., Siegel, R. D., & Fulton, P. R. (2013). *Mindfulness and psychotherapy* (2nd ed.). Guilford.
- Gibbons, J.L., Cunningham, C.A., Paiz, L., Poelker, K.E. & Chajón, A. (2017). Now, he will be the leader of the house: an equine intervention with at-risk Guatemalan youth. *International Journal of Adolescence and Youth*, 22(4), 390-404, <https://doi.org/10.1080/02673843.2016.1202844>
- Ghorban, H., Sedigheh, R.D., Marzieh, G. & Yaghoob, G. (2013). effectiveness of therapeutic horseback riding on social skills of children with autism spectrum disorder in Shiraz, Iran. *Journal of Education and Learning*, 2(3), 79-84 <https://doi.org/10.5539/jel.v2n3p79>
- Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the strengths and difficulties questionnaire. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 40(11), 1337–1345. <https://doi.org/10.1097/00004583-200111000-00015>
- González, J., Fernández, S., Pérez, E., & Santamaría, P. (2004). *Adaptación española del sistema de evaluación de la conducta en niños y adolescentes*. BASCTEA Ediciones
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348–362. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.348>

- Gunnell, K.E., Belcourt, V.J., Tomasone J.R. & Weeks LC. (2022). Systematic review methods. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 15(1), 5-29, <https://doi.org/10.1080/1750984X.2021.1966823>
- Haig, L. & Skinner, K. (2022). Use of equine-assisted services to improve outcomes among at-risk and indigenous youth: a scoping review. *Sec. Children and Health*. 10, 1-13 <https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.730644>
- Hallberg, L. (2008a). *Walking the way of the horse: exploring the power of the horse human relationship*. IN: iUniverse.
- Hallberg, L.(2018b). *The clinical practice of equine-assisted therapy: including horses in human healthcare*. Routledge.
- Hamill, D., Washington, K. & White, O.R. (2007), The effect of hippotherapy on postural control in sitting for children with cerebral palsy, *Physical and Occupational Therapy in Pediatrics*, 27 (4), 23-42.
- Harvey, C., Jedlicka, H., & Martinez, S. (2020). A program evaluation: equine-assisted psychotherapy outcomes for children and adolescents. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 37,665–675 <https://doi.org/10.1007/s10560-020-00705-0>
- Hauge, H., Kvaalem, I., Berget, B., Enders-Slegers, M., J. & Braastad, B. (2014). Equine-assisted activities and the impact on perceived social support, self-esteem and self-efficacy among adolescents - an intervention study. *International journal of adolescence and youth*. 19, 1-21. <https://doi.org/10.1080/02673843.2013.779587>.
- Hayden, A. J. (2005). *An exploration of the experiences of adolescents who participated in equine-facilitated psychotherapy: a resiliency perspective*.

- Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 65(12-B), 6653
- Hediger, K., Wagner, J., Künzi, P., Haefeli, A., Theis, F., Grob, C., Pauli, E., & Gerger, H. (2021). Effectiveness of animal-assisted interventions for children and adults with post-traumatic stress disorder symptoms: a systematic review and meta-analysis. *Eur J Psychotraumatol*, 12(1), 1879713. <https://doi.org/10.1080/20008198.2021.1879713>. eCollection 2021
- Hemingway, A. (2019). A study exploring the implementation of an equine assisted intervention for young people with mental health and behavioural issues. *Multidisciplinary scientific journal* 2, 236-246. <https://doi.org/10.3390/j2020017>.
- Hession, CE, Eastwood, B, Watterson, D, Lehane, CM, Oxley, N, Murphy, BA. (2014). Therapeutic horse riding improves cognition, mood arousal, and ambulation in children with dyspraxia. *Journal of Alternative and Complementary Medicine*. 20(1), 19-23. <https://doi.org/10.1089/acm.2013.0207>
- Higgins, J.P.T. & Green, S. (2011) Cochrane handbook for systematic reviews of interventions. Version 5.1.0. The Cochrane Collaboration. <http://handbook-5-1.cochrane.org>
- Hoagwood, KE, Acri, M, Morrissey, M. & Peth-Pierce R. (2017). Animal-assisted therapies for youth with or at risk for mental health problems: a systematic review. *Applied Developmental Science*. 21(1), 1-13. <https://doi.org/10.1080/10888691.2015.1134267>
- Hochreich, D. J. (1973). A children's scale to measure interpersonal trust. *Developmental Psychology*, 9(1), 141. <https://doi.org/10.1037/h0035085>

- Hoffman, L., Stewart, S., Warren, D., & Meek, L. (2009). Toward a sustainable myth of self: an existential response to the postmodern condition. *Journal of Humanistic Psychology*, 49, 135-173. <https://doi.org/10.1177/0022167808324880>
- Holtcamp K., Nicodemus M., Phillips T., Christiansen D., Ryan P., Rude B., Galarneau K. (2021). Equine assisted psychotherapy and learning as an effective complementary form of substance use disorder treatment for college-age young adults in a residential treatment program. *Journal of Equine Veterinary Science*, 100, 103594. <https://doi.org/10.1016/j.jevs.2021.103594>
- Huebne E.S. (1991). Initial Development of the Student's Life Satisfaction Scale. *School Psychology International*, 12(3), <https://doi.org/10.1177/0143034391123010>.
- Huesmann, L. R., & Guerra, N. G. (1997). Children's normative beliefs about aggression and aggressive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(2), 408–419. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.2.408>
- Hurwitz, J. (2013). *Exploring equine assisted psychotherapy for adolescents in residential care*. [Thesis Master]. Stellenbosch University
- Jegatheesan, B. (2018). Influence of cultural and religious factors on attitudes toward animals. In A. H. Fine (Ed.), *Handbook on animal-assisted therapy: foundations and guidelines for animal-assisted intervention* (5th ed., pp. 43–49). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-815395-6.00004-3>
- Jones, C. J. V. (2017). *Differentiating the effects of animal-assisted versus equine facilitated psychotherapy on positive psychological outcomes through a stress induction context* [Doctor Dissertation]. Georgia Southern University.

- Kaiser, L., Smith, K. A., Heleski, C. R., & Spence, L. J. (2006). Effects of a therapeutic riding program on at-risk and special education children. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 228, 46–52. <https://doi.org/10.2460/javma.228.1.46>
- Kazdin, A. E., & Blaze, S. L. (2011). Rebooting psychotherapy research and practice to reduce the burden of mental illness. *Perspectives on Psychological Science*, 6(1), 21-37. <https://doi.org/10.1177/1745691610393527>
- Karol, J. (2007). Applying a traditional individual psychotherapy model to equine-facilitated psychotherapy (EFP): theory and method. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 12(1), 77-90 <https://doi.org/10.1177/1359104507071057>
- Kemp, K., Signal, T., Botros, H., Taylor, N., & Prentice, K. (2014). Equine facilitated therapy with children and adolescents who have been sexually abused: a program evaluation study. *Journal Child Family Studies*. 23, 558–566 <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9718-1>
- Kendall, E., Maujean, A., Pepping, C., Downes, M., Lakhani, A., Byrne, J., & Macfarlane, K. (2015). A systematic review of the efficacy of equine-assisted interventions on psychological outcomes. *European Journal of Psychotherapy & Counselling*, 17, 1-23. <https://doi.org/10.1080/13642537.2014.996169>.
- Kendall, E. & Maujean, A. (2015) Horse play: a brief psychological intervention for disengaged youths. *Journal of Creativity in Mental Health*, 10(1), 46-61, <https://doi.org/10.1080/15401383.2014.962720>
- Keino, H., Funahashi, A., Keino, H., Miwa, C., Hosokawa M., Hayashi, Y. & Kawakita K. (2009). Psycho-educational horseback riding to facilitate communication ability of children with pervasive developmental disorders.

- Journal of equine science / Japanese Society of Equine Science*. 20. 79-88.
<https://doi.org/10.1294/jes.20.79>.
- Kern-Godal, A., Arnevik, E., Walderhaug, E. & Ravndal, E. (2015). Substance use disorder treatment retention and completion: a prospective study of horse-assisted therapy (HAT) for young adults. *Addiction Science & Clinical Practice*, 10(1), 21.
<https://doi.org/10.1186/s13722-015-0043-4>.
- Kern-Godal, A., Brenna, I. H., Kogstad, N., Arnevik, E. A. & Ravndal, E. (2016). Contribution of the patient-horse relationship to substance use disorder treatment: Patients' experiences. *International journal of qualitative studies on health and well-being*, 11, 31636. <https://doi.org/10.3402/qhw.v11.31636>
- Kersten, G. & Thomas, L. (1997). Straight from the horse's mouth: the truth about equine-assisted therapy. *The Counselor*, p. 25.
- Kilminster, S.M. & Jolly, B.C. (2000). Effective supervision in clinical practice settings: a literature review. *Medical Education*, 34, 827-840
- Kimberly, A.; Fournier, C.J.; Hass, S.K.; Naik, N.L. & James, H.C. (2010). Motor coordination in autism spectrum disorders: A synthesis and meta-analysis, *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 40(10), 1227-1240.
- Kirby, M. (2010). Gestalt equine psychotherapy. *Gestalt Journal of Australia and New Zealand*, 6(2), 60-68.
- Koekemoer E. (2016) *The potential of equine-assisted psychotherapy from the perspective of the licensed mental health practitioner and/or equine specialist in South Africa*. [Master Dissertation]. University of South Africa

- Kovacs, M. (2003). *Children's Depression Inventory (CDI): Technical Manual Update*. Multhi-Health Systems Inc.
- Klontz B.T., Bivens A., Leinart D., Klontz T. (2007). The effectiveness of equine-assisted experiential therapy: results of an open clinical trial. *Society and Animals*. 15, 257-267
- Klüwer, C. (2001). The federation of riding for the disabled international. In B. Engel (Ed.), *Therapeutic riding I: Strategies for instruction – Book I* (pp. 15-17). Omnipress
- Knopf, J.W.P.S. (2006). Doing a literature review. *Political Science & Politics*, 39(1), 127-132.
- Kovács, G., van Dijke, A. & Enders-Slegers, M. (2020). Psychodynamic based equine—assisted psychotherapy in adults with intertwined personality problems and traumatization: a systematic review. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 17, 5661 <https://doi.org/10.3390/ijerph17165661>
- Kunce, L.J., & Shaver, P.R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In: D. Perlman & K. Bartholomew (Eds.), *Advances in personal relationships*: vol. 5. Attachment processes in adulthood (pp. 205–237). Jessica Kingsley Publishers.
- Kwon, S., Sung, Y, Ko, E.J., Kim, H.S. (2019). Effects of therapeutic horseback riding on cognition and language in children with autism spectrum disorder or intellectual disability: a preliminary study. *Annals of Rehabilitation Medicine*. 43(3), 279-288. <https://doi.org/10.5535/arm.2019.43.3.279>

- Lac, V. (2014). Horsing around: gestalt equine psychotherapy as humanistic play therapy. *Journal of Humanistic Psychology*. 56(2), 194-202
<https://doi.org/10.1177/0022167814562424>
- Lac, V. (2017). *Equine facilitated psychoteraphy and learning: the human-equine relational development (HERD) approach*. Academic press
- Ladd, G. W., & Profilet, S. M. (1996). The child behavior scale: A teacher-report measure of young children's aggressive, withdrawn, and prosocial behaviors. *Developmental Psychology*, 32(6), 1008–1024. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.32.6.1008>
- Lamé, G. (2019). systematic literature reviews: an introduction. international conference on engineering design delft, Netherlands. pp.1633-1642, <https://doi.org/ff10.1017/dsi.2019.169ff>.
- Landis, J.R. & Koch, G.G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*.33(1),159-74.
- Lanning, B.A., Baier, M.E., Ivey-Hatz, J., Krenek, N., Tubbs, J.D. (2014). Effects of equine assisted activities on autism spectrum disorder. *Journal Autism Development Disorders*. 44(8),1897-907. <https://doi.org/10.1007/s10803-014-2062-5>.
- Latella, D. & Abrams, B. N. (2015). The role of the equine in animal-assisted interactions. In A. H. Fine (Ed.), *Handbook on animal-assisted therapy: Foundations and guidelines for animal-assisted interventions* (pp. 115–137). Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-801292-5.00010-9>

- Lee, P.-T., Dakin, E. & McLure, M. (2016), Narrative synthesis of equine-assisted psychotherapy literature: current knowledge and future research directions. *Health Soc Care Community*, 24, 225-246. <https://doi.org/10.1111/hsc.12201>.
- Lee, P. & Makela, C. (2015). Horses' roles in equine-assisted psychotherapy: perspectives of mental health practitioners. *Journal of Psychology and Behavioral Science*. 3. <http://dx.doi.org/10.15640/jpbs.v3n1a9>.
- Lee, P. & Makela, C. (2018) Mental health practitioners' strategies in equine-assisted psychotherapy: implications for social work. *Social Work Education*. 37(1), 119-135, <http://dx.doi.org/10.1080/02615479.2017.1378318>
- Leitão, L.G. (2004). Relações terapêuticas: um estudo exploratório sobre equitação psico-educacional (EPE) e autismo. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 335-354
- Leitão, L.G. (2008). Sobre a equitação terapêutica: Uma abordagem crítica. *Análise Psicológica*, 1(XXVI), 81-100.
- Lentini, J.A. & Knox, M.S. (2015) Equine-facilitated psychotherapy with children and adolescents: an update and literature review. *Journal of Creativity in Mental Health*, 10(3), 278-305 <http://dx.doi.org/10.1080/15401383.2015.1023916>
- Lessick, M., Shinaver, R., Post, K.M., Rivera, J.E. & Lemon, B. (2004). Therapeutic horseback riding. *Nursing Women's Health*, 8,46–53. <https://doi.org/10.1177/1091592304263956>
- Linde, K. & Willich, SN. (2003). How objective are systematic reviews? Differences between reviews on complementary medicine. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 96(1),17-22. <https://doi.org/10.1258/jrsm.96.1.17>.
- Lobo A.A.B.S.C., (2003). *Equitação terapêutica: a influência de um programa de*

equitação terapêutica em jovens com problemas/distúrbios comportamentais portadores de deficiência mental ligeira [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Porto.

Lutter, C. A., & Smith-Osborne, A. (2011). Equine-assisted exercise in the treatment of eating disorders: an alternative view. *Best Practices in Mental Health: An International Journal*, 7, 42–59

MacDonald, P. M. (2004). *The effects of equine-facilitated therapy with at-risk adolescents: A summary of empirical research across multiple centers and programs*. [Paper presentation.] Can Animals Help Humans Heal? Animal-Assisted Interventions in Adolescent Mental Health conference, Philadelphia, PA.
<http://research.vet.upenn.edu/Portals/36/media/Proceedings.pdf>

Mackler, K. (2012). Review of the Trauma Symptom Checklist for Children In: Briere, J, *Mental Measurements Yearbook*, 15.
<http://web.ebscohost.com.ezproxy.cqu.edu.au/ehost>

Mandrell, P. (2006). *An introduction to equine-assisted psychotherapy: a comprehensive overview*. Self Published.

Mas-Expósito, L, Amador-Campos, J.A., Gómez-Benito, J., Lalucat-Jo, L. (2013). Review of psychotherapeutic interventions for people with schizophrenia. *Anuario de Psicología/The UB Journal of Psychology*, 43 (1), 101-116

Masini, A. (2010). Equine-assisted psychotherapy in clinical practice. *Journal of psychosocial nursing and mental health services*. 48, 30-4.
<https://doi.org/10.3928/02793695-20100831-08>.

- Matuszek, S. (2010). Animal-facilitated therapy in various patient populations: systematic literature review. *Holistic Nursing Practice* 24(4), 187-203. <https://doi.org/10.1097/HNP.0b013e3181e90197>
- Marino, L. (2012). Construct validity of animal-assisted therapy and activities: how important is the animal in AAT? *Anthrozoös*, 25, 139–151. <https://doi.org/10.2752/175303712X13353430377219>
- Martin, A., Rief, W., Klaiberg, A. & Braehler, E. (2006). Validity of the brief patient health questionnaire mood scale (PHQ-9) in the general population. *General Hospital Psychiatry* 28, 71 – 77
- Martinho, V.F.C. (2011). *O impacto da equitação terapêutica nos fatores psicomotores em crianças em idade pré-escolar com necessidades especiais: um estudo single-subject*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Minho.
- Maujean, A., Pepping, C., & Kendall, E. (2015). A Systematic review of randomized controlled trials of animal-assisted therapy on psychosocial outcomes. *Anthrozoös: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals*, 28(1), 23-36. <https://doi.org/28.10.2752/089279315X14129350721812>
- McCullough, L., Risley-Curtiss, C. & Rorke, J. (2015). Equine facilitated psychotherapy: a pilot study of effect on posttraumatic stress symptoms in maltreated youth. *Journal of Infant, Child, and Adolescent Psychotherapy*, 14(2), 158-173. <https://doi.org/10.1080/15289168.2015.1021658>
- McCullough, M. E., Rachal, K. C., Sandage, S. J., Worthington, E. L., Jr., Brown, S. W., & Hight, T. L. (1998). Interpersonal forgiving in close relationships: II. Theoretical elaboration and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(6), 1586–1603. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.6.1586>

- Meinersmann, K.M., Bradberry J. & Roberts J.B. (2008). Equine-facilitated psychotherapy with adult female survivors of abuse. *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services* 46(12), 36-42
- Melo, U.P. & Ferreira, C. (2021). Multimodal therapy for treatment of equine back pain: a report of 15 cases. *Revista Brasileira Medicina Veterinária*. 43, e003321. <https://doi.org/10.29374/2527-2179.bjvm003321>.
- Memisevic, H. & Saudin, H. (2010). The effects of equine-assisted therapy in improving the psycho-social functioning of children with autism. *Journal of Special Education and Rehabilitation*. 11(3-4), 57-67.
- Myers, O. (2007). No longer the lonely species: a post-mead perspective on animals and sociology. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 23(3),46–68
- Meyer, B. J., Stevenson, J., & Sonuga-Barke, E. J. S. (2017). Sex differences in the meaning of parent and teacher ratings of ADHD behaviors: an observational study. *Journal Attention. Disorders* <https://doi.org/10.1177/1087054717723988>
- Milander, M., Bradley, S. & Fourie, R. (2016). Equine-assisted therapy as intervention for motor proficiency in children with autism spectrum disorder: case studies. *South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation*, 38(3), 37 - 49.
- Moore, SM, Komton, V, Adegbite-Adeniyi, C, Dolansky, MA, Hardin, HK, Borawski, EA. (2018). Development of the systems thinking scale for adolescent behavior change. *West Journal Nursing Research*. 40(3),375-387. <https://doi.org/10.1177/0193945917697219>

- Moreau, L. M., & McDaniel, I. (2000). *Equine facilitated mental health: A field guide for practice* (2nd ed.). North American Riding for the Handicapped Association
- Mowlem, F. D., Rosenqvist, M. A., Martin, J., Lichtenstein, P., Asherson, P., & Larsson, H. (2019). Sex differences in predicting ADHD clinical diagnosis and pharmacological treatment. *European Child & Adolescent Psychiatry* 28, 481–489. <https://doi.org/10.1007/s00787-018-1211-3>
- Mueller, M.K. & McCullough L. (2017). Effects of equine-facilitated psychotherapy on post-traumatic stress symptoms in youth. *Journal Child Family Studies*, 26,1164–1172 <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0648-6>
- Naste, T., Price, M & Karol, J, Martin, L, Murphy, K., Miguel, J. & Spinazzola, J. (2018). Equine facilitated therapy for complex trauma (eft-ct). *Journal of Child & Adolescent Trauma*.<https://doi.org/11.1-15.10.1007/s40653-017-0187-3>.
- Nelson, A., Signal, T., Wilson, R. (2016). Equine assisted therapy and learning: a survey of methodologies in Australia. *Society & Animals* 24(1), 337-357 <https://doi.org/10.1163/15685306-12341418>
- Nieforth, L.O. & Craig, E.A. (2021). Patient-centered communication (pcc) in equine assisted mental health. *Health Communication*, 36(13), 1656-1665, <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1785376>
- Notgrass C.G. & Pettinelli F.D. (2015). Equine assisted psychotherapy: the equine assisted growth and learning association's model overview of equine-based modalities. *Journal of Experiential Education*, 38(2) 162–174 <https://doi.org/10.1177/1053825914528472>
- Norwood, M. F., Lakhani, A., Maujean, A., Downes, M., Fullagar, S., Barber, B. L.

- Kendall, E. (2021). The horse as a therapist: effects of an equine program without "therapy" on the attention and behavior of youth disengaged from traditional school. *Journal of alternative and complementary medicine*, 27(8), 678-687
<https://doi.org/10.1089/acm.2020.0500>
- Offer, D., Ostrov, E. & Howard, K.I. (1977). The self-image of adolescents: A study of four cultures. *Journal Youth Adolescence* 6, 265–280
<https://doi.org/10.1007/BF02138939>
- O'Hanlon P. (2020). *From the Horse's Mouth: A Grounded Theory Study of Client and Staff Views and Experiences of the Role of Horse-Human Interactions in Equine-Assisted Therapy and Learning for Disadvantaged Young People*. [Doctoral Thesis]. University College London
- Parish-Plass, N. (2013). The contribution of animal-assisted psychotherapy to the potential space in play therapy. In N. Parish-Plass (Ed.), *Animal-assisted psychotherapy: Theory, issues and practice* (pp. 79–109). Purdue University Press.
- Penalva, C.V. (2021). *Experiences of incarcerated young men in equine-facilitated psychotherapy: an interpretative phenomenological analysis*. [Doctoral dissertation]. Nova Southeastern University.
https://nsuworks.nova.edu/shss_dft_etd/85.
- Pendry, P., Carr, A.M., Smith, A.N., Roeter, S.M. (2014). Improving adolescent social competence and behavior: a randomized trial of an 11-week equine facilitated learning prevention program. *Journal of Primary Prevention*. 35(4),281–93

- Pendry, P., Carr, A.M., Vandagriff, J.L. (2018). Adolescents' affective and physiological regulation shape negative behavior during challenging equine assisted learning activities. *Frontiers Veterinary Science* 5,300. <https://doi.org/10.3389/fvets.2018.00300>
- Pelyva, IZ, Kresák, R, Szovák, E, Tóth, ÁL. (2020). How equine-assisted activities affect the prosocial behavior of adolescents. *International Journal of Environmental Research Public Health*. 17(8),2967. <https://doi.org/10.3390/ijerph17082967>.
- Pérez-Gómez, J., Amigo-Gamero, H., Collado-Mateo, D., Barrios-Fernandez, S., Muñoz-Bermejo, L., Garcia-Gordillo, M.A., Carlos-Vivas J. & Adsuar J.C. (2020). Equine-assisted activities and therapies in children with attention-deficit/hyperactivity disorder: A systematic review. *Journal Psychiatric and Mental Health Nursing*, 28(6),1079-1091
- Perrin, S., Meiser-Stedman, R., & Smith, P. (2005). The children's revised impact of event scale (CRIES): Validity as a screening instrument for PTSD. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 33(4), 487–498. <https://doi.org/10.1017/S1352465805002419>
- Perkins, B. L. (2018) A pilot study assessing the effectiveness of equineassisted learning with adolescents, *Journal of Creativity in Mental Health*, 13(3), 298-305, <https://doi.org/10.1080/15401383.2018.1427168>
- Peters, B.C.M. & Wood, W. (2017) Autism and equine-assisted interventions: a systematic mapping review. *Journal Autism Development Disorders*, 47,3220–3242 <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3219-9>

- Peuker, A.C., Habigzang, L.F., Koller, S.H.& Araujo, L.B. (2009). Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 14 (3), 439-445.
- Phenow, A. (2016). *Implications of equine therapy utilized with children who have experienced trauma: a systematic review*. [Master Dissertation]. The St. Catherine University.
- Ping-Tzu, L. & Makela C. (2018). Mental health practitioners' strategies in equine-assisted psychotherapy: implications for social work. *Social Work Education*, 37(1), 119-135 <https://doi.org/10.1080/02615479.2017.1378318>
- Plume, J. (2016). Four legged healers: horse culture as medicine. *Tribal College*, 27(4), 34.
- Pugh, S.S. (2010). *Healing each other: a qualitative study of therapist perspectives at an equine-assisted psychotherapy program in Boulder, Colorado a project based upon an independent investigation* [Master Thesis]. Smith College School <https://scholarworks.smith.edu/theses/496>
- Prechter, A.K. (2014). *An assessment of equine assisted growth learning association and professional association of therapeutic horsemanship programs in Montana*. [Master thesis] Montana State University.
- Ratliffe, K. & Sanekane, C. (2009). Equine-assisted therapies: complementary medicine or not?. *Australian Journal of Outdoor Education*. 13. 33-43. <https://doi.org/10.1007/BF03400885>.
- Reynolds, C. R., & Kamphaus, R. W. (2004). *Behavior assessment system for children* (2nd ed.). American Guidance Service. Assessment for Effective Intervention. 32. 121-124. <https://doi.org/10.1177/15345084070320020301>

- Rimland, B. & Edelson, M. (1999). Autism treatment evaluation checklist. Autism Research Institute <https://www.autismeval.com/ari-atec/report1.html>
- Roberts, H. & Honzel, N. (2020). The effectiveness of equine-facilitated psychotherapy in adolescents with serious emotional disturbances. *Anthrozoös*, 33(1), 133-144, <https://doi.org/10.1080/08927936.2020.1694317>
- Rodriguez, K.E, Herzog, H. & Gee, N.R. (2021) Variability in human-animal interaction research. *Frontiers Veterinary Science*, 7,619600. <https://doi.org/10.3389/fvets.2020.61960>
- Rosenbaum, M. (1980). A schedule for assessing self-control behaviors: preliminary findings. *Behavior Therapy* 11(1),109-121 [https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(80\)80040-2](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(80)80040-2)
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton University Press.
- Rothe, E.Q., Vega, B.J., Torres, R.M., Silvia M.C.S. & Molina, R.M. (2005). From kids and horses: equine facilitated psychotherapy for children. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5(2), 373-383
- Russell-Martin, L. A. (2006). *Equine facilitated couples therapy and Solution Focused couples therapy: A comparison study* [Doctoral dissertation]. North central University, Prescott, Arizona
- Sampaio, R.F. & Mancini, M.C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*. 11(1), p. 83-89 <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>

- Sánchez, C.T., Castro, F.V., Herrera, S.S., & Juárez, J.C. (2014). Hormonal changes analysis by effects of horses assisted therapy in the autistic population. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 132, 87 – 91. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.04.282>
- Sapir, L. (2007). Equine-assisted clinical practice with at-risk youth: treatment approach and results at horse sense of the Carolinas. <http://horsesenseotc.com>
- Schultz, P.N., Remick-Barlow, G.A. & Robbins, L. (2007). Equine-assisted psychotherapy: a mental health promotion/intervention modality for children who have experienced intra-family violence. *Health Society Care Community*. 15(3),265-71. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2524.2006.00684.x>.
- Schopler, E., ReIchler, R. J., Bashford, A., LansIng, M., & Marcus, L. (1990). Individualized assessment and treatment for autistic and developmentally disabled children: Vol. 1 Psychoeducational Profile-Revised (PEP-R). Pro-ed
- Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1993). *Measurement of perceived self-efficacy: psychometric scales for cross-cultural research*. Freie University.
- Scopa, C., Contalbrigo, L., Greco, A., lanatà, A., Scilingo, E. & Baragli, P. (2019). Emotional transfer in human-horse interaction: new perspectives on equine assisted interventions. *Animals*. 9(12). <https://doi.org/10.3390/ani9121030>.
- Seevers, B. & Dormody, T. & Clason, D. (1995). Developing a scaled to research and evaluate youth leadership like skills development. *Journal of Agricultural Education*. 36. <https://doi.org/10.5032/jae.1995.02028>

- Sexauer, A. M. (2011). *Equine embrace: touch and the therapeutic encounter in equine facilitated psychotherapy from the perspective of the clinician*. [Master Thesis], Smith College. <https://scholarworks.smith.edu/theses/1014>
- Shallice, T. (1982). Specific impairments of planning. *Philosophical transactions of the Royal Society of London. B Biological Science*. 25;298(1089),199-209. <https://doi.org/10.1098/rstb.1982.0082>
- Shambo, L., Young, D., & Madera, C. (2013). *The listening heart: The limbic path beyond office therapy*. Human-Equine Alliances for Learning.
- Smith, V., Devane, D., Begley, C.M. (2011). Methodology in conducting a systematic review of systematic reviews of healthcare interventions. *BMC Medical Research Methodology*, 11,15 <https://doi.org/10.1186/1471-2288-11-15>
- Smith-Osborne, A. & Selby A. (2010). Implications of the literature on equine-assisted activities for use as a complementary intervention in social work practice with children and adolescents. *Child and Adolescent Social Work Journal* 27(4), 291–307. <https://doi.org/10.1007/s10560-010-0201-1>
- Smoktunowicz, E., Barak, A., Andersson, G., Banos, R.M., Berger, T., Botella, C., Dear, B.F., Donker, T., Ebert, D.D., Hadjistavropoulos, H., Hodgins, D.C., Kaldoo, V., Mohr, D.C., Nordgreen, T., Powers, M.B., Riper, H., Ritterband, L.M., Rozental, A., Schueller, S.M., Titov, N., Weise, C. & Carlbring, P. (2020). Consensus statement on the problem of terminology in psychological interventions using the internet or digital components. *Internet Interventions*, 21, 1-8 <https://doi.org/10.1016/j.invent.2020.100331>
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: an overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 104, 333-339

- Sparrow, S., Balla, D. and Cichetti, D. (1984) *The vineland adaptive behavior scales*. American Guidance Service, Circle Pines
- Srinivasan, S.M., Cavagnino, D.T. & Bhat, A.N. (2018). Effects of equine therapy on individuals with autism spectrum disorder: a systematic review. *Review Journal Autism Development Disorders*.5(2),156-175. <https://doi.org/10.1007/s40489-018-0130-z>.
- Steiner, H. & Kertesz, Z. (2015). Effects of therapeutic horse riding on gait cycle parameters and some aspects of behavior of children with autism. *Acta Physiologica Hungarica*, 102(3),324–35
<https://doi.org/10.1556/036.102.2015.3.10>
- Siddaway, A.P., Wood, A.M. & Hedges, L.V. (2019). How to do a systematic review: a best practice guide for conducting and reporting narrative reviews, meta-analyses, and meta-syntheses. *Annual Review Psychological*. 4(70),747-770.
<https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-102803>.
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: an overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 104, 333–339
- Stapleton, P. & Grimmett, K.T. (2021). Australian community and health professionals' perceptions of equine-assisted psychotherapy. *Evidence Based Complementary Alternative Medicine*. 1-16
<https://doi.org/10.1155/2021/2217761>
- Sterba, J.Á. (2007). Does horseback riding therapy or therapist-directed hippotherapy rehabilitate children with cerebral palsy? *Developmental Medicine & Child Neurology*, 49, 68–73 <https://doi.org/10.1017/S0012162207000175>
- Srinivasan, S.M., Cavagnino, D.T. & Bhat, A.N. (2018). Effects of equine therapy

- on individuals with autism spectrum disorder: a systematic review. *Review Journal Autism Development Disorders*. 5(2),156-175.
<https://doi.org/10.1007/s40489-018-0130-z>
- Tsantefski, M., Briggs, L., Griffiths, J. & Tidyman, A. (2017). An open trial of equine-assisted therapy for children exposed to problematic parental substance use. *Health and Social Care in the Community*, 1-10
<https://doi.org/10.1111/hsc.12427>
- Taylor, G. (2010). *Emerging areas of practice: understanding equine assisted therapy as part of occupational therapy practice*. www.HorsesCanHelp.com
- Theodorou, P. & Meliones, A. (2019). Developing apps for people with sensory disabilities, and implications for technology acceptance models. *Global Journal of Information Technology: Emerging Technologies*. 9(2),033–040.
<https://doi.org/10.18844/gjit.v9i2.4431>
- Terpin, J. L. (2004). *Exploring the human-animal bond in an animal-assisted therapy program for at-risk youth*. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 65(5-B), 2672.
- Tetreault, A. (2006). *Horses that heal: The effectiveness of equine assisted growth and learning on the behavior of students diagnosed with emotional disorder* [Master thesis]. Governors State University.
- The global standard for psychotherapy & personal development incorporating horses. EAGALA <https://www.eagala.org/index>
- The Joanna Briggs Institute (2014). *Reviewers' Manual 2014 The Systematic Review of Economic Evaluation*. The Joanna Briggs Institute
- Evidence Therapies Incorporating Equines* (n.d.). PATH <https://pathintl.org/>

- Tobin, K. (2020). *The relationship between equine-assisted psychotherapy and client-therapist attachment on symptom reduction* [doctoral dissertation] Walden University.
- Tranfield, D., Denyer, D. & Smart, P. (2003). Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. *British journal of management*, 14, 207-222.
- Tsantefski, M. & Briggs, L. & Griffiths, J. & Tidyman, A. (2017). An open trial of equine-assisted therapy for children exposed to problematic parental substance use. *Health & social care in the community*. 25(3).
<https://doi.org/10.1111/hsc.12427>
- Trotter, K.T., Chandler, C., Goodwin-Bond, D. & Casey, J. (2008). A comparative study of the efficacy of group equine assisted counseling with at-risk children and adolescents. *Journal of Creativity in Mental Health*, 3, 1-42.
<https://doi.org/10.1080/15401380802356880>
- Trotter, R.T. (2012). Qualitative research sample design and sample size: resolving and unresolved issues and inferential imperatives. *Preventive Medicine*, 55(5), 398-400. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2012.07.003>
- Trzmiel, T., Purandare, B., Michalak, M., Zasadzka, E. & Pawlaczyk, M. (2019). Equine assisted activities and therapies in children with autism spectrum disorder: a systematic review and a meta-analysis. *Complementary Therapy Medicine*, 42, 104-113. <https://doi.org/10.1016/j.ctim.2018.11.004>
- Turner, M.J. (2018). *Horses in therapy: the practice of equine facilitated psychotherapy* [Doctoral Research Paper]. University of Denver
https://digitalcommons.du.edu/capstone_masters/321
- Vaz, P.M.F. (2019). A abordagem multinível para uma educação inclusiva: desafios

- e oportunidades. In G. Oliveira; J. Pereira; M. Lopes. (Eds.) *As artes na educação especial: teorias, metodologias e práticas sociais, culturais e educativas para a inclusão*. Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. p. 63-70.
- Vermöhlen, V., Schiller, P., Schickendantz, S., Drache, M., Hussack, S., Gerber-Grote, A. & Pöhlau, D. (2018). Hippotherapy for patients with multiple sclerosis: a multicenter randomized controlled trial (MS-HIPPO). *Multiple Sclerosis*, 24(10),1375-1382. <https://doi.org/10.1177/1352458517721354>
- Vidrine, M., Owen-Smith, P. & Faulkner, P. (2002). Equine-facilitated group psychotherapy: applications for therapeutic vaulting. *Issues in mental health nursing*. 23, 587-603. <https://doi.org/10.1080/01612840290052730>.
- Wagner, C., Grob, C. & Hediger, K. (2022). Specific and non-specific factors of animal-assisted interventions considered in research: a systematic review. *Frontiers Psychology*,13, 931347 <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.931347>
- Walters, L., & Baldwin, A. (2010). *Horses, humans, and the frequencies of connection*. [Master Thesis]. Fielding Graduate University.
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063–1070. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>
- Wharton, T., Whitworth, J., Macauley, E. & Malone, M. (2019). Pilot testing a manualized equine-facilitated cognitive processing therapy (EF-CPT) intervention for PTSD in veterans. *Psychiatry Rehabilitation Journal*, 42(3),268-276. <https://doi.org/10.1037/prj0000359>.
- White-Lewis, S., Russell, C., Johnson, R., Cheng, A. L., & McClain, N. (2017).

- Equine-assisted therapy intervention studies targeting physical symptoms in adults: a systematic review. *Applied Nursing Research*, 38(Supplement, C), 9–21. <https://doi.org/10.1016/j.apnr.2017.08.002>.
- White-Lewis, S. (2020). Equine-assisted therapies using horses as healers: a concept analysis. *Nursing Open*, 7, 58–67. <https://doi.org/10.1002/nop2.377>
- Whitely, R. (2009). *Therapeutic benefits of equine assisted psychotherapy for at-risk adolescent*. [Doctoral Dissertation]. Texas A&M University-Commerce
- Wilson, K., Buultjens, M. & Karimi, L. (2015). Equine-assisted psychotherapy for adolescents experiencing depression and/or anxiety: a therapist's perspective. *Clinical Child Psychology and Psychiatry* 22(1), 16-33. <https://doi.org/10.1177/1359104515572379>
- Wood, W., Alm, K., Benjamin, J., Thomas, L., Anderson, D., Pohl, M.A.L. & Kane, M. (2020). Optimal terminology for services in the united states that incorporate horses to benefit people: a consensus document. *The Journal of Alternative and Complementary Medicine*. 27, 88-95. <https://doi.org/10.1089/acm.2020.0415>.
- Yorke, J., Adams, C. & Coady N. (2008) Therapeutic value of equine-human bonding in recovery from trauma, *Anthrozoös*, 21 (1), 17-30, <https://doi.org/10.2752/089279308X274038>
- Yorke, J., Adams, C. & Coady, N. (2015). Therapeutic value of equine-human bonding in recovery from trauma, *Anthrozoös*, 21(1), 17-30 <https://doi.org/10.2752/089279308X274038>
- Zanin, C. (1997). *Attention deficit disorder: Medical considerations for therapeutic riding*. NARHA Strides
- Zhao, J., Gao, Z., Lai, J. & Joshi, R.M. (2021). The relationship between autism traits and listening comprehension among Chinese preschool children with autism

spectrum disorder. *Reading and Writing*. <https://doi.org/10.1007/s11145-021-10216-8>

Zasloff R.H. (2009). *Equine facilitated psychotherapy: an outcome study* [Master thesis] Science in Counseling Psychology, Addiction Studies Lewis & Clark College <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3897.1766>

Anexos

Anexo A – Qualidade metodológica dos estudos incluídos na RSL

Avaliação de risco de viés dos estudos incluídos na revisão sistemática

Estudos com abordagem EAP

Figura 1

Resultado da avaliação de viés dos estudos randomizados com abordagem EAP

		Risk of bias domains					
		D1	D2	D3	D4	D5	Overall
Study	Boshoff et al., 2015						
	Borgi et al, 2016						
	García-Gómez et al, 2016						

Domains:
D1: Bias arising from the randomization process.
D2: Bias due to deviations from intended intervention.
D3: Bias due to missing outcome data.
D4: Bias in measurement of the outcome.
D5: Bias in selection of the reported result.

Judgement
 High
 Some concerns
 Low

Nota: A RoB 2.0 é uma “ferramenta” de avaliação disponibilizada pela Cochrane. Procura avaliar o risco de viés de estudos randomizados. Dos estudos randomizados incluídos na revisão dois estudos apresentam baixo risco de viés e um risco moderado. A sua operacionalização foi feita através de um conjunto de domínios que avaliam aspetos do desenho, procedimentos e relatórios do estudo como se pode observar na legenda. Cada domínio integra questões que visam obter informações relevantes para o risco de viés de acordo com “Revised Cochrane risk-of-bias tool for randomized trials (RoB 2)”, Julian PT Higgins, Jelena Savović, Matthew J Page, Jonathan AC Sterne, 2019.

Figura 2

Resultado da avaliação de viés dos estudos não randomizados com abordagem EAP

		Risk of bias domains							
		D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	Overall
Study	Sánchez et al., 2014								
	Beetz et al, 2015								
	Tsantefski et al., 2017								
	Harvey et al., 2020								
	Norwood, et al., 2021								
	Schultz, et al., 2007								

Domains:

D1: Bias due to confounding.

D2: Bias due to selection of participants.

D3: Bias in classification of interventions.

D4: Bias due to deviations from intended interventions.

D5: Bias due to missing data.

D6: Bias in measurement of outcomes.

D7: Bias in selection of the reported result.

Judgement

Critical

Moderate

Low

Nota: A ROBINS-I é uma “ferramenta” de avaliação disponibilizada pela Cochrane. Procura avaliar o risco de viés de estudos de intervenção não randomizados. Dos estudos não randomizados incluídos na revisão um dos estudos apresenta baixo risco de viés, três

apresentam um risco crítico e dois um risco moderado. A sua operacionalização foi feita através de um conjunto de domínios que avaliam aspetos do desenho, procedimentos e relatórios do estudo como se pode observar na legenda. Cada domínio integra questões que visam obter informações relevantes para o risco de viés de acordo com “ROBINS-I: a tool for assessing risk of bias in non-randomised studies of interventions”, Jonathan AC Sterne, Miguel A Hernán, Barnaby C Reeves, Jelena Savović, Nancy D Berkman, Meera Viswanathan, David Henry, Douglas G Altman, Mohammed T Ansari, Isabelle Boutron, James R Carpenter, An-Wen Chan, Rachel Churchill, Jonathan J Deeks, Asbjørn Hróbjartsson, Jamie Kirkham, Peter Jüni, Yoon K Loke, Theresa D Pigott,..., Julian PT Higgins, 2016.

Estudos com abordagem EFP

Figura 3

Resultado da avaliação de viés dos estudos não randomizados com abordagem EFP

		Risk of bias domains							
		D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	Overall
Study	Bachi et al, 2012	-	+	+	+	+	+	+	+
	Kemp et al., 2014	-	+	+	+	+	-	+	+
	Kendall & Maujean, 2015	-	+	-	+	+	+	+	+
	McCullough et al, 2015	-	-	+	+	-	+	+	+
	Gibbons et al, 2017	✗	✗	!	-	-	-	-	✗
	Mueller & McCullough. 2017	+	+	!	!	!	-	✗	✗
	Roberts & Honzel (2020)	!	!	✗	✗	!	✗	✗	✗
	Atherton et al, 2020	-	!	+	+	-	!	!	-
		Domains:							Judgement
		D1: Bias due to confounding.							!
		D2: Bias due to selection of participants.							✗
		D3: Bias in classification of interventions.							-
		D4: Bias due to deviations from intended interventions.							+
		D5: Bias due to missing data.							
		D6: Bias in measurement of outcomes.							
		D7: Bias in selection of the reported result.							

Nota: A ROBINS-I é uma “ferramenta” de avaliação disponibilizada pela Cochrane. Procura avaliar o risco de viés de estudos de intervenção não randomizados. Nos estudos incluídos na revisão com abordagem EFP, três estudos têm sérios riscos de viés, um tem um risco moderado e os restantes quatro estudos têm um baixo risco. Esta operacionalização foi feita através de um conjunto de domínios que avaliam aspetos do desenho, procedimentos e relatórios do estudo como se pode observar na legenda. Cada domínio integra questões que visam obter informações relevantes para o risco de viés de acordo com “ROBINS-I: a tool for assessing risk of bias in non-randomised studies of interventions”, Jonathan AC Sterne, Miguel A Hernán, Barnaby C Reeves, Jelena Savović, Nancy D Berkman, Meera Viswanathan, David Henry, Douglas G Altman, Mohammed T Ansari, Isabelle Boutron, James R Carpenter, An-Wen Chan, Rachel Churchill, Jonathan J Deeks, Asbjørn Hróbjartsson, Jamie Kirkham, Peter Jüni, Yoon K Loke, Theresa D Pigott,..., Julian PT Higgins, 2016.

Anexo B – Concordância entre revisores

Avaliação de concordância entre os avaliadores

1ª ronda – Revisão de títulos e abstracts

Tabela 1

Total e percentagem de artigos revistos pelos dois revisores na 1ª ronda

Avaliadores	Total artigos	Percentagem
Avaliador 1 – ronda1 Avaliador 2 – ronda 1	185	100%

Tabela 2

Decisões dos avaliadores na 1ª ronda

Avaliador 2 – Ronda 1				
Avaliador 1 – Ronda 1		Sim inclui artigo	Não inclui artigo	Total
	Sim inclui artigo	110	7	117
	Não inclui artigo	13	55	68
	Total	123	62	185

2ª Ronda – Leitura integral do artigo

Tabela 3

Total e percentagem de artigos incluídos e excluídos revistos pelos dois avaliadores na 2ª Ronda

Avaliadores	Total artigos incluídos	Percentagem	Total artigos não incluídos	Percentagem	Total
Avaliador 1 – ronda2 Avaliador 2 – ronda 2	110	59,5%%	75	40,5%	185 artigos 100%

Tabela 4*Decisões dos avaliadores na 2ª ronda*

Avaliador 2 – Ronda 2				
Avaliador 1 – Ronda 2		Sim inclui artigo	Não inclui artigo	Total
	Sim inclui artigo	17	9	26
	Não inclui artigo	21	63	84
	Total	38	72	110

Anexo C – Síntese dos Estudos incluídos na RSL com abordagem EAP

Autor/ano País	População		Instrumentos utilizados	Participantes que preenchem os instrumentos	Momentos de avaliação	Quem referenciou para intervenção
Schultz et al., 2007 EUA	Crianças com problemas comportamentais (diagnosticados: perturbação (pert.) de ajustamento, pert. de humor, PTSD, PHDA e pert. disruptiva.		<u>Admissão</u> : informações demográficas, histórico de saúde física, histórico de medicação, histórico de saúde mental, exame mental e diagnóstico tendo por base Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)	A pontuação do GAF é determinada pela equipe de intervenção. As crianças e os pais são entrevistados antes do início das sessões de terapia.	Antes e em cada 3 meses até à conclusão da intervenção (18 meses)	Psicoterapeuta
	Idade	Sexo				
	4 a 16 anos Masc. ($M=11,5$ $SD=2,6$) Fem. ($M=10,1$ $SD= 3,3$)	N=63 Masc.=37 Fem.=26				
Sánchez et al., 2014 Espanha	crianças autistas		Recolha de amostras de saliva e dos níveis hormonais , nos participantes EAP entre Pré-terapia e Pós-terapia (diferença de tempo=1h) sempre recolhida no mesmo dia da semana e no mesmo horário, para evitar uma possível variação hormonal devido aos ritmos circadianos típicos das hormonas	Técnicos de saúde	Antes e depois das sessões de terapia assistida por cavalos A terapia teve a duração de 12 semanas.	Não Há referencia
	Idade	Sexo				
	5-15 anos	N=8 Masc.=8				
Beetz et al, 2015 Alemanha	Díade Mãe - filho N=20 Mães - com antecedentes de alto risco devido à pobreza, (gravidez na adolescência), isolamento social ou circunstâncias de vida stressantes. Filhos dos N= 20, 7 estiveram em cuidados intensivos após o nascimento, 2 nasceram prematuros.		<u>Admissão</u> – questionário sociodemográfico e caracterizador da situação dos intervenientes. AAP – aplicado às mães antes da intervenção substituído pelo questionário pós-teste no final O ASST foi administrado antes do início da intervenção e após o seu término. CBCL – antes e pós MACQ antes e depois da intervenção The care index – antes e pós Questionário pós-teste Finalmente, as mães foram solicitadas a indicar qual a forma de intervenção, EAI ou PBI, que elas prefeririam se pudessem escolher.	Um período de pré-teste de 90 minutos foi realizado entre duas e uma semana antes do início do EAI ou PBI. Padrões de apego foram classificados por um codificador confiável cego para a condição de tratamento. MACQ - aplicado às participantes antes e após o período de intervenção.	Antes e depois da intervenção (duração 8 semanas)	Assistentes sociais e anúncios do jornal
	Idade	Sexo				
	Mãe- 19 e 46 anos ($M = 28,20$, $SD = 8,4$) Filhos - 11 e 27 meses ($M = 16,55$, $SD = 4,2$).	N=20 Filhos (Masc.= 8 Fem.= 12)				

Children's Global Assessment of Functioning (**GAF**) – Aas, I.M. (2010). Global Assessment of Functioning (GAF): properties and frontier of current knowledge. *Ann Gen Psychiatry* 9,20 <https://doi.org/10.1186/1744-859X-9-20> mede o funcionamento psicológico, social e escolar para crianças de 6 a 17 anos. The Adult Attachment Projective (**AAP**) – George, C., & West, M. (2012). *The Adult Attachment Projective Picture System: Attachment Theory and Assessment in Adults*. Guilford Press. George, C., West, M., & Pettem, O. (1997). *The Adult Attachment Projective*. Mills College, é uma tarefa de imagem projetiva e foi usado para avaliar a representação de apego das mães antes do início do estudo. Ainsworth Strange Situation Test (**ASST**) – Ainsworth M., Blehar M., Waters E. & Wall S., (1979). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Psychology Press. Avalia a qualidade do apego da criança à mãe. The Child Behavior Checklist 1½ – 5 (**CBCL**) Achenbach, TM (1991). *Manual for Child Behavior Checklist/ 4–18 and 1991 Profile*. University of Vermont Department of Psychiatry. Para rastrear sintomas de desregulação (internalização, externalização) tendo sido selecionados 15 itens. Maternal Attitude Towards the Own Child Questionnaire (**MACQ**) adaptado do Caregiving Questionnaire Kunce, L.J., & Shaver, P.R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In D. Perlman & K. Bartholomew (Eds.), *Advances in personal relationships: vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp. 205–237). Jessica Kingsley. Avalia padrões responsivos, controladores e compulsivos de cuidado em relacionamentos de casal, para avaliar o cuidado controlador e compulsivo, bem como a manutenção da proximidade e a sensibilidade das mães, verificando como elas percebem seu próprio comportamento em situações relevantes para o cuidado. **The care index** - avalia a interação entre uma criança e uma figura de apego para uma sequência de interação lúdica de 3 a 5 minutos. **Questionário pós-teste** - baseado em entrevista, conduzido por um assistente, e que todas as mães completaram uma semana após a última sessão, dando-lhes a chance de fornecer feedback sobre a intervenção e avaliar o seu grau de percepção de mudanças positivas ou negativas ao longo da terapia.

Autor/ano	População	Intervenção	Técnicos envolvidos	Resultados
Schultz et al., 2007 EUA	Crianças problemas comportamentais (diagnosticados: pert. ajustamento, pert. de humor, PTSD, ADHD e pert. disruptiva).	Abordagem com Terapia Gestalt e recurso a metáforas baseado no modelo de terapia EAGALA. Terapia colaborativa de curto prazo (19 sessões durante 18 meses) Família é incentivada a participar (às vezes são envolvidos os pais e irmãos). As intervenções são adaptadas a cada indivíduo e às suas necessidades, conforme avaliado pelo psicoterapeuta.	Técnico equino + terapeuta (assistente social licenciado)	GAF pré-tratamento ($M=54,1$ $SD= 3,2$) e pós-tratamento ($M=61,7$ $SD= 5,0$ (t pareado = 9,06, $df. = 96$, $P < 0,001$). Todas as crianças apresentaram melhoria no score do GAF, e houve uma correlação estatisticamente significativa entre a melhoria percentual do score do GAF e o número de sessões dadas ($r = 0,73$, $P < 0,001$).
Sánchez et al., 2014 Espanha	Crianças autistas	Duração sessão 60 minutos Duração intervenção: 12 semanas sem outras referencias	Não há referencia	Os resultados mostram uma diminuição estatisticamente significativa dos níveis de cortisol na saliva (Pré-Terapia $8,71 \pm 1 \text{ ng/ml}$ vs Pós-Terapia $6,58 \pm 0,63 \text{ ng/ml}$). Os níveis de progesterona na pré-terapia são significativamente menores do que na pós-terapia (pré-terapia $32,78 \pm 7,60 \text{ pg/ml}$ vs pós-terapia $60,05 \pm 6,72 \text{ pg/ml}$). A tendência da Progesterona e da Oxitocina, é aumentar os níveis no organismo após as sessões de terapia, como resultado dessa intervenção, o que se traduz em uma melhora nos canais emocionais.
Beetz et al., 2015 Alemanha	Diáde de mãe-filhos em risco	Duração: 8 semanas, 1 sessão por semana de 45 minutos, durante os meses de verão (junho a agosto) Grupo experimental1: EAP Grupo experimental2: intervenção precoce convencional baseada em brincadeiras (PBI)	As sessões foram conduzidas por uma das duas terapeutas certificadas em equoterapia e com longa experiência em EAP e PBI no trabalho com diádes mãe-bebê. Cada terapeuta trabalhou com cinco diádes no EAP e cinco diádes no PBI. Na EAP também incluiu um especialista em cavalos para a condução do cavalo	Ambas as intervenções beneficiam a relação. Os tamanhos de efeito calculados sugerem uma vantagem pequena a média do EAI sobre o PBI para as representações de apego das crianças (ASST), cuidado compulsivo (MACQ), a manutenção da proximidade na mãe (MACQ) e a dificuldade da criança (CARE-Index). As mudanças observadas nos padrões de apego das crianças, cuidado materno (MACQ) e três das oito subescalas do CARE-Index referentes à interação mãe-filho não atingiu significância estatística em nenhum dos grupos.
Borgi et al., 2016 Itália	Crianças com ASD	As sessões terapêuticas consistiam em atividades estruturadas envolvendo cavalos e incluíam tanto trabalho no solo como equitação. As sessões de EAP foram realizadas uma vez por semana durante 6 meses com um total de 25 sessões para cada paciente. As sessões de EAP foram realizadas em pequenos grupos de três a quatro participantes. Cada sessão durou cerca de 60 a 70 minutos.	Os instrutores de equitação receberam manual e vídeos dos investigadores descrevendo a sessão a ser ministrada. Estava presente nas sessões um médico.	Os resultados indicam uma melhoria no funcionamento social no grupo que frequentou o EAP (comparado ao grupo controle) e um efeito mais leve nas habilidades motoras. Melhor funcionamento executivo também foi observado (ou seja, redução do tempo de planeamento em uma tarefa de resolução de problemas) no final do programa EAP. <u>Domínio de socialização</u> após o programa de 6 meses envolvendo cavalos, ($V_{\text{soc}} t_6 - t_0$, EAP: $M= 0,72$ $SD= 0,2$, GC: $M=0,23$ $SD= 0,2$; ANOVA Tempo 9 Interação do grupo, $F(1,18) = 5,30$, $p = 0,034$ Quanto ao TOL, as ANOVA revelaram uma mudança na latência das crianças para implementar o primeiro movimento durante a tarefa de resolução de problemas (ou seja, <u>tempo de planeamento</u>). Em particular, apenas as crianças incluídas no grupo EAP apresentaram redução significativa da latência, não observada nas crianças do grupo controle ($ToLpt t_6 - t_0$, EAP: $M= -20,7$ $SD= 6,6$, GC: $M= -6,46$ $SD= 5,2$; ANOVA Tempo 9 Interação do grupo, $F(1,19) = 5,85$, $p = 0,026$ o <u>domínio de habilidades motoras</u> do VABS mostrou uma interação significativa ($V_{\text{ms}} t_6 - t_0$, EAP: $M=0,28$ $SD= 0,06$, GC: $M=-0,26$ $SD 0,2$; ANOVA $F(1,10) = 7,43$, $p = 0,021$).

Autor/ano País	População	Instrumentos utilizados	Participantes que preenchem os instrumentos	Momentos de avaliação	Quem referenciou para intervenção
Boshoff et al., 2015 África do Sul	Estudantes com problemas comportamentais N=39 Experimental 1 N=10 pré-teste Experimental 2 N=10 não pré-teste Controlo 1 n=10 pré-teste Controlo 2 n=10 não pré-teste		Estudantes	Antes e após a conclusão do programa. o pós-teste foi realizado em todos os quatro grupos. O pós-teste incluiu os mesmos instrumentos utilizados no pré-teste.	Não há referencia
	Idade	Sexo			
	14 e 18 anos	Masc. =39			
Borgi et al., 2016 Itália	Crianças com ASD N=28 Grupo experimental n = 15 grupo controle n = 13 critérios de inclusão: QI (70) Critérios de exclusão: problemas motores/neurológicos graves, alergias verificadas, resposta de medo aos cavalos		VABS TOL	testadas pelo mesmo avaliador na linha de base e pós-intervenção; os avaliadores eram cegos para o grupo atribuído aos participantes.	Recrutadas para o estudo
	Idade	Sexo			
	6–12 anos (M = 8.6; SD = 1.7)	Masc.=28			
García-Gómez et al., 2016 Espanha	Crianças com ADHD grupo experimental (n=9) grupo de controlo (n=5) N=14		BASC-T Questionário de Qualidade de vida – pais (grupo experimental e controlo)	Antes e após	Recrutados para o estudo?
	Idade	Sexo			
	7 a 14 anos grupo experimental (M= 10,65 SD= 1,50) grupo de controlo (M= 10,20 SD= 2,38)	Masc.=12 Fem.=2			

The Satisfaction with Life Scale (SWLS) Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71–75. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13 para medir o bem estar subjetivo; The Coping Orientations to the Problems Experienced Scale (COPE) Carver, C. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(2), 267–283. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.56.2.267> usado para avaliar o enfrentamento focado no problema, o enfrentamento focado na emoção e o enfrentamento disfuncional dos participantes. The Vineland Adaptive Behavior Scale (VABS), Sparrow, S., Balla, D. and Cicchetti, D. (1984) *The Vineland Adaptive Behavior Scales*. American Guidance Service, Circle Pines. É uma medida de funcionamento adaptativo amplamente utilizada. Trata-se de uma entrevista semiestruturada com o pai/responsável que fornece escores brutos e escalonados em quatro domínios: Comunicação, Habilidades de Vida Diária, Socialização e Habilidades Motoras. The Tower of London (TOL), Shallice T. (1982). *Specific impairments of planning*. *Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci*. 25;298(1089),199-209. <https://doi.org/10.1098/rstb.1982.0082> é uma avaliação do funcionamento executivo, especificamente para detetar déficits no planeamento e na resolução de problemas. No teste TOL, os participantes são instruídos a reorganizar três bolas em três pinos (“área de trabalho”), para atingir o arranjo da meta o mais rápido possível e com o menor número de movimentos possível. Behavioral assessment system for children (BASC) Spanish version, published by González, J., Fernández, S., Pérez, E., & Santamaría, P. (2004). *Adaptación española del Sistema de Evaluación de la Conducta en Niños y Adolescentes*. BASC-TEA Ediciones sistema multidimensional e multimétodo que avalia uma série de variáveis na esfera social, adaptativa e clínica. É composto pelos seguintes componentes: duas escalas de avaliação (uma para os pais e outra para os professores), uma escala de autoavaliação da personalidade, uma história estruturada do desenvolvimento e um sistema de observação dos alunos. Os questionários de avaliação de professores (BASC-T) foram utilizados neste estudo. **Questionário de qualidade de vida**, ad hoc foi usado para avaliar a qualidade de vida. Este questionário foi baseado no modelo de Schalock e Verdugo (2002), abrange bem-estar físico, bem-estar emocional, relacionamento interpessoal, inclusão social, desenvolvimento pessoal, bem-estar material e autodeterminação.

Autor/ano	População	Intervenção	Técnicos envolvidos	Resultados
<p>Boshoff et al., 2015</p> <p>Africa do Sul</p>	<p>Meninos em uma escola de indústria com problemas comportamentais</p>	<p>Programa estruturado com 8 sessões. O programa de terapia assistida por equinos foi então conduzido com ambos os grupos experimentais.</p> <p>Sessões grupo? Tempo por sessão?</p>	<p>Terapeuta e auxiliar sem especificar área</p>	<p>O programa de terapia assistida por equinos melhorou significativamente a satisfação com a vida dos participantes do grupo experimental (grupo experimental = 25,63; <i>SD</i> = 5,56; grupo controle = 20,20; <i>SD</i> = 5,92), $t(df = 39) = 2,95$, $p < 0,0055$.</p> <p>Melhorou significativamente o enfrentamento ativo do grupo experimental (grupo experimental = 13,74; <i>SD</i> = 1,66; grupo controle = 10,45; <i>SD</i> = 1,96), $t(df = 37) = 5,64$, $p < 0,0001$, o enfrentamento focado no problema (grupo experimental = 67,37; <i>SD</i> = 8,17; grupo controle = 52,95; <i>SD</i> = 8,70), $t(df = 37) = 5,64$; $p < 0,0001$ e também melhorou significativamente o uso do planeamento do grupo experimental (grupo experimental = 14,32; <i>SD</i> = 1,86; grupo controle = 11,30; <i>SD</i> = 2,27), $t(df = 37) = 4,5307$, $p < 0,0001$.</p> <p>Aumentou significativamente a procura de apoio social dos participantes do grupo experimental por razões instrumentais (grupo experimental = 13,79; <i>SD</i> = 1,81; grupo controle = 8,85; <i>SD</i> = 1,84), $t(df = 37) = 8,45$, $p < 0,0001$; por motivos emocionais (grupo experimental = 13,11; <i>SD</i> = 2,92; grupo controle = 9,65; <i>SD</i> = 2,32), $t(df = 37) = 4,12$, $p < 0,0002$.</p> <p>Melhorou significativamente a reinterpretação positiva e o crescimento do grupo experimental (grupo experimental = 14,26; <i>SD</i> = 1,56; grupo controle = 11,15; <i>SD</i> = 2,21), $t(df = 37) = 5,05$, $p < 0,0001$. melhorou o enfrentamento focado na emoção dos participantes do grupo experimental (grupo experimental = 67,00; <i>SD</i> = 5,11; grupo controle = 58,45; <i>SD</i> = 7,49), $t(df = 37) = 4,14$, $p < 0,0002$.</p> <p>não melhorou significativamente a aceitação dos participantes do grupo experimental (grupo experimental = 12,74; <i>SD</i> = 2,21; grupo controle = 12,00; <i>SD</i> = 2,73), $t(df = 37) = 0,93$, $p < 0,3597$. não teve efeito sobre as predisposições de não interação com o álcool e as drogas dos participantes do grupo experimental quando os testes <i>t</i> foram realizados (grupo experimental = 1,84; <i>SD</i> = 1,17; grupo controle = 1,90; <i>SD</i> = 1,16), $t(df = 37) = 0,16$, $p < 0,8731$; nem melhorou significativamente no enfrentamento disfuncional geral dos participantes do grupo experimental (grupo experimental = 33,53; <i>SD</i> = 6,10; grupo controle = 34,25; <i>SD</i> = 5,89), $t(df = 37) = 0,38$, $p < 0,7098$.</p>
<p>García-Gómez et al., 2016</p> <p>Espanha</p>	<p>Crianças com ADHD</p>	<p>Terapia equestre - O programa de intervenção de três meses consistiu em sessões duas vezes por semana (um total de 24 sessões) de 45 minutos cada, com grupos de 4 alunos. O programa foi baseado no utilizado por Bass, Duchowny e Llabre (2009), que foi concebido e implementado por instrutores com formação PATH</p> <ul style="list-style-type: none"> - Preparação do equipamento e do cavalo; - Equitação - Desmontar, trazer o cavalo, recolher e guardar os equipamentos e despedir-se dos cavalos e dos monitores 	<p>Instrutores de equitação (tiveram 2 sessões explicativas sobre os comportamentos esperados das crianças dados pelos investigadores)</p>	<p>Não há diferenças significativas entre os dois grupos.</p> <p>O efeito do tratamento sobre as variáveis estudadas é, em todas as dimensões, pequeno ou pouco apreciável.</p> <p>O programa de intervenção permite uma leve atenuação na deterioração das variáveis clínicas, mas esse efeito é pequeno. Além disso, nas variáveis que medem o ajuste, há um incremento positivo em ambos os grupos, sendo o do grupo experimental um pouco maior. No entanto, o efeito observado nessas variáveis de ajuste como um todo também é pequeno.</p>

Autor/ano País	População		Instrumentos utilizados	Participantes que preenchem os instrumentos	Momentos de avaliação	Quem referenciou para intervenção
Tsantefski et al., 2017 Austrália	Crianças expostas às problemáticas do uso de substâncias por parte dos pais N=41		SDQ	Pais N=41; Professores N=31	Pré – pós intervenção (intervalo de 12 semanas) No pré foi dada indicação para fornecer uma resposta com base no comportamento criança nos últimos 6 meses	Recrutados para o estudo?
	Idade	Sexo				
	7- 13.17 anos (M=10.26; SD = 1.56)	(M= 17 F=24)				
Harvey et al., 2020 EUA	Crianças e adolescentes alunos do ensino fundamental e médio N = 19		BASC-2 medição multimétodo que fornece escalas de avaliação para professores (TRS), pais (PRS) e uma escala para alunos chamada autorrelato de personalidade (SRP).	Pais, professores e alunos	Recolha de 2010 a 2014	Selecionados pela equipe da escola
	Idade	Sexo				
	7-17 anos	?				
Norwood, et al., 2021 Austrália	Jovens que frequenta uma escola alternativa* completaram o programa de equinos como parte de sua experiência educacional não frequentavam a escola regular devido a suspensão ou expulsão, dificuldades de comportamento ou perturbações do humor. Diagnósticos específicos não estavam disponíveis. N=50		BRIEF SDQ	Professor	2 momentos (antes e depois com 2 semanas de intervalo antes e após intervenção). Em uma amostra menor (n=9), os dados foram coletados 6 semanas antes do início do programa, permitindo que os participantes atuassem como seus próprios controles (T0 – T1 – T2) em um projeto de caso único.	Recrutados para estudo?
	Idade	Sexo				
	12–17 anos (M=13,88)	Masc.=29 Fem.= 20 1 não nomeado				

The Strength and Difficulties Questionnaire (**SDQ**) - Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire. Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 40(11), 1337–1345. <https://doi.org/10.1097/00004583-200111000-00015> que avaliam 5 domínios do comportamento (pró-social, hiperatividade, perturbação de conduta, sensibilidade emocional e comportamento problemático de pares. Behavioural Rating Inventory of Executive Function (**BRIEF**) descrevem comportamentos que os professores marcam como sendo exibidos pelos alunos. The Behavior Assessment System for Children (**BASC-2**) Test Review: Reynolds, C. R., & Kamphaus, R. W. (2004). Behavior assessment system for children (2nd ed.). Circle Pines, MN: American Guidance Service. Assessment for Effective Intervention. 32. 121-124. <https://doi.org/10.1177/15345084070320020301> , sistema de avaliação comportamental para crianças que inclui: ansiedade, habilidades sociais, habilidades de estudo, controle da raiva, agressão.

Escola alternativa*- As aulas eram móveis e o itinerário mudava diariamente. Os alunos saiam de suas casas num autocarro da turma e o/a professor levava-os para o local escolhido no período da manhã. Sempre que possível, eles reuniam-se em espaços públicos, como parques locais, bibliotecas e centros comunitários. No final do dia regressavam às suas casas.

Autor/ano	População	Intervenção	Técnicos envolvidos	Resultados
Tsantefski et al., 2017 Austrália	Crianças expostas às problemáticas do uso de substâncias por parte dos pais	Duração do programa: 12 semanas com uma sessão por semana de 120 minutos. Objetivos e atividades de apoio foram definidos para cada semana. O programa foi estruturado e até à 11ª semana era realizado no chão, na 7ª semana conduziam o cavalo por uma pista e na 12ª semana podiam montar. Os grupos eram constituídos de 5 a 10 participantes.	O programa EAT foi composto por um profissional treinado em EAT e trabalhadores especializados em crianças e famílias com habilitações em psicologia, serviço social e ensino superior estudos em tratamento de álcool e outras drogas.	o comportamento difícil das crianças diminuiu significativamente do pré-teste ($M = 18,2$) para o pós-teste ($M = 15,2$) com os pais relatando uma redução nos comportamentos difíceis da criança ($P = 0,008$). Verificou-se redução significativa ($P = 0,007$) nos problemas emocionais com um efeito moderado ($d = 0,445$) do programa EAP nos problemas emocionais das crianças. Usando o RCI, do pré ao pós-terapia: 6 crianças melhoraram, 34 ficaram estáveis e 1 piorou. Da mesma forma, os pais relataram uma redução ($P = 0,031$), hiperatividade diminuiu com efeito moderado ($d = 0,349$), os comportamentos problemáticos com os colegas e os problemas de conduta diminuíram, mas esta diferença não era significativa ($P = 0,388$). Os comportamentos pró-sociais aumentaram do pré-teste ($M = 7,5$) para o pós-teste ($M = 7,9$), mas essa diferença também não foi significativa ($P = 0,152$). Professores relataram redução de comportamento difícil ($P=0,082$), hiperatividade ($P = 0,037$ efeito positivo moderado ($d = 0,392$)). verificou-se uma redução nos problemas de conduta, problemas emocionais, problemas de comportamento com os pares embora estes não tenham sido significativos ($P = 0,283$; $P = 0,372$; $P = 0,422$). Os comportamentos pró-sociais aumentaram, mas essa diferença não foi significativa ($P = 0,099$). o programa teve um efeito positivo moderado ($d = 0,437$) sobre o bem-estar psicológico das crianças.
Harvey et al., 2020 EUA	Crianças e adolescentes alunos do ensino Básico (1 classe ao 5º ano) e ensino médio (6º ao 8º ano)	Programa baseado modelo EAGALA – programa PONY Estruturado com objetivos terapêuticos Duração: 10 semanas Grupos de cerca de 10 participantes da sua faixa etária. Tempo por sessão?	Instrutor e terapeuta	Não houve mudanças estatisticamente significativas nos componentes relatados pelos pais das crianças no subconjunto de dados pareado que incluiu tanto pré/pós-teste, recebidos de pais e professores. Os problemas de atenção foram relatados como uma mudança estatisticamente significativa pelos pais dos adolescentes no subconjunto pareado que incluiu pré e pós-testes de pais e professores. Curiosamente, os pais relataram mudanças significativas com mais frequência e em mais áreas do que os professores e, no entanto, foram os professores que estiveram presentes durante a intervenção. Os professores raramente relataram mudanças com significado estatístico, no entanto, observaram mudanças nos alunos mais jovens (TRS-C) do que nos adolescentes.
Norwood, et al., 2021 Austrália	Jovens não integrados em escolas tradicionais	Um programa de 5 semanas de sessões de 2 horas de duração de atividades equinas que não incluiu terapeuta treinado ou conteúdo terapêutico específico. Os grupos incluíam 4 a 10 participantes. O programa centrou-se numa introdução básica ao cavalo.	Tratadores de cavalos e instrutores, mas não são treinados em psicologia, aconselhamento ou terapia.	Redução estatisticamente significativa do BRIEF Global Executive Score entre pré e pós participação no programa equino (diferença média= -5,89), $t(36)= 3,377$, $p=0,002$; e o score de hiperatividade do SDQ (diferença média = -0,727, $t(43)= -2,244$, $p=.030$). A memória de trabalho foi a maior mudança positiva observada (Ser capaz de inibir estímulos de distração ou resistir a um impulso é considerado um déficit central no PHDA). As pontuações sobre hiperatividade também melhoraram significativamente, indicando que programas de equinos podem ter um impacto positivo nos sintomas de PHDA sem a inclusão de conhecimentos terapêuticos específicos

Anexo D – Síntese dos estudos incluídos na RSL com abordagem EFP

Autor/ano País	População		Instrumentos utilizados	Preenchimento dos instrumentos	Momentos de avaliação	Quem referenciou para intervenção
Bachi et al., 2012 Israel	Adolescentes residentes em uma unidade de tratamento residencial com necessidades adaptativas graves N=29 Grupo experimental N=14 Grupo controle N= 15 *60% dos participantes do grupo controle não foram encaminhados para nenhuma terapia enquanto 40% participaram de várias outras formas de terapia		OSIQ SASCBA CITSW SLSSAA Foi realizada uma avaliação adicional que envolveu entrevistas em profundidade com o grupo de tratamento, incluindo perguntas sobre a relação com os cavalos, a influência mútua de cliente e cavalo, e o que eles sentiram que ganharam com a EFP. Entrevistas adicionais sobre quaisquer mudanças que tenham ocorrido entre os clientes também foram realizadas com os assistentes sociais (gerentes de caso) que encaminharam os clientes ao EFP.	Adolescentes Foram realizadas após a segunda rodada de questionários as entrevistas com o grupo de pesquisa e os agentes de referência	2 momentos antes da terapia e no final do ano. Foi realizado um acompanhamento de um ano dos participantes a fim de avaliar os efeitos a longo prazo do EFP.	Indicado pelo gestor do caso e /ou assistente social de cada adolescente.
	Idade	Sexo				
	14 a 18 anos	?				
Kemp et al., 2014 EUA	Crianças e adolescentes vítimas de negligência ou abuso Crianças – N=15 adolescentes N=15 Antes EFT tiveram aconselhamento na clínica e participaram do Programa EFT após aceitação do mesmo.		CDI CBCL TSCC BDI	Cuidadores e participantes	Todos os participantes foram avaliados em três momentos: na admissão e antes aconselhamento na clínica (Tempo 1), antes do início da EFT, e após o aconselhamento na clínica (Tempo 2) e após na conclusão da EFT (Tempo 3).	Recrutados para o estudo
	Idade	Sexo				
	Crianças (8-11 anos) (M = 9,8 anos, SD = 1,3) Adolescentes (12-17 anos) (M = 15,5 anos, SD = 0,8)	Crianças Masc.=6 Fem.=9 Adolescentes – Fem.=15				

Offer self-image questionnaire (OSIQ) - Offer, D., Ostrov, E. & Howard, K.I. (1977). The self-image of adolescents: A study of four cultures. *J Youth Adolescence*, 6, 265–280 <https://doi.org/10.1007/BF02138939>

Relata três tipos de “eu” (psicológico, social e de enfrentamento), que se esperava que fossem influenciados pela EFP. Sschedule for assessing self-control behaviors of adolescents (SASCBA) - Rosenbaum, M. (1980). A schedule for assessing self-control behaviors: Preliminary findings. *Behavior Therapy*, 11(1),109-121 [https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(80\)80040-2](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(80)80040-2) Este cronograma avalia as tendências individuais de aplicar métodos de autocontrole para resolver problemas comportamentais. Children’s Interpersonal Trust Scale written (CITSW) - Hochreich, D. J. (1973). A children's scale to measure interpersonal trust. *Developmental Psychology*, 9(1), 141. <https://doi.org/10.1037/h0035085> Este cronograma avalia as tendências individuais de aplicar métodos de autocontrole para resolver problemas comportamentais. Student’s Life Satisfaction Scale adjusted for adolescents (SLSSAA) - Huebne E.S. (1991). Initial Development of the Student's Life Satisfaction Scale. *School Psychology International*,12(3), <https://doi.org/10.1177/0143034391123010> . A escala baseia-se no pressuposto teórico de que a satisfação geral com a vida dos adolescentes pode ser avaliada pelos próprios adolescentes sem relação com domínios específicos como família, amigos ou escola. Children’s Depression Inventory (CDI) - Kovacs, M. (2003). *Children's Depression Inventory (CDI): Technical Manual Update*. Multi-Health Systems Inc. Foi criado a partir do Inventário de Depressão de Beck com 21 itens ajustados semanticamente para adequação à idade e outros cinco itens adicionados para explicar o funcionamento da escola e dos pares; Child Behavior Checklist (CBCL) - Achenbach T.M. (1991). *Manual for Child Behavior Checklist/ 4–18 and 1991 Profile*. University of Vermont Department of Psychiatry. É um relatório do cuidador que mede comportamentos sociais, emocionais e manifestos desadaptativos. Trauma Symptom Checklist (TSCC) - Mackler, K. (2012). Review of the Trauma Symptom Checklist for Children By: Briere, John, Mental Measurements Yearbook, 15. Retrieved from <http://web.ebscohost.com.ezproxy.cqu.edu.au/ehost> Avalia a sintomatologia pós-trauma em crianças e adolescentes. Beck Depression Inventory (BDI) - Beck, A. T., Steer, R. A., & Brown, G. (1996). Beck Depression Inventory–II (BDI-II) [Database record]. APA PsycTests. <https://doi.org/10.1037/t00742-000> Mede os níveis de depressão em adultos e adolescentes.

Autor/ano País	População	Intervenção	Técnicos envolvidos	Resultados
Bachi et al., 2012 Israel	Adolescentes residentes em uma unidade de tratamento residencial com necessidades adaptativas graves	Número de sessões: 14 a 26 sessões de terapia. O grupo experimental participou de sessões individuais de EFP uma vez por semana de 50 minutos cada, por um total de sete meses.	Terapeuta e técnico certificado em cavalos?	Os resultados revelaram uma tendência de aumento da confiança no grupo de experimental versus uma clara diminuição no grupo de controle. Um nível mais alto de autocontrole foi mostrado no grupo experimental comparativamente com o de controle. Os resultados mostraram um aumento na melhoria da autoimagem entre os dois grupos, sem diferença significativa entre eles. Os resultados mostraram uma clara tendência de aumento da satisfação geral com a vida entre os participantes do grupo experimental, versus uma diminuição no grupo de controle. Um ano depois, 79% do grupo de experimental não adquiriram novos registros policiais, enquanto 21% tiveram um novo registro policial. No grupo controle, 40% dos participantes não tiveram novos registros policiais, 47% tiveram um novo registro policial e o restante tiveram dois ou três novos registros relacionados a drogas e/ou propriedade e/ou ofensas corporais. Além disso, avaliando o uso de drogas durante o ano revelou que, entre o grupo experimental, 71% dos participantes não usaram drogas, 21% usaram drogas uma vez e 7% usaram cannabis duas vezes. Em contraste, no grupo controle apenas 20% dos participantes não usaram drogas, 27% usaram drogas uma vez, 27% usaram duas vezes e os demais usaram Cannabis, álcool e/ou outras drogas três ou quatro vezes.
Kemp et al., 2014 EUA	Crianças e adolescentes vítimas de negligência ou abuso	Programa baseado (EAGALA). Após a primeira avaliação, os participantes foram integrados no aconselhamento individual na clínica uma vez por semana por uma média de 6,6 semanas ($SD = 10$ dias) para o grupo 'criança' e 6,4 semanas ($SD = 15,7$ dias) para o grupo 'adolescente'. Se o participante e o responsável concordassem em participar de um programa em grupo de EFT, os participantes compareceriam por 90 minutos uma vez por semana durante 9 a 10 semanas. No programa EFT todas as atividades foram desenvolvidas no solo e incorporaram a aprendizagem básica de habilidades de equitação e outras atividades para criar uma metáfora entre o que ocorre no picadeiro e a vida quotidiana do participante. Programa (duração de 9 a 10 semanas).	A equipe terapêutica consiste em dois conselheiros e quatro cavalos.	Os scores do CDI do Tempo 3 ($M = 4,33$, $SD = 3,4$) foram significativamente menores do que os do Tempo 2, $F(1,14) = 33,5$, $p < .001$, $d = 0.71$, indicando uma melhoria significativa nos sintomas relatados de depressão. Os dados recolhidos no Tempo 3 ($M = 4,47$, $SD = 3,5$) mostraram uma melhoria significativa nos comportamentos internalizados relatados quando comparados aos dados recolhidos no Tempo 2 ($M = 12,4$, $SD = 8,8$, $F(1, 14) = 25,57$, $p < .001$, $d = 0.65$). A mesma análise foi realizada para os scores de comportamentos externalizados no CBCL e um resultado semelhante foi encontrado. Os resultados mostraram que os scores de mudança entre o Tempo 2 (Pré-EFT) e o Tempo 3 (Pós-EFT) foram significativamente maiores do que as pontuações de mudança do Tempo 1 (aconselhamento na clínica) para o Tempo 2 (Pré-EFT). No TSCC todas as diferenças foram significativas e para todas as subescalas, os scores de mudança do Tempo 2 para o Tempo 3 foram significativamente ($p = 0,001$) maiores do que os do Tempo 1 para o Tempo 2. Não se verificaram diferenças entre crianças e adolescentes a não ser, que os adolescentes mostraram uma melhoria significativa do Tempo 1 (aconselhamento na clínica) para o Tempo 2 (pré- EFT) em todas as medidas, exceto no BDI.

Autor/ano País	População		Instrumentos utilizados	Preenchimento dos instrumentos	Momentos de avaliação	Quem referenciou para intervenção
Kendall & Maujean, 2015 Austrália	Adolescentes em risco e que estão desligados da escola Grupo experimental –N=16 Grupo controle- N=10		RSES GSE Social behavior observation form (SBOF) Case Manager Surveys	Participantes, SBOF - psicólogo e observador (ambos pontuaram de forma semelhante).	3 momentos Grupo controle – sem tratamento	selecionados pelos seus gerentes de caso
	Idade	Sexo				
	12-22 anos Grupo experimental (M=15,4; SD = 3,1) 14-16 anos Grupo controle (M=15,2; SD = 0,79)	Grupo experimental= Masc.=11, Fem.=5 Grupo controle - Masc.=7, Fem.=3				
McCullough et al., 2015 EUA	PTSD em jovens maltratados sem experiência anterior com psicoterapia ou sem obtenção de ganhos terapêuticos em ambientes mais tradicionais. Critério inclusão: evidenciar a presença de sintomatologia de PSPT conforme indicado pelos scores no pré-teste do CRIES-13 N=11		CRIES-13 HABS	Assistente da investigação não afiliado à investigação	3 momentos. Antes, no meio (quatro semanas) e no final da intervenção (oito semanas). Na semana 4 (ponto médio) e na semana 8 (última sessão/pós- teste), o assistente de pesquisa administrou o CRIES-13 e o HABS a cada membro do grupo de tratamento.	Enviados pelo psiquiatra, outro terapeuta, conselho de liberdade condicional ou ainda pela boca a boca sobre o estudo.
	Idade	Sexo				
	10 – 18 anos	Masc.=6, Fem.=5				
Gibbons et al., 2017 EUA	Adolescentes guatemaltecos em situação de risco. Grupo experimental (N= 18) Grupo controle de lista de espera (N= 19). N=37		YLLSD TRIM NBAS ERQ CERQ CBS	Mentores completaram relatórios de agressão e comportamento pró-social. Os participantes completaram as medidas de autorrelato em três momentos. Os pais participaram de grupos focais após o pós-teste final.	3 momentos	Participantes foram escolhidos para este estudo com base na recomendação da psicóloga escolar
	Idade	Sexo				
	M=18,22 SD=2,25	Masc.= 23 Fem.=14				

Revised child impact of events scale-13 (**CRIES-13**) - Perrin, S., Meiser-Stedman, R., & Smith, P. (2005). The children's revised impact of event scale (CRIES): Validity as a screening instrument for PTSD. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 33(4), 487–498. <https://doi.org/10.1017/S1352465805002419> Medida padronizada para avaliar a sintomatologia do stresse pós-traumático. The Human-Animal Bond Scale (**HABS**) -Terpin, J. L. (2004). *Exploring the human-animal bond in an animal-assisted therapy program for at-risk youth*. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 65(5-B), 2672. Usado para avaliar o impacto a curto prazo da interação com cavalos. Rosenberg self-esteem scale (**RSES**) - Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press. Medida de auto-estima global. General self-efficacy scale (**GSE**) - Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1993). *Measurement of Perceived Self-Efficacy: Psychometric Scales for Cross-Cultural Research*. Freie University. Medida de auto-relato projetada para avaliar a força da crença de um indivíduo em sua própria capacidade de responder a situações difíceis ou novas e lidar com quaisquer obstáculos ou contratempos associados. Social behavior observation form (**SBOF**) - adapted from the Psychosocial Session Form designed by Chandler, C. K. (2005). *Animal assisted therapy in counseling*. Routledge.- Foi desenvolvido para este estudo para avaliar os comportamentos positivos e negativos dos participantes durante cada sessão. Youth Leadership Life Skills Development (**YLLSD**)- Seevers, B. & Dormody, T. & Clason, D. (1995). Developing A Scaled To Research And Evaluate Youth Leadership Like Skills Development. *Journal of Agricultural Education*. 36. <https://doi.org/10.5032/jae.1995.02028> É medida da capacidade de liderança. Transgression-Related Interpersonal Motivations Inventory (**TRIM**) - McCullough, M. E., Rachal, K. C., Sandage, S. J., Worthington, E. L., Jr., Brown, S. W., & Hight, T. L. (1998). Interpersonal forgiving in close relationships: II. Theoretical elaboration and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(6), 1586–1603. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.6.1586> Escala que avalia reações a transgressões interpessoais. Normative Beliefs about Aggression Scale (**NBAS**) - Huesmann, L. R., & Guerra, N. G. (1997). Children's normative beliefs about aggression and aggressive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(2), 408–419. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.2.408> Medida que trata da aprovação de agressões físicas e verbais em jovens. Emotion Regulation Questionnaire (**ERQ**) - Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348–362. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.348> Escala de regulação emocional com duas subescalas. A subescala Reavaliação e a subescala Supressão. Cognitive Emotion Regulation Questionnaire – Blaming Others (**CERQ**) - Garnefski, N., Kraaij, V., & Spinhoven, P. (2001). Negative life events, cognitive emotion regulation and emotional problems. *Personality and Individual Differences*, 30(8), 1311–1327. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00113-6](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00113-6) subescala que enfatizava que os outros são frequentemente responsáveis quando algo mau acontece. Mentor - Child Behaviour Checklist (**CBS**) - Ladd, G. W., & Profilet, S. M. (1996). The Child Behavior Scale: A teacher-report measure of young children's aggressive, withdrawn, and prosocial behaviors. *Developmental Psychology*, 32(6), 1008–1024. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.32.6.1008> Avalia os comportamentos pró-sociais e agressivos dos participantes.

Autor/ano	População	Intervenção	Técnicos envolvidos	Resultados
Kendall & Maujean, 2015 Austrália	Adolescentes em risco	A intervenção consistiu em 10 sessões semanais. Os pares participante-cavalo também foram combinados com um mentor que os auxiliou nas sessões de prática. No final de cada semana, os participantes discutiram as habilidades que eles tinham aprendido durante a sessão de prática. Essas discussões em grupo foram lideradas por um psicólogo e incluíram a equipe de mentores e o instrutor. As experiências tidas durante a semana foram discutidas no início da sessão seguinte, quando foram encorajados a descrever maneiras pelas quais a sua nova habilidade havia sido útil.	Psicólogo, a equipe de mentores e o instrutor.	Todos participantes se envolveram com o componente psicológico da intervenção selecionando palavras para representar as suas áreas de progresso a cada semana. Essas palavras foram examinadas em todos os participantes e nas sessões revelando um foco no trabalho colaborativo. Os scores médios da RSES e GSE aumentaram durante e após a intervenção no grupo experimental. Um teste post-hoc usando a correção de Bonferroni revelou um aumento significativo no nível de auto-estima dos participantes nos três pontos de tempo (ou seja, entre pré-intervenção e intervenção intermediária, $p=0,007$; entre intervenção intermediária e pós-intervenção, $p=0,002$; e entre pré-intervenção e pós-intervenção, $p=0,0001$), o nível de autoeficácia aumentou significativamente entre a pré-intervenção e a pós-intervenção ($p=0,009$) e entre a intervenção intermediária e a pós-intervenção ($p=0,048$). No grupo controle não houve diferenças significativas nos scores médios da RSES e GSE nos 2 tempos. RSES - Lambda de Wilks= 0,93, $F(1,6)=0,43$, $p=0,535$, GSE- Lambda de Wilks= 0,93, $F(1,6)=0,47$, $p=0,518$. Eta entre o T1 e T2 =0,07. Houve uma melhoria geral significativa nos comportamentos positivos (Sessão 1, $M=18,3$, $SD=5,8$; Sessão 8- $M=30,0$, $SD=6,0$), $t(3)=-13,22$, $p=0,001$.
McCullough et al., 2015 EUA	PSTD em jovens maltratados	Oito sessões semanais de EFP, cada uma com duração entre 1,5 e 2 horas. A investigadora era a terapeuta.	Terapeuta e especialista equitação	Os resultados dos testes de sinais mostram diminuição da sintomatologia de PTSD e aumento da ligação humano-animal, o que indica que a EFP pode ser eficaz na redução da sintomatologia de PTSD em crianças e adolescentes traumatizados, apesar de não existir correlação entre essas duas variáveis. Os papéis de estado e traço de ansiedade nos participantes parecem influenciar as pontuações do CRIES13 e do HABS no meio e no pós-teste.
Gibbons et al., 2017 EUA	Adolescentes guatemaltecos em situação de risco.	O grupo experimental recebeu o workshop de 2 dias primeiro, seguido pelo grupo de controle da lista de espera aproximadamente uma semana depois. Os workshops centraram-se num exercício Join-Up® desenvolvido pelo treinador natural de equitação Monty Roberts (About Join-Up®, 2016; Roberts, 2002a, 2002b). A experiência Join-Up® foi projetada para promover a confiança e a liderança entre o equino e os jovens participantes, através de comunicação não violenta (About Join-Up®, 2016; Roberts, 2002a, 2002b). Os workshops de 2 dias incluíram apresentações em PowerPoint e vídeo, bem como sessões de perguntas e respostas entre os participantes e os facilitadores do workshop. Após observar um Join-Up®, os participantes realizaram um mock-join up com uma pessoa substituindo um cavalo, seguido de um Join-Up® com um cavalo. Além disso, os jovens participantes prepararam os cavalos e conduziram-nos em torno de obstáculos. Os participantes também se envolveram em um exercício de respiração; em contato próximo com um cavalo. Eles concentraram-se na respiração e autoconsciência por 20 a 30 minutos, registrando a frequência cardíaca do cavalo antes e depois do contato. Uma sessão curta, 2 semanas depois, incluiu o feedback dos participantes sobre como as novas habilidades foram aplicadas em suas vidas em um exercício de dramatização.	??	Comparado com o grupo de controle de lista de espera, os jovens que experimentaram o programa relataram mais confiança em suas habilidades de liderança. Além disso, os seus mentores indicaram que apresentaram comportamento menos agressivo. Durante os grupos focais, os familiares também relataram mais liderança entre os participantes, bem como melhores interações interpessoais e regulação emocional. Os próprios participantes relataram melhor regulação emocional, uma sensação de empoderamento e emoções mais positivas.

Autor/ano	População	Instrumentos utilizados	Preenchimento dos instrumentos	Momentos de avaliação	Quem referenciou para intervenção
Mueller & McCullough. 2017 EUA	Jovens que sofreram traumas (físicos, abuso sexual e emocional, negligência, violência doméstica, violência comunitária e uma série de ruturas familiares). Critério de inclusão: pontuação inicial de 12 na CRIES-13 e necessidade identificada de tratamento de saúde mental relacionada à recuperação de trauma Grupo experimental (EFP) – N=25 Grupo controlo - N=29 N=54	CRIES-13 HABS - usado no grupo tratamento e não no controlo	Investigador treinado	3 momentos linha de base (Semana 1), no meio do teste (Semana 5) e pós-teste (Semana 10)	Recrutados para o estudo os locais oferecem programas terapêuticos abrangentes para jovens que sofreram traumas
	Idade				
	10 a 18 anos				
Roberts & Honzel (2020) EUA	Adolescentes com distúrbio emocional em tratamento terapêutico no domicílio Vários diagnósticos, incluindo ADHD, ansiedade, depressão e transtornos desafiadores (+comorbilidades) N=37	PANAS	PANAS foi preenchido pelos participantes imediatamente antes e após cada sessão	Todas as semanas Antes e depois de cada sessão	Recrutados para o estudo?
	idade				
	12 e 17 anos Masc. M=15,1 Fem. M=15,0				
Atherton et al., 2020 EUA	Adolescentes diagnosticados com transtorno por uso de substâncias Critério de inclusão: diagnóstico ativo de perturbação por uso de substâncias. N=10	ABS PHQ-9 GAD-7	foram preenchidas pelos participantes no início e após a conclusão das seis sessões.	2 momentos Antes e depois	Encaminhados por provedores locais
	idade				
	14 -17 anos				

Revised child impact of events scale-13 (**CRIES-13**) - Perrin, S., Meiser-Stedman, R., & Smith, P. (2005). The children's revised impact of event scale (CRIES): Validity as a screening instrument for PTSD. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 33(4), 487–498. <https://doi.org/10.1017/S1352465805002419> medida padronizada para avaliar a sintomatologia do stresse pós-traumático. The Human-Animal Bond Scale (**HABS**) Terpin, J. L. (2004). *Exploring the human-animal bond in an animal-assisted therapy program for at-risk youth*. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 65(5-B), 2672. Usado para avaliar o impacto a curto prazo da interação com cavalos. The Positive and Negative Affect Scale (**PANAS**) - Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063–1070. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063> Examina o afeto positivo e negativo separadamente. Adolescent Behavior survey (**ABS**)- Moore SM, Komton V, Adegbite-Adeniyi C, Dolansky MA, Hardin HK, Borawski EA. Development of the Systems Thinking Scale for Adolescent Behavior Change. *West J Nurs Res*. 40(3),375-387. <https://doi.org/10.1177/0193945917697219> Questionário de relatório medindo a frequência de comportamentos demonstrados por um adolescente.. Os comportamentos são baseados nas sete conexões de Glasser. Patient Health questionnaire 9 (**PHQ-9**) - Martin A., Rief W., Klaiberg A. & Braehler E.(2006). Validity of the Brief Patient Health Questionnaire Mood Scale (PHQ-9) in the general population. *General Hospital Psychiatry* 28, 71 – 77. Questionário de auto-relato medindo construtos consistentes com sintomatologia depressiva, and generalized anxiety disorder 7 (**GAD-7**) questionário de auto-relato de sete itens que mede construtos consistentes com ansiedade. Delgadillo J., Payne S., Gilbody S., Godfrey C., Gore S., Jessope D., Dale V. (2012). Brief case finding tools for anxiety disorders: Validation of GAD-7 and GAD-2 in addictions treatment. *Drug and Alcohol Dependence*,125, 37-42

Autor/ano País	População	Intervenção	Técnicos envolvidos	Resultados
Mueller & McCullough. 2017 EUA	Jovens com PSTD	10 sessões de EFP de 2h ao longo de 12 semanas em pequenos grupos. Diretrizes da PATH. As sessões foram conduzidas por um assistente social com o apoio de um instrutor de equitação terapêutica treinado pela PATH. As sessões incluíram atividades no solo e atividades montadas. O grupo de controle continuou a receber serviços semanais de terapia cognitivo-comportamental com foco no trauma.	Terapeuta – assistente social e instrutor de equitação	O grupo controle teve pontuações CRIES significativamente mais altas em comparação com o grupo experimental, $t(52) = -2,23$, $p = 0,03$, com um tamanho de efeito moderado de $d = 0,61$. CRIES, $F(2, 96) = 10,70$, $p < 0,001$ com um tamanho de efeito grande de $d = 0,89$, indicando que as pontuações do CRIES diminuíram significativamente para todos os participantes (em ambos os grupos) ao longo de 10 semanas. Os participantes do grupo experimental e controle não tiveram pontuações CRIES significativamente diferentes ao longo dos três tempos. No HABS as pontuações foram consistentes ($M = 67,2$, $SD = 7,6$), Semana 5 ($M = 67,5$, $SD = 10,3$) e Semana 10 ($M = 70,4$, $SD = 8,8$). A ANOVA de medidas repetidas indicou que não se evidenciou nenhum efeito nos sujeitos para o tempo tratamento, indicando estabilidade em HABS ao longo dos três pontos de tempo, $F(2,38) = 1,40$, $p = 0,26$, $d = 0,32$. Verificou-se uma correlação negativa entre o tempo de tratamento e os sintomas de PTSD $r = -0,43$, $p = 0,03$, IC 95% $[-1,16, -0,05]$.
Roberts & Honzel (2020) EUA	Adolescentes com distúrbio emocional	Os participantes receberam terapia de grupo tradicional e equoterapia em grupo uma vez por semana durante um período de oito semanas como parte do requisito para o grupo terapêutico em casa. Terapia foi ministrada em grupo. As terapias eram fornecidas com 48 horas de intervalo um do outro. Tanto o grupo tradicional quanto as sessões de EFP seguiram um modelo de terapia cognitivo-comportamental focada no trauma (TF-CBT). As sessões foram conduzidas pelo terapeuta licenciado e por um instrutor de equitação certificado PATH. As sessões tinham duração de cerca de 120 minutos. O grupo de participantes no centro hípico era dividido em dois, um fazia atividades EFP (45 a 60 minutos) enquanto outro fazia as atividades nas “boxes” no mesmo período e depois trocavam.	terapeuta licenciado e por um instrutor de equitação certificado PATH.	Não se verificaram aumentos significativamente maiores no afeto positivo após a EFP comparativamente com a terapia de grupo tradicional. Não houve interação significativa entre terapia e o tempo para afeto positivo ($F(1,33) = 1,253$, $p = 0,271$). Verificaram-se aumentos positivos significativos entre o antes e depois das terapias. O efeito negativo não diminuiu significativamente após a EFP em comparação com a terapia de grupo tradicional: não houve efeito principal significativo da terapia ($F(1,33) = 1,362$, $p = 0,252$), ou interação da terapia e tempo ($F(1,33) = 0,910$, $p = 0,347$) para o afeto negativo.
Atherton et al., 2020 EUA	Adolescentes diagnosticados com transtorno por uso de substâncias	Seis sessões de intervenção (1x semana) em grupo EFP com base na teoria /terapia da realidade. As sessões tinham a duração de 1,5h. Iniciavam-se pela equitação (1 hora) e depois era realizada uma sessão de terapia de grupo conduzida pelo terapeuta conselheiro em dependências (meia hora) onde era abordada a sua experiência integrada nos comportamentos de conexão de Glasser (ouvir, confiar, apoiar, encorajar, respeitar e aceitar e negociar as diferenças). As seis sessões foram desenhadas integrando objetivos terapêuticos e objetivos de equitação. As atividades foram estruturadas para ajudar a alcançar os objetivos. Os objetivos terapêuticos eram (A) aprender a resolver problemas em situações difíceis e (B) encontrar uma resolução comum para o resultado desejado. O objetivo da equitação era aprender a influenciar o movimento de um cavalo usando apenas linguagem corporal e trabalho em equipe, sem cabresto ou corda.	A equipe envolvida em cada sessão incluía um conselheiro de dependência, um especialista em equinos e um treinador de cavalos.	Os resultados sugerem que os adolescentes com transtornos por uso de substâncias que completaram a intervenção EFP mostraram promoções em comportamentos associados aos sete hábitos de conexão de Glasser com resultados estatisticamente significativos. PHQ-9, houve diferença significativa entre os resultados do pré-teste ($M = 17,00$, $SD = 2,16$) e pós-teste ($M = 10,20$, $SD = 1,55$) [$t(9) = 18,94$, $P < 0,001$]. Para o GAD-7, houve diferença significativa entre os resultados do pré-teste ($M = 9,80$, $SD = 1,23$) e pós-teste ($M = 4,60$, $SD = 1,90$) [$t(9) = 13,38$, $P < 0,001$]. Especificamente, os resultados sugerem que os adolescentes com transtornos por uso de substâncias que completaram a intervenção EFP apresentaram diminuição na sintomatologia depressiva e ansiosa.

Anexo E – Síntese do estudo publicado em Portugal sob a forma de artigo

Autor/ano	População	Instrumentos utilizados	Participantes que preenchem os instrumentos	Momentos de avaliação	Quem referenciou para intervenção
Leitão, 2004	Crianças com ASD Sem nunca terem tido qualquer experiência com cavalos (ou terapias com outros animais), a totalidade dos participantes esteve a frequentar o programa Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children (TEACCH), em simultâneo com esta intervenção	PEP-R ATEC EPE	Pais, educadora e criança	2 momentos Antes e depois da intervenção	Recrutados para o estudo
	Idade				
	5 a 10 anos				
	Sexo				
	N=5 Masc.=4 Fem.=1				

Psychoeducational Profile Revised (**PEP-R**) - Schopler, E., Reichler, R. J., Bashford, A., Lansing, M., & Marcus, L. (1990). Individualized Assessment and Treatment for Autistic and Developmentally Disabled Children: Vol. 1 Psychoeducational Profile-Revised (PEP-R). Pro-ed) dá-nos informação em sete áreas do desenvolvimento e quatro do comportamento. Autism Treatment of Evaluation Checklist (**ATEC**) - Rimland B, Edelson M. (1999). Autism treatment evaluation checklist. Autism Research Institute <https://www.autismeval.com/ari-atec/report1.html>. <https://www.autismeval.com/ari-atec/report1.html> tem como principal função, avaliar a eficácia das diferentes intervenções com crianças autistas. Grelha de Observação (individual/sessão) para Equitação Psico-Educacional (**EPE**) com crianças autistas foi elaborada especificamente para este trabalho, com base no PEP-R, no ATEC, na Rafferty Therapeutic Riding Program Evaluation Form (Rafferty, cit. in Engel, 2000) e na experiência do investigador. Considera duas situações distintas, apeado e montado, organizadas em torno de duas áreas do Comportamento: Relacionamento e Afeto, e Linguagem- As mães de cada criança foi aplicado o ATEC (B. Rimland, & S. M. Edelson, 1999) quinzenal e exclusivamente durante o período de aplicação do tratamento (EPE), a saber, 16 semanas.

Autor/ano	População	Intervenção	Técnicos envolvidos	Resultados
Leitão, 2004 Portugal	Crianças com ASD.	As sessões semanais de EPE perfizeram um período de 16 semanas. Decorreram aos fins-de-semana, sempre à mesma hora, quase sempre no mesmo picadeiro coberto e com a participação do mesmo pônei a Duquesa. divididas em dois períodos, sistematizados em função de uma progressiva aquisição de competências. O primeiro período integra a Adaptação e o Backriding, enquanto o segundo período corresponde ao Nível I e ao Nível II (com uma complexidade e duração superiores).	Técnico equino + terapeuta ?	Os resultados são apresentados caso a caso individualmente. Escala do Desenvolvimento do PEP-R, registou-se um aumento da Idade de Desenvolvimento para todos os participantes A Escala do Comportamento do PEP-R permite observar que todas as crianças registaram melhorias, ainda que, na generalidade, circunscritas a algumas áreas. A área do Relacionamento e Afeto foi a mais favorecida em todas as crianças.

**Anexo F – Síntese dos estudos realizados em Portugal e apresentados sob a
forma de dissertação**

Quadro identificativo das teses

Autor/ano	Título da tese	População estudada	Âmbito da tese	Universidade
Lobo, AA (2003)	Equitação terapêutica: a influência de um programa de equitação terapêutica em jovens com problemas/distúrbios comportamentais portadores de Deficiência Mental Ligeira	Jovens com problemas/distúrbios comportamentais portadores de Deficiência Mental Ligeira	Ciências do Desporto e Educação Física – especialidade de educação física adaptada	Universidade do Porto
Antunes, SPC (2012)	O cavalo enquanto co-terapeuta: estudo exploratório com adolescentes PIEF (Plano Integrado de Educação e Formação)	Adolescentes sem necessidades especiais e deficiência física que frequentam PIEF (jovens que estão em situação ou em risco de exclusão social)	Psicologia Clínica	ISPA-Instituto Universitário

Quadro com a caracterização das teses

Autor/ano	População do estudo	Desenho do estudo	Instrumentos	Intervenção	Resultados	Conclusão - validade
Lobo, 2003	N=16 idades (15-18 anos, M=16) grupo experimental (N=8; Masc.=7 e Fem.=1) Grupo controlo (N=8; Masc.=6 e Fem.=2) Amostra conveniência (psicólogo e psiquiatra da instituição). Escolhidos aleatoriamente para os grupos	Estudo experimental Não randomizado	CBCL pais (Achenbach, 1991a), TRF professores (Achenbach, 1991b) e YSR (Achenbach, 1991b), alunos (versão portuguesa, Fonseca e col., 1994;1995). Aplicação antes e depois da intervenção	Programa de equitação terapêutica duração de 3 meses, 20 sessões de 30 minutos (volteio) 1ª fase aproximação (colocar cabeça, conduzir cavalo á mão, limpar o cavalo, aparelhar 2ª fase volteio – exercícios a cavalo progressivos trabalhando diferentes partes do corpo 3ª fase ruptura (conduzir cavalo, desaparelhar e limpar	Diminuição estatisticamente significativa no grupo experimental após programa - Comportamento de oposição/imaturidade, isolamento e ansiedade. Decréscimo não significativo estatisticamente - Agressividade, comportamento obsessivo, Sem alterações no domínio hiperatividade/atenção, depressão, problemas sociais e queixas somáticas Diminuição estatisticamente significativa na ansiedade Verificaram-se maiores alterações positivas do comportamento por parte dos professores do que dos pais.	- Maior influência do programa Equitação Terapeutica nos problemas externalizantes do que nos internalizantes. Limitações: Tamanho da amostra - pequena Não aleatorização da amostra do estudo Não há descrição de comorbilidades e/ou outro tratamento usado concomitantemente Não é realizada avaliação por sessão Não existe qualquer abordagem psicoterapêutica, a ET tem objetivos pedagógicos e recreativos. Sem Follow-up (eficácia intervenção ao longo do tempo)

Achenbach, T. M. (1991 a). *Manual for the child behavioural checklist/ 4-18 and 1991 profile*. Burlington, VT: Department of Psychiatry, University of Vermont. Achenbach, T. M. (1991b). *Manual for the teacher's report form and 1991 profile*. Burlington, VT: Department of Psychiatry, University of Vermont. Achenbach, T. M. (1991c). *Integrative guide for the 1991 CBU4-18, YSR, and TRF profiles*. Burlington, VT: Department of Psychiatry, University of Vermont. Fonseca, A.C.; Simões, A.; Ferreira, J.A.; Rebelo, J. A. e Cardoso, F. (1994). Inventário de competências sociais e de problemas de comportamento em crianças e adolescentes. *Psychologica*, 12: 55-78. Fonseca, A.C.; Rebelo, J.A.; Ferreira, J.A.; Simões, A.; Cardoso, F. (1995). Inventário de comportamentos de crianças para professores- Teacher Report Form., Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXIX, 81-102

Autor/ano	População do estudo	Desenho do estudo	Instrumentos	Intervenção	Resultados	Conclusão - validade
Antunes, 2012	N=6 (16-18 anos; M=17) Grupo experimental (N=3; Masc.=2, Fem.=1) idades (4-5 anos M= 4) Grupo controlo (N=3; Masc.=2, Fem.=1) Selecionados professores e técnicos	Estudo quasi experimental	Figuras complexas de Rey e Matrizes progressivas de Raven para emparelhar as amostras. TRF pais, TRF professores e YSR alunos (versão port., Fonseca e col., 1995), aplicação antes e depois da intervenção.	Programa com duração 3 meses, 12 sessões de 30 minutos de volteio (3 fases: aproximação, volteio e rutura).	Não se verificaram diferenças nos grupos no pré-teste. No pós-teste as diferenças foram estatisticamente significativas entre os grupos, destacando-se o grupo experimental com a diminuição no isolamento social, ansiedade, agressividade na avaliação de pais, professores e dos alunos.	Limitações: Amostra pequena, não aleatória Acompanhamento do grupo experimental por um adulto, variável parasita) Não existe qualquer abordagem psicoterapêutica, a ET tem objetivos pedagógicos e recreativos. Não há follow-up para verificar se as alterações verificadas na pós intervenção (ET) perduram no tempo



**instituto de
psicologiae
Ciências da
educação**
Universidade Lusíada

